SILVA PINTO

PARA O FIM

1908—1909

1909

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

PARA O FIM

PARA O FIM

1908—1909

1909

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

A

Flamiano José Lopes Ferreira dos Anjos

Carlos Pecquet Ferreira dos Anjos

E

Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos

Gratas recordações da minha mocidade.

1909

SILVA PINTO.

Em janeiro de 1909, em Lisboa, passou a outra vida, segundo minha crença, que não discuto, — Polycarpo José Lopes dos Anjos, octogenario, capitalista opulento e um dos ferreos trabalhadores de outras éras, — dos que sabiam realisar uma fortuna, sem permittirem aos *senhores Ricardos & C.ª* que lhes deitassem a garra. Fortes e lucidos batalhadores!

Não tive relações com esse extincto de agora; mas nunca o vi, no jardim da Patriarchal, que ambos, como visinhos, frequentavamos, sem me quedar, olhando-o, em contemplação retrospectiva e muito intima.

Era a minha infancia e era a minha mocidade o que eu via, e que cada vez me apparecem mais luminosas e mais proximas da minha illusão d'optica moral...

A minha infancia — symphonia da Dôr! — com o honrado e rispido homem que foi meu pae e sempre com a barreira do meu temor, entre nós ambos! E nos collegios, com os Lazaristas e com os Jesuitas — não peiores, antes em contrario, do que outros exemplares da especie, que mais tarde encontrei na vida; orgulho sustentado por triumphos escolares — de que eu conservo as provas — e uma certa mysanthropia de comple-

xas causas e origens. Depois, a minha mocidade...

*

N'um primeiro fasciculo das minhas *Noites de insomnia* (1897) e no meu livro *Pela vida fóra* (1900) apparecem desenvolvidos os topicos da travessia dolorosa. Falta dizer o que a referencia ao morto de agora me está impondo. Foi na minha passagem, demorada, pelo escriptorio dos srs. Anjos, velhos amigos e associados de meu pae — que eu aprendi a conhecer essa familia — e a prezar cada um dos membros d'ella. E no tracto de cada um e de todos, fica-

ram, para a recordação enternecida e imperecivel, os nomes de Flamiano Anjos e de seus filhos Carlos e Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos — um irmão e dois sobrinhos do que falleceu agora.

O que eu não esperava era vêr desapparecer duas gerações d'aquella familia e assistir, de cabellos brancos e entorpecido em meu physico — se do moral bem desperto, — ao advento de homens fortes da terceira geração. Agradeço a Deus a minha demora na Vida, pois que a alguem pezaria que assim não fosse...

1908

---

17 de agosto de 1908. — Finalmente, já não se trata de roubalheiras porcas! Ahi temos em scena um caso de cem contos de réis! Esse é dos *duros* — e retorcidos!

*

Do *Liberal* :

«De Cabanas seguiu para Biarritz, o sr. Teixeira de Abreu, ex-ministro da justiça, acompanhado do seu secretario, sr. Sebastião de Moraes.

«O ex-dictador vae, pouco a pouco, reunindo em torno da sua pessoa os companheiros da

negra aventura do seu revoltante ministerio. O que não dirão alli aquellas almas penadas do franquismo!»

...Imagine-se uma ceia final do ex-coisa com os seus discipulos. Que differença haveria entre tal ceia e a de Christo, ou a de Socrates?

Esperassem embora o ex-coisa — a cruz e a cicuta: para Christo é muito máu, para Socrates é muito burro.

Viva!

*

Ao que parece, tende a extinguir-se a peste nos Açores.

Compensando horrivelmente, lá vae o *advogado dos mortos* — ex-Teixeira d'Abreu — largar pêllos por essa Europa.

Pobres viajantes!

*

Férvem diariamente na chronica lisbonense os atentados ignobeis contra a infancia. Já não registro, porque não vejo castigo — nem á altura

. . . .

dos crimes, nem abaixo d'elles. Os infames, ou são ricos, — e evadem-se á justiça, *adiando;* ou são pobres, e *não vale a pena...*

Para taes casos, incluindo especialmente os de certos monstros que nem respeitam o proprio sangue, só concebo castigos corporaes. Um malandro d'esses — n'um calabouço, a pão e agua, e por *conducto* — bastonadas nas solas dos pés, até que o levasse o diabo.

Se o principe das Trevas não tivesse nojo de tal canalha!

... Isto vae n'um sino.

*

Vem muito a proposito o que na *Lucta* de 14 do corrente, diz o sr. Albino Forjaz de Sampaio. Extraio isto:

«Parece que foi ha muito tempo que o pobre Trindade Coelho renunciou. E agora eu só penso se vale a pena ir até aos 47 annos, esfalfar-se a creatura a trabalhar, reunir á volta de si alguns milhares de estremecidos volumes, afano-

samente escrever e corrigir, crear um filho, ir todos os dias carretando para dentro de si um cuidado, para depois ter que partir á pressa, secca, apoquentada, sem illusões, «desesperada de tudo isto»? Creio que não.

«A'manhã está esquecido. Paiz em que raros lêem, quem se lembra da obra de um escriptor? O encanto bucolico dos seus contos campezinos esquece tambem. Se elle, do Camillo, a maioria abre olhos pávidos e como aquelle, citado por Silva Pinto, ao falar-se do seu nome, diz que conhece e pergunta se é o «Sr. Camillo... da Régoa».

«Portugal não é paiz senão para politicos, trampolineiros, *chanteurs* e adeantadores. O resto emigrou — ou vae emigrar. Ha ainda os que combatem, Quixotes da sua idéa. Esses não se contam. Teem razão, razão ás carradas. Mas é certo sempre. Põe-se á votação e qual, o quê! Elles teem a razão mas os *outros* são em maioria. Resultado: Vence a maioria. Foi sempre assim.

«Julio Diniz está quasi esquecido. Cezario Verde, o grande, o luminoso Cezario Verde, apezar

dos esforços constantes, eternos quasi, de Silva Pinto, não é conhecido senão dos raros, dos raros apenas. Mil e quinhentos exemplares quando muito, e... D'esse Julio Cezar, se eu o não recordasse agora, aposto que os senhores tambem se não lembravam. O resto já sabem. Somma e segue.

«E' por tudo isto que eu me admiro de que ainda haja homens de lettras, em Portugal, que não sigam o unico caminho que aos homens de lettras se offerece: um tiro, gloria posthuma por tres dias e esquecimento por tres seculos.»

... Isto só se escreve — sentido. Representa intelligencia e coração. Valham-nos as excepções honrosas!

*

Regista a *Lucta*, ácerca dos funeraes de D. Carlos e D. Luiz Filippe:

«A cera custou a bagatela de 2:679$214 réis. Supponde que ella se vende, feita em vellas, á

razão de 900 réis o kilo, temos que, a illuminar os reaes cadaveres, se queimaram 2.977 kilos de vellas, ficando ainda alguns côtos por arder.»

Segundo o mesmo jornal revela, a importancia do embalsamamento do rei D. Carlos e de seu filho ascendeu a 8:580$000 réis, assim distribuidos:

«Medicos....	7:000$000
Pharmaceutico	980$000
Preparador................	600$000
	8:580$000»

Está certo. Agora liguem...
Observa *O Liberal*:

«Prova el-rei do rancho dos soldados e acha-o saborosissimo.

«Ora ainda bem que o sr. D. Manuel se não vê forçado a provar do caldo miseravel dos operarios. Achal-o-hia um horror.»

... Até féde esse horrivel caldo que o sr. D. Manuel nunca provou, nem cheirou. A gente

passa por uma das tascas onde se cozinha tal mixordia: e é de tombar,

E' que a ôlha e os temperos respectivos estão nos cadaveres embalsamados, mais na panella dos embalsamadores.

Ate o *Murinello* se ri, abraçado á *Virtude!*

*

A Santa Casa da Misericordia de Lisboa distribue premios de 5 e de 10 mil réis ás mães que melhor tratarem os filhos.

Murinello recebe *premio* de 120$000 réis por mez; e trata da pouca vergonha.

Bom tratante!

---

18 de agosto. — Hontem e hoje commemoraram os intellectuaes do paiz os anniversario da morte de dois espiritos eminentes: Eça de Queiroz e Sousa Martins. A proposito vem notar que o reinado de D. Carlos foi deveras *martyrisado* — pela morte de considerado numero de ho-

mens illustres. Citarei os nomes que me vão occorrendo, vinculados alguns d'elles a episodios tragicos, que são por muita gente conhecidos.

Lembro-me dos seguintes:

Camillo Castello Branco, Anthero de Quental, Julio Cesar Machado, João de Deus, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Sousa Martins, Manuel Bento de Sousa, Camara Pestana, Simões Dias, Luciano Cordeiro, Marianno de Carvalho, Alexandre Braga, José Elias Garcia, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Francisco Palha, Benalcanfor, Antonio Ennes, Luiz Osorio, Cecilio Sousa, Alves Correia, Heliodoro Salgado, Alexandre da Conceição, Luiz Augusto Palmeirim, Rodrigues Cordeiro, Alfredo Carvalhaes, Agostinho Albano, Beldemonio e Antonio Nobre.

Funesto e funebre reinado! Em tudo: no desapparecimento de homens e na exhibição de monstros!

*

«Constantinopla, 16 — Redzib Pachá novo ministro da guerra, morreu hoje repentinamente, victima de uma angina no peito.»

... Deu lhe a liberdade na fraqueza — ao pobre Turco!

Tem-se visto.

*

«Washington, 16 — A secretaria de marinha foi avisada de que dois navios japonezes pescadores de phocas no mar de Bering, foram aprisionados na ilha de S. Paulo.

«Serão comboiados pela *Uruga*, para Alaska.»

... Apostar em como o Japão concorda — e não faz pimponices, como com a China!

E' um paiz *sério*, como diz o allemão — a rir...

*

Pondera-me aqui do lado um homem conspicuo — que na Turquia seria logico acabar o serralho, mais os harens dos velhos devassos do antigo regimen!

Assim o entendo; mas, para evitar violencias, parece-me que as odaliscas devem ser conservadas intactas — como as decrepitas onze mil virgens do Catholicismo.

*

Peço á Camara Municipal que faça olhar para a sua gente, no jardim da Patriarchal. Veja a pessoa competente se obsta a que os transeuntes e as creanças sejam victimas das insolencias d'aquelles tyrannetes de fundilhos, — differentes dos *outros* em serem mais mal-creados!

Ou será preciso outro correctivo?

*

La Temporada en Mondariz é uma folha ingenua, cujo numero de 9 do corrente diz assim:

«— ... ¿Y no le han presentado á V. á un distinguido escritor portugués que se hospeda en el Estabelecimiento?...

«— No... ¿como se llama?...

«— ... Es el Sr. Ramallo Ortigão.

«— Ah!... conozco algunos de sus escritos, muy interessantes por cierto... me parece, no quisiera equivocarme, que es el auctor de *As Farpas*...

«— Pues está aqui con su señora...
«— Me alegro que la literatura portuguesa se encuentre en Mondariz tão dignamente representada...»

Aquella referencia ás *Farpas* deve ser biscata ao venerando octogenario. Tem peçonha!

*

Atenazado, hontem, na camara dos deputados, o reverendo Araujo Lima declarou — que tomava inteira responsabilidade dos seus actos *em todos os campos.*
Dominus vobiscum!

*

O *Murinello* encontrou um defensor, no *Portugal.* Acode de Arganil, pela demora.
Por esta simples amostra se vê a raça de amigos que o *Murinello* creou, com o seu prurido de *defender o thesouro da Santa Casa — dos po-*

bres que queriam cravar-lhe as garras aduncas...

Relincha, cavallinho !

---

20 de agosto.—A respeito da minha carta publicada no *Seculo*, na *Epoca*, na *Voz Publica*— e no *Portugal* (1)—ácerca do *João Franco a estudar* (venha de lá essa folia !) apparece-me um *pratico,* que provoca este dialogo — entre elle e *moi, chétif :*

— V. precipitou-se (diz elle).

— ?

— Devera esperar o parecer d'uma commissão.

— Por quem nomeada ?

— Pelo ministro.

— *João Franco ?*

— Claro !

— Negro ! Temos circulo vicioso ! O tal mi-

---

(1) Vae no fim d'este livro.

nistro podia ordenar ao director geral de instrucção publica—que nomeasse uma professora primaria para a aldeia de D. Mària: foi o que elle fez, sendo director geral José d'Azevedo Castello Branco. O que *o ministro João Franco* não podia—era escolher uma commissão superior, dando-lhe fóros de competencia, quando exonerou, após uma syndicancia estupida e vil, o director geral d'instrucção publica, Abel Andrade; menos ainda podia alapardar-se por detraz da *sua commissão* — para roêr os contractos leaes dos antecessores no poder.

— Conclue?

— Sempre o ridiculo intrujão e o crudelissimo algoz do seu proximo (infelizmente proximo!) nos atentados contra a honra, o trabalho, a liberdade e a vida. Para lhe desculpar a má-fé e o cretinismo só encontra defeza *no que defende o Murinello*. Miseravel creatura!

*

De estalo e assobio. Vem na *Republica*:

«Antes de remetter para a *Gazeta de Noti-*

cias o celebre artigo sobre *D. Carlos o martyrisado*, o sr. Ramalho Ortigão, o ex-iconoclasta das *Farpas* e antigo meentingueiro republicano, recitou ao sr. D. Manuel a mencionada peça necrologica, quando ella estava quente ainda do calor da gestação,

Concluida a leitura, o monarcha abraçou commovidamente o velho plumitivo e observou-lhe:

— E' pena que um tão bello trabalho vá para um jornal extrangeiro...

— Que quer Vossa Magestade ' Em Portugal não ha jornaes monarchicos se não a fingir...

— Isso é verdade. Nunca me ha de esquecer a maneira como procederam no dia da tragedia. Em todo o caso, talvez o seu artigo pudesse publicar-se na...

— Onde, meu senhor?

O rei, depois de hesitar por mais uns instantes:

— Na *Nação,* por exemplo.»

... Até que, afinal, temos um rei com bello espirito e são juizo!

Malicia e philosophia! Chuchae, Luzos!

....

*

Peço policia — contra os vendilhões de leite!

E policia do *ministerio do reino* — que é a que lhes não agrada...

Com vista ao sr. dr. Ricardo Jorge!

*

Bom Zé e a *Tia Zepha* compram os *supplementos* cheios de asneiras e mais nada—e achamn'os mais noticiosos do que os jornaes.

Tambem compram *carqueija* aos gaiatos — peior e mais cara do que no carvoeiro.

Por egual, compram *rendas* aos gallegos — peiores e mais caras do que nos estabelecimentos.

O *bom Zé* e a *Tia Zepha!*

*

Do sr. Sousa Monteiro — ornamento da Academia das Sciencias:

«Entre nós, meridionaes, Democracia será

sempre synonimo de acervo, na melhor hypothese, em theoria de «utopias sentimentaes», na pratica e sempre, de ainda mais feias e perigosas coisas. . Por conseguinte, de Democracia o menos possivel. E' o parecer do Carlyle, por agora, e o meu.»

... Este academico tem bexigas, mas não é Mirabeau nem Vergniaud. E' elle mesmo: bom homem, mas com aquella mania de escrever!

*

A proposito do castigo corporal soffrido por um dos do *João Franco*, hontem, na camara dos deputados, ás mãos honradas e justiceiras do sr. João Pinto dos Santos,—entendo que o mais simples e logico teria sido não deixàr entrar similhante gente no parlamento; escorraçal-os logo no primeiro dia; e os seus eleitores que fossem á tabúa,— que não mereciam mais.

*

Do feiissimo e bonissimo sr. Sousa Monteiro:

«Aristoteles, que ainda é e será sempre mestre em taes assumptos, nunca appellidaria democracias ás nossas democracias, nascidas da Revolução e de seu pae Rousseau.»

... Bem dizia uma velha fadistona do *high-life*, ao vêr, do electrico—onde era minha companheira—passar na rua o bonissimo e feiissimo senhor Sousa:

«— Homens d'aquelles só lá vem um de seculo a seculo!»

Lá vem um!

*

Do *lá vem um Soisa:*

«Ha uma coisa só que sabem indubitavelmente fazer as Democracias: morrer. Se sempre sem grandeza, com presteza sempre. Não lh'o esconde e justo é que lh'o não esconda, o meu illustrissimo escocez.»

Não esconde o escocez, nem o sr. Soisa—nem eu. Mas não é caso para gabarolas. E' do temperamento, como dizia o outro — da Coragem.

....

*

Do *Liberal*, a proposito do suicidio do sr. Franzini :

«Dir-se-ha que a deprimencia dos tempos que vão correndo investe com certos temperamentos e os enche de nojo tal, que a morte representa uma libertação consoladora.»

E' assim. Ha duas *classes* que não matam : — a dos homens que fariam falta a innocentes da mixordia — e a dos canalhas que da mixordia vivem.

Entre estes, o sr....

*

... Eu ia a dirigir-me a *Murinello*, mas o seu reverendo defensor — de ultima hora — estava tão perto d'elle, que fiquei com as botas sujas, — e que maldito cheiro !

Vamos ao engraxador — com chloreto prévio !

... Relincha, cavallinho !

---

21 de agosto. — No intuito negregado de me deitar a perder, denuncia-me iniquissimamente (?) o reverendo *Relincha Cavallinho*, no *Portugal*, de ha muito, eu nada fazer como director, na Casa de Correcção de Lisboa.

Iniquissimamente! Ninguem ignora, intra e extra-muros da Cartuxa, que emquanto o pessoal vigia, instrue e educa os menores, eu *faço sentinella*, com toda a attenção possivel: — que não penetre no estabelecimento *aquelle mestre de Moral* — o que seria a desmoralisação dos recluzos.

Dá que fazer a especial vigilancia: que o *cavallinho relincha* n'uma parte—e dá coices n'outra.

Chiça!

*

Na camara dos deputados, o sr. dr. João Pinto dos Santos mandou para a mesa a representação dos empregados civis que foram sargentos, pedindo a contagem do tempo que deram ao serviço militar, para a aposentação.

Ha mezes, e talvez annos, que eu barafusto e

berro, por que tal se estabeleça — em relação a todos os ex-militares. A *lei* existiu até ao dia em que um ministro da Fázenda, mal humorado e mal inspirado, a supprimiu. Por humanidade e por decoro — restabeleçam isso!

*

Recebi agora, pelo correio, uma carta *cautellosamente escripta á machina* — cobrindo-me de injurias, em defeza de *Murinello.* Reproduzo uns trechos:

«Finges que não sabes que é falso existir a tão celebre carta que tão sophismada foi.»

Que ideia fará a besta murinellica de *sophisma?* A carta está em cofre e é um documento de estalo e assobio

Mais:

«Não sabes que o relatorio d'elle desfaz todas as accusações e tanto lhe fizeram justiça que continúa recebendo todos os soldos.»

Aqui é que torce a porca o rabo! E mais, esclarecendo:

«Fica certo de que elle continuará com a protecção do provedor.»

Chucha, Virtude Protectora!

E agora uma ideia: Vamos lá para os tribunaes?

Desdobrando a ideia: — *Renove* o pedido de conferencia, para explicações — pedido que me trouxe um excellente homem que eu conheço ha annos — o sr. A. Costa.

E, no entanto, emquanto se aperfeiçôa o covarde ladrão em *escrever cautellosamente á machina*, vá lá um alvitre:

Publica, diariamente, o *Seculo*, este annuncio:

«Trapo

«Compra se qualquer porção, bom para limpeza de machinas. Nas officinas do *Seculo*, das 11 ás 4.»

Murinello e os seus defensores e *cobertores* ahi teem onde vender o seu prestimo *honradamente*, a não ser... a não ser que sujem as machinas — *como esfregões de latrina.*

---

22 de agosto. — Justiça inteira: se eu ataco o *Murinello*, diz-me elle, em carta *cautellosamente feita á machina:* — «Quanto lhe pagam os taes, para v. me aggredir?» E se eu estou oito dias sem pensar no *Murinello*, escrevem-me os outros — que ainda não teem machina de escrever — mas tambem cautellosamente anonymos: — «Quanto lhe pagou o *Murinello*, para que v. o deixe?»

Diz-me o meu velho amigo Tiberio:

— «Se os porcos não pensarão na bolota!»

Diz bem. E a tal espectaculo negro se assiste, com a cabeça branca. Que ralé sarrafaçal!

*

Na sua carta *cautellosamente escripta á machina* — a qual machina foi paga com o dinheiro

honradamente ganho, — tem o José Leopoldo Murinello a pouca vergonha de me dizer:

— «A caravana passa, sem olhar para v.»

Está na corrente das imagens orientaes: *caravana* quer dizer *quadrilha.* Creio bem que continuará a receber. Conheço o meu paiz ha 50 annos. Mas ao lado do *Fajardo* ficará *Murinello* (José Leopoldo) no diccionario de lingua: synonimo de *olho vê e mão pilha.*

E fallaremos dos protectores — *todos.*

*

Acabo de lêr n'um jornal que el-rei se mostrou descontente e pallido, em Torres Vedras. E então leio, n'outro jornal os seguintes versos saloios, que lhe *atiraram* no sitio de A dos Cunhados:

A festa vae findar. Se ella merece
mais brilho do que a terra não consente,
comtudo El-Rei sorri ledo e contente;
El-Rei vae *satisfeito,* ao que parece.

Mais *satisfeito* iria, se soubesse
que a Deus por elle fica toda a gente
de cada peito erguendo um voto ardente,
de cada lar á noite ardente prece.

Senhor! Oiça-nos Deus, e haveis de ter
um duradoiro e prospero reinado,
c'os applausos e amor de todos nós.

Senhor! Oiça-nos Deus, e haveis de ser
um novo *D. Manuel*, o *Afortunado*,
resuscitando as glorias dos avós.

E' um alfobre de sandices, mas o leiteiro que taes gerou deve ser muito considerado na térrinha. O desaforo está em metter Deus na pagodeira...

Que até póde cahir um raio!

*

Na camara dos pares, bastou que o sr. Dias Costa reclamasse *um conto e duzentos mil réis* annuaes, para a familia do fallecido *Galhardo*,

ex-governador do nosso ultramar, para que se lhe déssem, sem discussão.

— Do pão do nosso compadre, boa fatia ao nosso afilhado!

Os afilhados somos nós, bom Zé, e a boa fatia é a do nosso trabalho — roubada aos nossos filhos.

Este nosso poema não tem fim!

*

De passagem:

Aviso aos mensageiros possiveis, de que mal vejo acima de *doze passos*. Não me bato, pois, a maior distancia — mas dentro d'ella acérto sempre.

Isto é com o *sport*.

---

23 de agosto. — *João Franco* foi entrevistado, em Biarritz, por um da *Correspondencia de España* — a tal folha de Madrid, que inventa as *scenas* do sr. Alpoim na camara dos pares.

. . . .

Dizia, na *Irmã Anna*, de Paulo de Kock, um velhote caturra, a um intrujão que o burlára, — sempre que lhe ouvia fosse o que fosse:

— «Aposto que é mentira!»

*

Diz o hespanhol:

«Consegui falar com o ex-dictador de Portugal, João Franco. Recebeu-me com encantadora amabilidade na linda *villa* de Larralde.»

Encantadora amabilidade do João Franco! Fóra, pantomineiro!

«João Franco não é o mesmo homem, taciturno e esquivo, que vi ha tres mezes em Hendaya, por occasião da tragedia de Lisboa, mas o João Franco tal como o conheceram os seus amigos de Portugal, affavel, sorridente e cortez.»

. . . . .

... Affavel, sorridente e cortez! Que trapalhão!

Conclue o charlatão — que o assumpto é ôco:

«O ex-dictador deu-me a impressão de um homem perfeitamente senhor de si e isento de receios.»

A' ultima hora, corajoso! Se ha mais comico reporter — do que o tal gallego!

... Mas não falemos mais no *assumpto.*

... Emquanto *elle* estiver a distancia — bem entendido!

*

Está causando sensação em Lisboa a descoberta de mais uma companhia de *senhores Ricardos*, que se compõe do *Costa Ladrão* e outros cavalheiros conhecidos e cotejados. A justiça procede, pois não ha pretexto para *indecisões.*

*

Escreve-me *á machina* o *Murinello*, dizendome que conta com a protecção dos *virtuosos.*

A quem o diz: conhecendo eu o meu torrão, ha 5o annos!

Exultem!

Mas, d'ora ávante, terão os diccionarios portuguezes mais esta prosa:

— *Murinello* (José Leopoldo): termo popular portuguez, para designar um dos de *olho vê e mão pilha*. Como a palavra *Fajardo.*

---

25 de agosto. — Quer, furiosamente, *um dos do meu tempo* — que eu me preoccupe n'umas infamiasitas que elle cita: um *bouquet.* E eu digo-lhe que bom é descançar, tomando cerveja *Germania.* E pensar n'isto: que a dôr e o infortunio são elasticos: se o padecente se encolhe, infortunio e dôr mais apertam; se a gente, causticada, dilata o physico, o soffrimento alarga. Eu, desde que fiz a descoberta, passo a vida a espregüiçar-me, quando não está *gente de fóra.*

Esperar, com a hypothese de acabar—quando se está esperando. O bello inesperado! Dizia-me uma vez o meu pobre amigo, o sabio doutor F.

Ferraz de Macedo: — «Como vês, rio-me quasi sempre, por fóra; por dentro rio-me sem descanço. Era o que faltava: com a Morte certa e tomar a sério a dôr da Vida! E' claro que não se nasce de um feitio moral uniforme, mas os bons espiritos devem arranjar *uma uniformidade.*»

Lembro-me d'elle com muita saudade. Principalmente, quando olho para tantos monstros de vario ridiculo e de varia infamia — cada *escroc*, cada invertido, cada gatuno!

*

Quer *um moderno* — que eu me pronuncie ácerca do nosso horrivel estado financeiro. Ora, eu lhe digo:

O maior homem de guerra de todos os tempos é para mim, desde a minha infancia, o carthaginez Annibal. Hei de dizer *porque*, quando encontrar *a quem*. Ora, como quer que o grande homem perdesse a batalha de Zama, contra os Romanos, e os senadores de Carthago censu-

rassem Annibal, deplorando as exigencias de Roma, Annibal respondeu-lhes:

— «Emquanto vos pizaram a dignidade e a honra, no decurso da Historia, não déstes signal de vida. Pedem-vos dinheiro, á força, e chegou a hora das afflicções!...»

... Refiro-me alli ao visinho de casaca azul.

*

Diz-me *um que os conhece á legoa:*

—«A Protecção mais Virtuosa, Catita e Omnipotente, do *Murinello*, é do paiz dos tritões, dos bezugos e dos cações: vulgo — *salsas ondas.* Não bata á porta da Santa Casa; ahi está a taboleta, estão os indignados e os causticados — e a caldeirada está... upa! upa! Quer que lhe diga dos cetaceos?

— Diga lá!

(Ao ouvido...)

— O' da guarda!...

*

... Que de trevas e materia para desfalleci-

mento nos apresenta o mundo dos factos! N'esta parte estou com Jules Simon, no seu bello prefacio ao seu luminosissimo livro *O Dever*. E com tal philosopho digo: — «Só ha luz e relativa segurança na esphera dos principios.»

Nem sempre — e evitemol-o quanto pudermos — o deprimente espectaculo, conjugado, do egoismo, da rapacidade, da hypocrisia, da consideração pela infamia protegida. Subamos, com a dignidade do nosso espirito e do nosso coração, ao mundo dos problemas. Interroguemos:

Existe acaso, fóra do Cathecismo e da Especulação, o chamado Deus?

E, se Elle existe, até onde intervem, — se intervem — nos destinos e nos actos da Humanidade e do individuo?

A morte marca o Fim, ou abre o Principio — após a dolorosa *introducção*, que é a Vida?

Diriam os faceis discipulos do facilimo Nordau — que, sendo a intelligencia humana impotente para resolver taes problemas, a logica inilludivel consiste em affastar a discussão d'ellas. Mas á sinceridade dos pensadores impõe o Destino — se não Deus — esta noção do Dever: —

contar com as conquistas da Sciencia; morrer amando-a e servindo-a e d'ella esperando.

E, outra vez dando a mão ao philosopho do Dever, direi:

As almas subalternas e os espiritos de tal baixeza só veem na Sciencia e na Probidade elementos para augmentar a prosperidade e a consideração.

E ha ainda outros *espiritos* e outras *almas*:— os que não admittem a Honra, nem a Sciencia: os que vivem da improbidade ignorante. Os maximos infames.

... Elevemos as almas, affastemol-as do *charco*. Arejar, purificar, — por hoje!

---

26 d'agosto. — Vive n'este engano d'alma o patriota *Zé Pançudo:*

— Que um respeitavel contrabandista e um celebrado bebado e um ridiculo parvo e um ignobil invertido e um desqualificado ladrão e um covardissimo pulha — deixam de ser o que são, ou alteram tal modo de ser, consoante *o partido em que se expõem.*

E' um *engano d'alma, ledo e cego:* já o nosso épico o deixou dito da *linda Ignez* — e pode servir para o *Zé Pançudo.*

N. B. — O nosso épico Luiz de Camões foi o *primeiro cantor das nossas glorias;* o *segundo* foi Eça de Queiroz — como fixou e afixou, eruditamente, aquelle guardião de benedictinos!

*

Refere *O Mundo* que na descripção das festas no Vimeiro, no *Diario de Noticias*, apparece, vezes sem conta, citádo o sr. S. Boaventura, administrador da Lourinhã e collaborador do *Diario.*

Cada um chega a braza á sua ventura.

D'ahi *boas venturas!*

*

Seis contos de réis é o que se pretende que o governo dê pela livraria do finado Vasconcellos Abreu!

Diz *O Liberal*:

«Se o chefe do governo consegue ver encerrada a sessão legislativa sem que se votem os projecticulos de compadrio, como aquelle de se comprar por 6 contos (!) a meia duzia de alfarrabios d'uma certa livraria particular, que não valem 600$000 réis, então até somos capazes de nos confessar admirados das prendas e mais partes do sr. Ferreira do Amaral.»

Seis contos de réis, ó gentes! E *não ha verba* para 500 réis por dia a uma professora auxiliar, distincta e trabalhadora! *Não ha verba*, mas ahi está a rede lançada aos *6$000:000 réis*, e já temos os 120$000 réis mensaes ao *Murinello*, o protegido dos tritões, dos bezugos e dos cações!

Seis contos de réis, ó povos! E a gente a cortar no pão dos filhos!

Andam aqui mosquitos — a buzinar!

Parecem avançadas do *malfeitor!*

Seis contos pelos livros velhos da familia protegida! Isto quando se sonha todas as noites com bancarrota — e quando a fome se alastra pelo paiz!

O fedor exhalado por esta incorrigivel *escola politica* é tal que até o orgão legitimista, *A Nação,* com as ventas atafulhadas de meio grosso, desperta e berra :

—«Que cheiro a decomposição !»

E' verdade : estão podres, avósinha. Só fogo do céu !

---

28 d'agosto. — Uma simples amostra do que se póde soffrer a um ridiculo :

Eu ignorava a existencia do sr. S., quando S. me insultou em folha de provincia (na Beira Baixa). Não contava, pelo que se viu, que eu soubesse dos insultos. Honrado e heroico procedimento !

Mas, da terra onde escrevia e publicava as farroncas insultuosas, alguem m'as remetteu com apontamentos ácerca do insultador : — Que era um grotesco, um idiota, mas que fizesse eu o que entendesse.

Levou dois sopapos (figurados) e amansou. Eu passei a outro assumpto.

Agora, em ferias, está no Minho, d'onde me

envia injurias, á conta de eu lhe haver *dado importancia* — que não esperava. Escuzado lhe era ir provocar-me tão de longe. Eu, *a mais de doze passos*, sou um invalido. Mas entendo-o nitidamente.

Quando terminarem as ferias e regressar ao seu posto — que lhe foi dado pelo generoso e intelligente *malfeitor*, — eu lhe contarei um conto, para instrucção dos rapazes — do lyceu.

Até lá, filho... da mãe!

*

Simples nota. — Escreve-me um dos meus raros leitores, protestando contra o facto — ainda para muitos inexplicavel — de haver-se convertido em visconde de Correia Botelho o grande Camillo Castello Branco, que tanto satyrisara titulares e titulos.

Eu lhe digo:

Camillo Castello Branco, no intuito de provar a certa cainçada titular á pressa, ou com demora, sua detractora e de sua mulher — que não *lhes* estavam cerradas—a elle, simples escriptor

é o maior de todos, nem a sua mulher, as portas do primeiro dos tres estados, obteve para si e para a sua consorte — D. Anna Augusta Placido — os titulos de visconde e viscondessa de Correia Botelho — e preferiu estes titulos, porque dos *Correias Botelhos* descendia e porque assim lhes quinhoava largamente das prosapias e lhes esmagava os desdens.

E por isto e assim foi que se deu o caso que é para tantos inexplicavel. Aquelle foi sempre grande, original e revoltado, até quando parecia transigir.

Mais nada.

*

Em 25 de setembro do p. p. anno de 1907, escrevi eu á *Voz Publica* do Porto:

«Do sr. Antonio Cabral, em «interwiew» com um redactor do *Mundo*:

— «Não sei qual governo succederá no poder ao actual. Qualquer que seja, é minha opinião, no entanto, que a despeito de não haver lei de

responsabilidade ministerial, se deve proceder criminalmente contra o sr. João Franco e collegas.»

... Onze mezes volvidos, com outro governo e com os seus acessorios de tragedia determinada pela sinistra aventura, é repellida a ideia de procedimento criminal contra o *malfeitor* e seus collegas no governo.

E' o brado de consciencia, a embargar severidades!

Certo é tudo que contra a ignobil dictadura se allega — em violação da lei e em atentados contra a Honra, a Liberdade, a Fazenda e a Vida dos cidadãos; mas a auctoridade moral dos julgadores? Onde está ella?

Nos adeantamentos?

No facto, ha dias sublinhado pelo deputado Centeno, de cada deputado ter na algibeira uma proposta para augmento de despeza?

Será alli o *auctorisado* o sr. Pequito — um dos adeantadores — que propõe o dispendio de *6 contos de réis*, para comprar os livros velhos da familia de um professor fallecido — quando a

bancarrota nos bate á porta e a fome se alastra pelo paiz ?

Fechem isso de S. Bento! Fechem a bodéga! Aliás, ficaremos sem pelle!

---

31 d'agosto. — Aos que se interessam pelas Casas de Correcção, pelos menores dependentes d'ellas e pela pedagogia em geral e em especial, é tempo de dizer — que o reverendo Antonio d'Oliveira, sub-director da Casa de Correcção de Lisboa (na Cartuxa), por mim convidado, em carta publica, a divulgar em livro, — por mim prefaciado, com satisfação e honra, — as suas conferencias pedagogicas, tão commovidamente admiradas pelos visitantes da Casa de Correcção supra, consente na publicação.

E' de crer que se realise no principio do anno proximo futuro, legalisados que sejam alguns melhoramentos do serviço e creados outros — por igual indispensaveis.

Folgo, como devem crer, em dar esta boa nova aos meus leitores e aos interessados n'aquelle

assumpto: assim eu possa, progressivamente abatido, collaborar ainda n'aquelle bello trabalho!...

*

Emquanto se não attinge a epoca subordinada ás circumstancias, quero eu annotar dois factos que são interessantes episodios na vida da Correcção de Lisboa, nos ultimos nove annos decorridos: é um d'elles a conformidade de *sentimento* do *padre* e do *livre pensador*, em frente das desgraças que áquella porta se tem apresentado: isto sem quebra de fé por parte do *padre*, nem de especial crença do livre pensador. O vinculo da caridade adoça as almas que vem unindo — e prepara-as para a mesma communhão. Haviam-se inspirado, os dois homens nas seguintes palavras do evangelico bispo Myriel ao forçado João Valjean: — «Esta casa não é minha, mas de Jesus Christo; esta porta não pergunta áquelle que entra como se chama, mas sim se soffre». Tal a base da crença e do proceder.

Outro facto: a escorrencia dos caracteres ga-

fos, depositando aos pés do padre a accusação de *maçon*. Entreteve-se na fórmula da calumnia a especie de magarefes das suas consciencias. Abaixo de tudo!

*

Aproveito o ensejo para citar, com breves annotações que, mais de espaço, devem ser desenvolvidas, as considerações formuladas em 22 do corrente, pelo deputado sr. Oliveira Guimarães, no nosso parlamento:

«Aproveita a occasião para se referir ao systema prisional, em relação aos delinquentes...

«A seguir fala nas poucas Casas de Correcção que temos entre nós; é indispensavel, affirma o orador, crearem-se mais Casas de Correcção, porquanto o que existe é tão pouco que lembra aquelle que désse a um desgraçado cheio de sêde uma gotta de agua! E' necessario todo o amparo, todo o desvelo e todo o cuidado com o criminoso. Para se evitar o crime é que se crearam as commissões de patronato. Estas commissões, eom relação aos menores, tem por fim

vigial-os, amparal-os e collocal os, depois de sahirem das Casas de Correcção; substituem o pae; e emquanto aos delinquentes maiores, o seu papel ainda é mais importante: teem por dever proteger a familia dos presos, educando os filhos e collocando os detidos, depois de sahirem da prisão. Pois querem saber quanto dá o Estado para estas commissões de patronato, para realisar todas estas complexas commissões? Apenas um conto de réis!»

Nem tanto merecem, até hoje, as commissões supra. Nada têem feito, e parece que nada comprehendido.

Esperemos.

*

Na sua ultima sessão (de sabbado 29), a camara dos pares votou, sem discussão:

«Que mantém a pensão de 12$000 réis mensaes que foi concedida, por carta de lei de 15 de julho de 1903, a Maria da Graça Lopes, viuva de Quirino Lopes, patrão do salva-vidas de Paço d'Arcos, e a suas filhas, para ser disfructada in-

tegralmente, em primeiro logar pela viuva, passando, por sua morte, para as filhas que se encontrarem no estado de solteiras ou viuvas, com sobrevivencia d'estas entre si.»

Está ganha a campanha, depois de cinco annos de martyrio da familia do patrão Lopes. Transmitto os agradecimentos d'essa familia, e os meus, aos parlamentares influentes, a quem me dirigi,— especialisando, na camara dos deputados, o sr. conde de Penha Garcia, e na camara dos pares, o sr. conselheiro João Arroyo.

Esta sim; honra o parlamento e tem o voto moral do paiz.

*

A *eterna cantata.* Dizem gazetas:

«Ao meio dia succedeu ao sr. major reformado Antonio Francisco um desastre que consternou todos os que o presencearam.

«Este official ia entrar n'um carro electrico na rua Augusta, quando o conductor, sem reparar n'elle, deu o signal de partida. O sr. Antonio

Francisco cahiu e as rodas passaram-lhe sobre o pé direito, cortando-lhe os dedos.

«O conductor foi preso.»

Depois?

Depois, o. passageiro soffrerá operação e poderia ter ficado esmagado; e o sympathico sr. conductor será solto, voltando a palestrar em politica com o archi-sympathico guarda-freio, e a namorar as sopeiras.

Está direito.

*

Referi-me, ha dias, com uns toques de pessimismo, consagrados ao publico, a uma tentativa de alguns benemeritos, á qual se refere assim *O Seculo* de hontem:

«Patronato da infancia

«NOVA ADMISSÃO DE CREANÇAS

«Mais quinze creanças foram hontem admittidas no Patronato da Infancia, cuja direcção assim correspondeu á receita que lhe proporcionou

a brilhante festa realisada no theatro Avenida, a 19 do corrente.

«O futuro do Patronato está sem duvida assegurado, não só pelos donativos que o publico lhe tem dispensado, mas principalmente pela comprehensão que lhe ligou como obra de saneamento moral, benefica para todos.

«O Patronato acha-se installado na rua das Escolas Geraes, n.º 7.»

... Os meus respeitos aos que assim trabalham na Obra do Coração e da Critica; e os meus parabens á intelligencia publica!

*

Inquietação geral! Mal estar! Presente para muitos, que sabem lêr, um terrivel verso de Anthero de Quental:

«E ao longe os passos sepulcraes da Morte.»

Mas a cruel verdade fundamental é que não aprenderam coisa alguma. Inutiimente o destino lhes pôz ahi o horror chamado *João Franco:*

. . . .

Salvou-lhes a vida um extraordinario e tragico acontecimento. Para a contrição e para a emenda? De modo nenhum: para a insistencia *nos processos de outro tempo.*

Viram como, depois dos adeantamentos, poude dizer, com verdade, o deputado Centeno — que cada um dos seus collegas tinha na algibeira, pelo menos, uma proposta augmentando a despeza.

Não lhes passou em claro o *ex-Necker* Pequito a propôr o desembolso de *6 contos* em livros velhos da familia Vasconcellos Abreu.

Reparem n'isto:

No sabbado passado, na camara dos deputados, leu-se um projecto concedendo uma pensão de 800$000 réis á familia do general Galhardo, que governou a India, pouco antes de fallecer.

Da chronica parlamentar:

«O sr. João de Menezes diz que não concorda com o projecto, que julga contrario aos interesses do thesouro; o sr. Sinel de Cordes defende-o, dizendo que não traz augmento de despeza, porque o general Galhardo já recebia aquella

pensão; o sr. Antonio Centeno insurge se contra a liberalidade com que se concedem pensões, sem o menor interesse pelo thesouro, e o sr. Pinheiro Torres faz suas as palavras do sr. Centeno. Depois, é o projecto approvado.

... *Depois, approvado!*

---

1 de setembro. — A extrema indulgencia é, por vezes e em certos homens, a maxima expressão de desprezo.

Li-o em Balzac e tenho-o observado na travessia. Está certo.

*

Vi-o, n'uma noite, em plena applicação, ha quinze annos, e não pude esquecer a *scena.* Certo é que occupava o tablado uma figura primacial. Foi no *Diario Popular,* pertencendo eu ao quadro da redacção. Entrou Marianno de Carvalho, occupou o seu logar, n'uma extremi-

dade da mesa commum, proximo da porta; escreveu uma carta e, fechando-a, tocou uma campainha — chamando alguem.

Entreabriu-se a porta que communicava com uma especie de gabinete de revisão, appareceu — livido, transpirando, de olhar transtornado, o revisor, João Antonio Lopes. Era um marreca e tinha-lhe atiçado.

Sem o encarar, dirigiu-lhe Marianno a palavra:

— Um moço para levar esta carta!

— Não ha.

— Então leve-a você!

— Leve-a você!

Disse — o marreca; voltou costas e fechou a porta atraz de si.

Olhámos todos, esperando uma explosão. Marianno de Carvalho parecia pensar n'outra coisa. Sobrescriptou a carta, levantou-se e disse aos presentes:

— Quando vier um moço, dêem-lhe esta carta: sim?

E affastou-se, passando, risonho, á casa de jogo — interior.

*

No dia immediato, antes de chegar Marianno, appareceu-nos na redacção o revisor, que nos diz:

— Estou perdido! Eu tinha pedido um logar ao sr. conselheiro, no Mercado Central de Productos Agricolas. Agora nem mercado, nem diario. Põe-me na rua, e é bem feito. Quem me manda ser bebado?!

... Chega Marianno. Senta-se e toca a campainha. Surge o marreca — semi-morto.

— O senhor (diz-lhe Marianno) póde ir ámanhã tomar posse do seu logar.

— Oh! sr. consolheiro!

— Feche para cá a porta!...

*

Em regra, importa que muito se tenha vivido: — isto é, soffrido em embates da traição, do egoismo, da deslealdade, da improbidade, da ingratidão, da insolencia covarde dos *parvenus*, — e presenciado o *fervet opus* dos intrigantes, dos

mexeriqueiros, dos servís e dos bajuladores — e o fracasso de mil e um calculos da insignificancia pretenciosa, assoprado pelos da especie — fracasso por vezes bem doloroso, — para se attingir, sentindo, uma certa misericordia, ou um profundissimo desprezo: porque melhor se diga. Tolerar! Esquecer! A Humanidade é tão tristemente tola — por mais que se ria — e todos soffrem tanto!...

*

... E ser enganado por toda a gente é tão natural — quando se é bom!

---

2 de setembro. — Vejam isto:

«Paris, 1 — O *Journal des Débats* censura acremente o sr. conde de Burnay por ter atacado a imprensa estrangeira nas suas ultimas cartas publicadas nos jornaes portuguezes e aconselha-o a, para outra vez, pesar melhor as palavras.»

. . . .

... Espero que ao meu julgamento final não levarei o delicto de haver defendido o sr. Burnay — nem o de haver atacado, com *segundo sentido;* mas aquella da folha de Paris a intimar modetação de quem conhece decerto, as facilidades do *Passez à la caisse*, é de fazer rir — como o *João Franco a estudar!*

Quizesse o Reilhac dos cartazes reproduzil-os no *Journal des Debats* e, depois de reproduzidos, fosse alguem protestar: a resposta seria, invariavelmente:

— *Passez à la caisse!*

Os melindres d'aquelle e d'outros da sua terra, a proposito dos desmandos... estrangeiros, lembram a accusação de *ratoneiros*, aos Allemães invasores de 1870, por parte dos que foram á China, com o *Palikao*, netos dos que vieram a Portugal, com o Junot e com o Soult.

Ai, *roupa de Francezes!*

*

Afinal sempre ficou em 800$000 réis a pensão *galharda*, proposta pelo sr. Dias Costa e votada pela camara dos pares — de 1.200$000 réis.

Cortou-ihe os 400$000 réis a camara dos deputados.

Do mal o menos!

---

4 de setembro. — Mais ou menos sabe se o que foi a *Casa do Infantado.*

Pertencia a D. Miguel, na qualidade de 2.º filho do rei D. João VI, mas após a lucta entre D. Miguel a D. Pedro, este, como regente, em nome da rainha, publicou a 18 de março de 1834 dois decretos:

No 1.º *destituia e exhauctorava* o infante D. Miguel, usurpador da corôa da rainha, de todas as honras, prerogativas, privilegios, isenções e regalias que na qualidade e pelo titulo de infante lhe pertenciam, declarando que não podia mais ser tratado ou nomeado tal, n'estes reinos.

No segundo decreto, consequencia logica do 1.º, foi extincta a *Casa do Infantado*...

Ora, aconteceu que os terrenos e outras dependencias do convento da Cartuxa, de Laveiras, onde está hoje a Casa de Correcção, foram,

desde a noite dos tempos, até 1901, *roubados* por uma malta de pessoas de bem residentes em Caxias e em Lavelras, as quaes declaravam pagar rendas á *Casa do Infantado*... que não existia.

A installação da Casa de Correcção na Cartuxa pôz gradualmente termo á *posse pacifica*. Os homens de bem vingaram-se. escrevendo cartas diffamatorias, — *aliás dignamente aproveitadas!* — contra aquelle estabelecimento, aos poderes publicos—e por fim dissolveram-se. Como do *pinhal da Azambuja*, só resta hoje a tradicção dos *rendeiros da Casa do Infantado*.

E' o saneamento espalhado *entre os saloios* — pela Casa de Correcção de Lisboa.

*

Corre mundo, impresso, este delicioso telegramma:

«Villa Nova de Famalicão, 3, ás 10, n.—Acaba de ser instruido processo á camara municipal d'esta villa, para despejar a casa onde funcciona a escola Alvaro Castellões, por falta de pagamento da respectiva renda.

«Pelo mesmo motivo, vão ser fechadas cinco escolas n'este concelho.»

... Em contrário do que diz o outro: *Çà marche!*

*

Apparece no *Diario de Noticias*:

«João Gonçalves Nunes Duarte, morador na calçada do Grillo, 2, ao Beato, queixou-se á polieia de que o dono de uma casa de jogo da rua de S. José, se recusa a dar-lhe 100$000 réis que ganhou á roleta.»

E explica *O Mundo*:

«Mas o mais curioso do caso é que João Gonçalves Nunes Duarte é o nome do *prior de Beato*, que móra tambem na calçada do Grillo.»

... *Sursum corda*, marmanjos!

*

O *Album Republicano*, 9.º fasciculo, do 2.º volume, corresponde a 1 de setembro corrente. Impõe-me referencia especial a tal numero da alludida publicação o retrato, que alli se publica, de *Martins Abreu*, natural de Pinheiro, con ceiho de Mortagua. Caracter de boa lei, rigido e austero como raros, e senhor de especiaes dotes de combatente pela palavra escripta e pela acção de extraordinaria energia, *Martins Abreu* é honra do partido democratico; — não se confunde com os parlapatões que á sombra de tal partido recolhem a estupidez bordada de velhacaria saloia. Tenho a honra de saudar aquelle que João Chagas e Guerra Junqueiro tanto e tão alto apreciam.

*

Na proxima sessão legislativa — se lá chegarmos — veremos mais dois ministerios em Portugal, o da instrucção publica e o da agricultura. Segundo o *Diario de Noticias*, a despeza nova será apenas a dos ordenados dos dois ministros,

pois que o pessoal sahirá das direcções geraes respectivas áquelles serviços, e que já existem.

Depois falaremos n'isso; mas o principal, agora, é *collocar dois ministros.* E' aviar — aliás temos um par de deliquios!

Ça marche!

*

Partiu para o estrangeiro o sr. Matheus dos Santos, director do Banco de Portugal e auctor do livro *Tripeças* — que ninguem chegou a vêr.

Vae estudar — como o *João Franco.*

*

A proposito do *malfeitor* :

E' elle louvado por não ter adquirido o meu livro *Em ferias* — por conta do contribuinte.

Temos tolice e gorda!

Por conta do contribuinte é que tudo se deve pagar. E o dinheiro náo chega para tudo.

Mas o *João* só disse — *que ia estudar.* Não chegou a dar coices aggressivos.

A estudar n'uma alcofa — elle; e eu a rir-me, irresistivelmente.

. . . .

Teria graça um trabalho do espirito *condemnado* pelo *João Franco!*

Arre!

*

Na camara municipal de Lisboa, trata-se de arranjar banhos para os pobres da capital.

A' ultima hora, aceio! Alimentação—nada!

Lavar cadaveres dos famintos...

De profundis!

---

5 de setembro. — O sympathico marroquino cahido, Abd-el-Aziz, vae em digressão á Terra Santa, dizem gazetas. Deve ser a Méca, e não a Jerusalem, qae vae o moiro.

Lembra outro sympathico e cahido, que foi do Terreiro do Paço, com o rabo encolhido, em digressão expiatoria ao Vaticano.

E' scisma dos maus telhudos — cahidos!

*

Vejo impresso que volta a ser disposição aduaneira o *drawback*—restituição de direitos pelas fazendas reexportadas.

Outr'ora, ha um horror de annos, o rei D. Pedro V ia á fabrica de estamparia de meu pae (na Ponte Nova, ribeira d'Alcantara). Ia alli com a rainha D. Estephania, descendo, com ella, a pé, das Necessidades, vêr trabalhar e informar-se do que era preciso que o governo á industria fizesse.

Uma tarde, meu pae falou-lhe do *drawback*—como medida protectora urgente. Era ministro Antonio José d'Avila; falou-lhe o rei, — dias depois era lei o *drawback.*

Foi ha um horror de annos. Depois acabou-se o *drawback;* acabaram-se as visitas régias ás fabricas. Veiu isso que ahi está...

Foi ha um horror de annos!

*

Abotoou-se, com alheias *massas*, o poeta americano Santos Chocano.

Antes isso do que um verso errado!

*

Protesto de uma gazeta de Lisboa:

«O calabouço n.º 7 d'este antro dava-nos hontem este vergonhoso espectaculo : entre as numerosas meretrizes, que quasi o enchiam, viam-se seis creanças, de edade variando entre alguns mezes e sete ou oito annos, filhas de diversas desgraçadas que durante o dia haviam sido presas por andarem esmolando.»

... Más companhias, afinal de contas; mas que ha de bom no genero ? Já lá dizia o *Beldemonio* : — «Antes só que bem acompanhado !» Pifio mundo !

★

Nas gazetas, ácerca de uma sessão ante-hontem malograda :

CAMARA DOS DEPUTADOS

«A's 3 horas da tarde, o sr. presidente, Antonio Rodrigues Ribeiro, como estivessem presentes apenas 5 deputados, marca sessão para segunda-feira, á hora regimental, com a mesma ordem do dia que estava dada.»

... Devia-se proceder a uma citação nominal — dos cinco benemeritos caturras.

Honra á virtude contumaz!

*

Registo elegante:

Parto hoje, ao lusco-fusco, para Alcantara, no *carro do povo.* Regresso a pé, — por motivos de hygiene...

(Não resisti a fazer figura!)

---

7 de setembro. — Já no nosso parlamento foi um dia citado o primacial orador da Revolução Franceza, como tendo emittido juizos sobre a controvertida questão — a liberdade de imprensa. Quer o citassem, quer não, no parlamento, Mirabeau teria de ser citado nos jornaes. Pois que elle votou, a questão é de primeira grandeza — permittam-n'o, ou não, os trapólas que fizeram uivar nas ruas de Paris: *La grande trahison de monsieur de Mirabeau!*

Eis aqui uns excerptos do discurso, que vem nas *Obras posthumas* do orador (vae sem adjectivo, pois que estão todos applicados aos palradores) : — discurso por elle destinado á Assembléa Nacional e que não chegou a ser proferido :

*

... «Não sei se uma grande parte d'esta Assembléa está convencida de que a liberdade de imprensa deve estar ao abrigo de qualquer *policia preventiva;* indubitavel é que o *regimen de censura*, reprovado, sem restricções, pela razão, deixar-nos-hia em frente d'este problema : — separar o bem do mal, as vantagens dos inconvenientes ; parecendo distinguir, amalgamava tudo !

«*Qualquer impresso* póde encerrar uma verdade importante : logo, é espantoso o perigo em que se incorre, prohibindo a sua publicação. Matar um homem e destruir uma creatura que raciocina, mas destruir um bom livro é matar a propria razão.

«E quem nos garante que no simples impresso,

esburgado por uma censura sem auctoridade, não esteja a essencia de um bom livro?

«*A maxima responsabilidade* — phrase muito banal, á força de exploração — não póde consistir em amarrar ao escripto o nome do auctor. Quem sabe que especie de razões obrigam um homem de bem a occultar o seu nome—quando tem de publicar verdades? E' certo que o anonymo significa muitas vezes maldade e cobardia, mas quantas não representa circumstancias dignas de respeito? Póde ser, o auctor encoberto, o chefe de familia que teme o desemprego arbitrario e vingativo, — que privaria do pão os seus; póde ser um espirito retrahido, que desadora as contestações ruidosas; póde ser um honesto caracter muito pudico, que trata de furtar-se ás represalias de bandidos — notoriamente para a difamação a frio. Ora, a verdade é que não se trata, ordinariamente, na esphera dos governos, de embargar ou de supprimir a imprensa mentirosa — e exautorada, mas sim a que diz verdades — ao alcance de todos.»

*

... Tal disse Mirabeau. Mis umas coisas que o *João Franco* ignorava!

*

Está o serviço de telephones por conta do Estado reclamando desenvolvimento, pois que já é consideravel o lucro que vae dando. Em tal sentido tem a Inspecção Geral dos telegraphos, etc., buscado auxiliar o progresso de tal serviço. Mas lá está o bonzo—vulgo o respectivo ministro, resmungando — «Não ha verba!» Ha, mas não para taes assumptos.

Çà ne marche pas — dizia o outro. Marcha tal, caminha, vae direito ao fim...

*

Nos jornaes de hontem, domingo:

«Falleceu hontem, na sua casa, na travessa da Torrinha, em Pedrouços, o major de infanteria,

reformado, Antonio Francisco Cardoso, que ha dias foi atropelado por um carro electrico na rua Augusta, como então noticiamos.»

... Alguem viu, na cadeia, os sympathicos guarda-freio e conductor?... Mas, deixem enterrar o morto!

*

No *Norte*, (do Porto), de 5, — vejo:

«Hontem de manhã passava o *Viatico* aqui em frente da redacção.

«O nosso correligionario e grande poeta Guerra Junqueiro, que dirigia seus passos em sentido inverso, parou e tirou o chapeu, cobrindo-se depois, para seguir caminho.

«Abruptamente, approximou-se do poeta um tal Evaristo, que accumula as funcções de relojoeiro com as de malcreado e que acompanhava o prestito religioso.

«Entre insultos e doestos proprios de tal cavalheiro, atirou ao chão o chapeu de Guerra Junqneiro, que supportou resignadamente a in-

juria, emquanto o homem se ia gabar do seu heroico procedimento.»

Está bem; mas, sendo Guerra Junqueiro uma gloria do seu paiz e do seu partido, e não um bolas, o unico desforço que se impõe aos patriotas e aos democratas *com recursos physicos* não é declamatorio. Já lá o dizia Camillo, de uns canalhas do Porto:

— «Quem quizer magual-os precisa de baterlhes.»

*

E' esperado com anciedade — *ui!* — o livro do grande prosador conde de Burnay.

Se elle quizesse, *tamém* o faria em verso, — para elle! Aquillo tem no bojo *mais um cantor das nossas glorias!* Como diria o outro...

*

Vê-se grega uma pobre senhora, com 200 contos, porque em Portugal, anno de acalmação — de 1908, uma quadrilha em familia a persegue

até á porta da escada — com olho mystico — nos 200 contos supra. Parece um romance de Montépin !

De tal perseguição estou eu livre. O que me haviam de levar já se foi, na corrente da Boa fé...

E diz o outro que *çà ne marche pas !*

*

Valha-nos isto ! Extraio do *Diario de Noticias :*

«Donativos ao Patronato da Infancia

«A direcção d'esta casa de beneficencia infantil resolveu officiar a todas as associações recreativas, para angariar socios, visto ser com a inscripção de socios que contribuem com mensalidades, que o Patronato se sustenta e progride — admittindo mais creanças.

«A primeira associação que respondeu a este apello foi o Real Club dos Caçadores, inscre-

vendo-se como socio, com a mensalidade de 15$000 réis »

. . . Consolador !

---

8 de setembro. — Vejam isto os *pacatos* — amigos da guerra :

«Brest, 7. — Corre o boato de que o vapor allemão *Tom Corfu*, aqui fundeado para reparações, se dispõe a sahir do porto, levando um importante carregamento d'armas para Marrocos.»

. . . Parece uma provocação em fórma, da Allemanha á França. Mas intervem a Providencia justiceira . . . Vejam agora isto :

«Berlim, 7. — O chefe socialista Bebel, a proposito das relações anglo-allemãs, disse hoje a um jornalista que, se os respectivos governos mostrassem tendencias para declarar a guerra, o seu partido faria o possivel para evitar a con-

flagração. No entanto, é de opinião que a guerra póde ser declarada n'um praso relativamente curto e que convém, por isso, advertir desde já o povo allemão sobre as consequencias da lucta.»

... E' a guerra destruidora — em homenagem á supremacia economica. Os povos só teem que perder, *mas principalmente o allemão.*

*

O sr. Teixeira de Sousa declarou — originalmente — na camara do pares — que é perigosa a nossa situação financeira.

Creio-o, mas *eu cá não fui !*

*

Diz ali o outro que a sr.ª D. Olinda, a velhota com os 200 contos cercados, sustenta que é mentira.

Eu já não reproduzo queixumes *sem resalva.* Sei como se arranjam os desmentidos.

*

E' hoje votado o orçamento. Não se discutiu. E ninguem se importa com isso.

*

Não pega a proposta do *Necker Periquito* — para dar 6 contos pelos livros velhos da familia Vasconcellos Abreu.

Foi pena: tornava a situação *menos perigosa!*

*

Os serventes das direcções externas do ministerio das obras publicas, nomeados posteriormente a 1901, voltaram hontem aos ministerios do reino e das obras publicas, afim de se informarem do resultado da sua pretensão, para os seus ordenados serem equiparados aos dos seus collegas nomeados até áquella data.

Não encontraram, porém, nenhum dos ministros.

— Não ha verba! *Assomons les pauvres!*

11 de setembro. — E' ponto assente o odio e o desprezo que nos Estadcs Unidos a raça preta está, progressivamente, despertando na raça branca.

Problema de que nós estamos livres. O sangue preto prevalece no sarapatel portuguez. E por isso...

*

Leio que o Santo Synodo conjura os fieis a não tomarem parte nas festas em honra de Tolstoi. Reconhece o seu grande valor e os altos serviços que tem prestado á causa da Humanidade, mas accusa-o de heterodoxia, e acha que a sua apotheose póde desviar a juventude do bom caminho religioso.

Fosse o Tolstoi um patife, um egoista, um contrabandista ignaro e feliz, mas orthodoxo: tinhamos homem?! Cáfila!

*

Vae-se reunir em Genebra, no proximo dia 11, *um congresso da federação abolicionista,* no qual,

entre os comes e bebes do estylo, discutirão aquelles sabios e philantropos o *trafico de brancas* e, implicitamente, as reformas urgentes, a introduzir na *policia de costumes* Uma sinistra farçada!

Vale mais para o estudo de taes questões a leitura dos *Miseraveis*, de que todas as pataratices de mil e um congressos. E da immortal obra de Victor Hugo pódem concluir, até os que não observam *os factos*, que não prevalece a acção da *policia de costumes* contra o *trafico de mulheres*, pois que esse *trafico* e taes *costumes* são da *sociedade*.

E pódem as matronas, pela voz dos seus delegados a congressos, protestar contra as infamias sociaes — as suas proprias, — que apenas addicionarão a todos os seus rótulos, conquistados, o da *infame hypocrisia*.

Demonstrar? O quê — e a quem?

*

Hontem suicidou-se nos arredores de Lisbo um individuo — por lhe faltarem 100$000 réis.

Observação do *Melchiades*—contrabandista:
—«Soubesse-se, e não lhe faltaria quem o soccorresse!

—Pois sim, mas era preciso que elle, antes d'isso, se matasse.

*

Da *Palavra,* aos republicanos:

«Porque não expulsam do partido o Silva Pinto, que confessa fazer, por vezes, pedidos ao Paço?»

... Não posso ser expulso de *partido* algum —porque a nenhum *partido* pertenço.

E pois que se allude a *confissão*— eu desde já confesso que terei de ir ao Paço, um dia d'estes, pedir por uns infelizes, por quem inutilmente venho pedindo a partidos e partidarios. Eu contarei o que houver.

Era o que faltava: não ir, n'esta idade, além da confissão!

Ora, bólas!

....

12 de setembro.—Na sua benemerita cruzada, pela infancia, publica hoje *O Seculo* e calorosamente commenta a seguinte carta que lhe dirigi:

«A Casa de Correcção de Lisboa

«O paço de Caxias, hoje em plena posse do Estado, podia adaptar-se ao estabelecimento dirigido por Silva Pinto.

«O consagrado escriptor sr. Silva Pinto escreve nos uma interessante carta, em que não só, mais uma vez, demonstra a sua dedicação pela Casa de Correcção, de que é director, mas tambem apresenta o louvavel alvitre de se aproveitar a residencia real de Caxias para installação do referido estabelecimento. Como se sabe, a Casa de Correcção encontra-se installada no edificio do extincto convento da Cartuxa, mas tem-se desenvolvido de tal fórma e são tamanhas as vantagens que ha em remover do Limoeiro os menores que ali entram, em virtude

de pequenos delictos, que esse edificio é já agora acanhado e impõe-se a sua ampliação, que muito bem podia fazer-se — aproveitando-se o visinho palacio. Segue a carta do illustre auctor dos *Combates e Criticas:*

«*Meu presado collega.* — Não esqueceu, decerto, v. e estão muitos bem lembrados de que eu, por intermedio do *Seculo,* armei, ha tempos, uma cilada á dedicação do padre Antonio d'Oliveira, meu benemerito collega na direcção da Casa de Correcção de Lisboa.

«A cilada era convidal-o publicamente a formar um livro, que por mim seria prefaciado, dos seus principios pedagogicos, tão conhecidos e tão commovidamente admirados, nas suas conferencias aos visitantes da Cartuxa.

«O padre Antonio d'Oliveira, que, de então até ha poucos dias, consagrou toda a sua actividade aos exames dos nossos reclusos, — exames que obtiveram, como o *Seculo* publicou, um esplendido resultado — partiu para o norte do paiz, em busca de descanço e de saude. Em vesperas da partida, teve elle commigo uma confe-

reneia, ácerca do tal assumpto, e as seguintes coisas me disse, salvo a redacção:

— «O sr. director recorda-se, decerto, de que, ha 9 annos, quando eu tomei posse do meu logar na Casa de Correcção, que era então nas Monicas, o encontrei desconsolado e quasi desesperado de conduzir a um determinado caminho uma tentativa de regeneração. Não esqueceu, decerto, que passámos horas discutindo alvitres de fórma ou de modificação, terminando sempre taes discussões por um gesto de desalento seu, e pela palavra *Impossivel!* Conserva ainda em espirito, que o sei, a recordação de haver eu — pobre padre, fraco e doente — tentado reanimar o meu companheiro de trabalho, tão habituado ás luctas da vida, mas tão farto d'ellas que não era para extranhar o desfallecimento d'algumas horas. Effectivamente, meu caro director, volvidos 9 annos, *a obra* está a bom caminho e já não resta sombra d'aquelle infeliz passado.»

«Meu caro collega. — Ha, effectivamente, uns 9 annos que eu conheço, admiro e prézo o padre Antonio d'Oliveira. Aproveito o ensejo para

explicar a alguem, que não entende, como é que, durante periodo por tal modo prolongado, teem convivido no respeito do mesmo ideal, o *padre* e o *livre pensador*, sem que o primeiro haja soffrido a minima quebra da sua *fé*, nem o segundo alteração na sua *descrença*. É que, assim o *padre* e o *pensador*, de olhos attentos na immensidade das desgraças que a toda a hora batiam á porta d'aquella casa, tinham bem presentes as ideas salutares do evangelico bispo Myriel, dos *Miseraveis*, — dirigindo-se ao forçado João Valjean: — «O senhor não precisava dizer me quem era. Esta casa não é minha, mas sim de Jesus Christo; esta porta não pergunta áquelle que entra como se chama, mas sim se soffre.» Tinham bem presentes, ambos, este adoravel corpo de doutrina...

«E não perderei, já agora, a occasião, que se me offerece, de embargar o passo á desaforada calumnia, que já vem fazendo negaças ao benemerito e dedicado trabalhador: á ultima hora, não deixam de acolchetar-lhe a accusação de *maçon*, esperançados em cavar fundo e grave prejuizo em caminho de prosperidades mundanas!

«Registro, para especial gloria d'esses miseraveis e do seu meio.

«Espera o padre Oliveira que no proximo futuro anno, ao despontar d'elle, o meu desejo, que é o de muitos outros, relativamente á compilação, *em livro,* por mim prefaciado, dos mencionados principios pedagogicos, constitua um facto. Para tal, cumpre obter determinadas reformas na legislação respectiva. De taes reformas, ou ampliações da lei, resultaria, por exemplo, a acquisição do paço de Caxias, permittindo a transformação d'uma residencia sem residentes — em estabelecimento penal e educativo, para dezenas de desgraçados que gemem no Limoeiro, á falta de logares na Cartuxa; e para um sem numero de factos, que a necessidade tem introduzido nos habitos correccionaes, a devida legalisação. Tudo isso póde talvez esperar-se da acção combinada de ministros intelligentes e de justa sensibilidade, gerindo a justiça e as obras publicas. Pela nossa parte esperamos e confiamos. Um breve futuro dirá se — inutilmente. — De v., etc. — *Silva Pinto.*»

. . . .

*

N. B. — Não, virá, talvez, a desproposito referir-me ao facto de me declararem digno de castigo, por uns pedidos meus ao Paço, aggravados pela confissão publica de taes pedidos.

N'este ponto, sou um incorrigivel. Pedi e pedirei. Já a minha referencia ao palacio real de Caxias — deshabitado e inutil, nas visinhanças da Correcção apinhada e deficiente e com dezenas de desgraçadinhos, esperando a vez, em plena miseria, na cadeia do Limoeiro: — tal referencia, digo, constitue caminho andado para um pedido novo, voltado eu, desaforadamente, para o Paço. Hei de insistir — que el-rei D. Manuel tambem é creança — como os taes desgraçados. E não me dispenso das liberdades de um velho.

---

13 de setembro. — Diz-me Tiberio:

— Se vem a *intentona* francacea, você espicha!

— ?!

— Na qualidade de figadal causticador da aventura comico-sinistra.

— Bem. Conto com o tragico desfecho Prevejo-me Coligny as·assinado na noite de S. Bartholomeu. O que eu queria era que me deixassem crescer as barbas.

— ! ?

— Para me tornar uma victima veneravel

*

Sério: está me lembrando a Sarah Bernhardt:

— O bom Dumas filho! Quando quiz fazer mal ás mulheres, escreveu *La femme de Claude* e matou-a. *Como se a morte fosse um castigo* !»

Boa intentona!

*

Refere-se o *João Franco* a um seu proximo livro de Memorias e assim se explicou a um *jornalista* de Hespanha:

«— Não serão memorias impregnadas de romantismo. Será um trabalho frio, sereno, docu-

mental, que requer uma tranquillidade de espirito que ainda não readquiri por completo. Estou colleccionando os elementos precisos, e quando tenha readquirido a necessaria tranquillidade para dissecar e analysar factos de indole tão dramatica, então darei começo ao meu trabalho.»

... Estupido!

*

Falleceu agora em Marrocos Mohamed Torres, que foi primeiro ministro, e faz tudo, do desthronado sultão Abdel-Aziz e do imperio. Desthronado o monarcha e fallecido o ministro, lembra o caso de um rei morto na praça publica e o seu homem (?) em fuga para o exilio. Marrocos deve entrar em *vida nova*.

Como entrou a Turquia. Nós não entrámos tal. *Na mesma* e com os de antigas éras.

Que horror de destino!

*

Aquelle sujeito respeitavel despreza-me—por-

que eu me deixei roubar. Considerava me, se eu tivesse sido o ladrão.

Está certo. Conheço os meus auctores.

---

16 de setembro. — Como se sabe, não se manifestaram instinctos de ferocidade mystico-francacea Paz e serenidade! Ainda assim, houve muita gente alarmada e o commercio soffreu, como soffrerá sempre com atoardas de pavor. Bom seria chamar á *responsabilidade* os que assim perturbam a alma nacional, com a permanente sonéca respectiva e com as transacções, entre breves parenthesis, de feijão, bacalhau e mais alimenticios Não ha meio de descançar um Luzitano!

Estou-me lembrando de certo funccionario, que foi meu amigo e geralmente conhecido e estimado. Um Portuguez puro! Fallou-me elle, fervorosamente, ha annos (ha dois que falleceu) da sua reforma, e explicou — «Dormirei mais um pouco, socegado». Ora, o nosso homem dormia as suas 16 horas diarias. Reformou-se; passou a dormir, como cumpria — o eterno so-

mno. Absoluto socego, salvo opinião dos priores da *Gula* e da *Luxuria*...

Entendo eu que todo o bom Portuguez tem no bojo alguem *que quer dormir descançado.* E' pouca vergonha a perturbação!

*

Cá por mim, fartei-me de pensar na *Liga*, mais na *benção dos punhaes* dos *Huguenottes.* Afinal, uns frades borras!

*

Esta do *Liberal*, monarchico, de hoje, vale quanto peza:

«Os rotativos e reaccionarios não devem ter ficado com grandes impressões da sua festa do Campo Grande. Os vivas levantados por alguns dynastas, que se apresentavam a fingir de povo, foram pouco calorosos, parecendo que sahiam de umas gargantas atacadas de tuberculose. E' que ha coisas que o dinheiro não compra, e as

crenças arreigadas pertencem a essa cathegoria. Nem se compram, nem se vendem.»

... Está certo.

*

Pensa aquelle patarata em obter a collocação de um distinctivo — fita azul e branca — no vestuario das mulheres de *má nota.*

O patarata está pedindo raios de Vulcano, dado que sobreviva ao diluvio de caça sem cedilha, — a que se refere o *Supplemento Humoristico do «Seculo»*. Veja se arranja o distinctivo azul e branco, para os *bodes expiatorios*, que não faltará quem o arranje para *as outras* — as croias consideradas como os respeitaveis contrabandistas da nossa praça. E ha de sêr de côr especial — alvacenta — vagos tons de chavelho ..

Estiquem a corda, biltres!

---

19 de Setembro. — A estrumeira magna!

N'um interessante quadro das familias lisboe-

tas (cem mil), organisado pelo *Liberal*, apparecem:

Familias que vivem á aventura........	10.000
Familias que morrem de fome	20.000
Familias protegidas pela caridade publica	7.000

Estas 37 mil familias representam uns *150 mil individuos*. São os que vivem — por outra, vão morrendo — em *saques sobre o Inesperado.*

Está certo.

*

Deriva-se *O Liberal* á miseria das creanças. Effectivamente, para os maiores ha a esperança, consoladora, de fim que se approxima. Para as creanças — parece que não tem fim...

Diz mais o collega do jornalismo:

«Dóe o coração, ao vêr tanta miseria por essas ruas de Lisboa.

«Magotes de creanças, sujas, abandonadas, com maus exemplos em familias e na rua, sem escolas apropriadas! E' uma dôr d'alma!

«E tudo concorre para as desmoralisar. O exemplo das classes *dirigentes*, a inconsciencia ou a maldade da policia...

«Assim não é possivel viverem as sociedades».

Vivem! Salvo excepções abençoadas, de alguns ricos que conhecem a Dôr e desconhecem o Egoismo, a sociedade compõe-se de algozes e de padecentes,—de torturados e de refocilados, — de martyres e de manequins.

São, lá em baixo, os que soluçam, suam sangue e amaldiçoam Deus: amalgama de *chair à canon*, de todas as idades.

E são mais, nas regiões lavadas e perfumadas, os parasitas sem miolos, sem nervos e sem coração — odiando o Trabalho e o Soffrimento — porque não saberiam levantar-se pelo Trabalho, nem aguentar-se com a Dôr!

São estes a quem, se pedimos soccorro para alguns ainda abaixo de nós, — os que nos dão, na tortuosa resposta de negativa, a real pedra de toque, inconfundivel, do seu ser moral: a escorrencia da gafaria corrosiva!

São os cynicos alvares—o que ha ahi de mais

ridiculo e fétido! São os dejectos da alma infame—o que ha de *suspeito* para a dignidade do Creador!

São os paspalhões ventrudos, analphabetos *dê por onde der*, verbos de encher, nas bancadas inexpressivas de um *partido* banana.

Como taes, formam em frente dos idiotas para recados — de um *partido* opposto.

*

Desce o nosso collega:

«O Estado gasta 78.000 contos cada anno, em tanta coisa inutil e má, e não tem dinheiro para asylos, colonias correccionaes, créches, escolas, onde a mocidade seja educada!

«Torvo egoismo humano!»

... *Não ha verba! Não ha verba!* balbuciam os estupidos bonzos. Estão na corrente das mariloladas *suciaes*. Não ha verba, mas haverá saldo de contas — desconheço o prazo, mas adivinho-lhe a approximação...

Não haverá um dia de paz na face da Terra!

21 de setembro. — Um dos meus Mortos.

Tenho entre os meus livros, um de versos, de Simões Dias, 5.ª edição, prefaciada, minudenciosa e eloquentemente, pelo sr. visconde de Sanches de Frias, um amigo do poeta. Como quer que hoje eu procurasse o livro, deu-se elle a occultar-se — como sabem occultar-se os coisas. Renuncio. Mas não me saem da mente o nome e a sorte de Simões Dias. *A sua sorte?*... Falle Camillo Castello Branco, no *Cancioneiro Alegre*, escripto e publicado em 1879, ha 29 annos:

*

«Dedica o sr. Simões Dias as *Peninsulares* a sua esposa. N'esta dedicatoria, além do talento, vislumbra a felicidade intima, o paraiso domestico. A realidade tem jubilos serenos. Se a luz da poesia deslumbrasse os modestos contentamentos da familia, melhor lhe fôra ao agraciado d'esse dom funesto sangrar a sabedoria com a sua penna d'aço, e morrer. N'esta singela e amoravel dedicatoria, Simões Dias levanta e repulsa o aleive de poeta licencioso, despatriota e im-

pio, que lhe assacaram em Hespanha e Portugal. Responde triumphalmente á calumnia, com estas palavras ungidas do extremado amor de pae: «Quando lá no futuro os grandes olhos negros da nossa Judith, negros como duas amoras e castos como a innocencia, percorrerem estas paginas, escriptas dos dezoito aos vinte e oito annos, lembra-lhe então que os não desvie desdenhosos d'este papel publico, onde seu pae glorificou tres grandes sentimentos: — o *amor*, unica salvação do individuo; a *patria*, unica salvação da familia; e a *liberdade*, unica salvação dos povos.»

«Li os dois tomos das *Peninsulares* com raro empenho e attractivo. Conheço poucos poetas; gósto de pouquissimos, entre os que conheço. Simões Dias ainda hontem entrou no pequeno raio das mtnhas estantes onde estão os bons. Devo-lhe dois saraus ligeiramente passados no arrastar d'estas noites de dezembro, entre pinhaes gementes e o estorcer das carvalheiras varejadas. Mandou-me o poeta o seu espirito de luz, como as boas fadas enviam ao ermo escuro dos tristes as borboletas brancas. Lido e fechado o

segundo tomo, abri o meu melancholico S. Bernardino de Sena, e reli o tratado *De calamitatibus et miseriis humanæ vitæ, et maxime senectutis,* e *principalmente da velhice.*

«Sentir, comprehender a logica dolorosa de duas idéas que se atam n'um verso; achar na memoria o colchete que as prende, oxydado pelo tempo, mas ainda tenaz como o ferro da bala muitos annos cravada na carne viva, é mau, é um divertimento cruel de pelicano que se espicaça o peito. Nada de poetas! Cá vou para o meu santo. *De calamitatibus et miseriis humanæ vitæ et maxime senectutis.*»

*

Foi ha 29 annos, em 1879, que tal escreveu Camillo. Decorreu tempo: em 1899, uns vinte annos depois, morria prematuramente o poeta das *Peninsulares.* Foram de mysanthropia e selvagem isolamento os seus ultimos annos; foram elles, por egual, de dilacerante agonia! «A realidade tem jubilos serenos» — disse o Mestre. Tem.

*

Na ordem de considerações da minha chronica de sabbado (19) disse eu á *Voz Publica*, do Porto,—que lançar mão de uma folha noticiosa, de Lisboa, o mesmo está sendo que fazer provisão de amargura, ou couraçar a sensibilidade. O maior numero dos leitores — louvado seja o seu Deus, vae-se couraçando. Pobres almas, as incorrigiveis, que fazem suas as dôres alheias! Pobres e extravagantes almas!

Algo sei do assumpto. Não me abstenho, uma vez por outra, de pedir esmola para os infelizes — ainda mais desventurados do que eu. E' uma pedra de toque, e é infallivel. Apenas eu apresento o pedido ou supplica, manifesta se aquelle meu proximo; ou é um homem, um filho do Trabalho, um coração: e acode; ou é um manequim, sem miólos, sem sangue, sem coração, protegido da boa sorte e da pouca vergonha, vadio e politiqueiro: e exulta por ter ensejo de recusar; exulta mesmo por vêr soffrer. Tenho uma lista d'estes monstros. Ainda não falhou exemplo — nem um exemplar.

. . . .

*

E soffre-se tanto na grande cidade! Eu, que mal posso realisar um soccorro, conheço, todavia, as longas horas occupadas em pedir por outros — pelos tão desgraçados que até de mim precisam. Que, pessoalmente, eu sou talvez o mais independente dos homens: quasi, vivo sem comer.

Mas, não ha apenas interceder, pedindo directamente pão: ha a chamada das attenções officiaes, a intervenção valiosa contra as tropelias do mau destino. Ha o pedir ao ministro, ao parlamentar, ao director geral, a parentes e a adherentes de taes vultos... Já tenho ido ao Paço dos nossos reis — o que muito assanha o neto do reverendo Bonifacio dos *Maias* — e, entre nós, ao paço de S. Vicente, o que muito deve agitar o rabo do gatarrão supra.

São testemunhas os céus de que eu não me dou ares de protector dos afflictos: eu sou, quando muito, por elles, um causticador dos repousados. Não almejo estatuas, nem distincções e até dispenso gratidão; mas não me farto de

dizer que se está soffrendo muito, na capital. Nunca, talvez, se soffreu tanto como agora. A miseria fundamental não é talvez maior ; mas o egoismo está sendo o processo de vida do maior numero. E' o videirismo e a ostentação canalha dos manequins — *que odeiam os que trabalham e os que soffrem* — porque se conhecem *incapazes para o Trabalho e para o Soffrimento.*

Hei de *desdobrar* a lista.

---

22 de setembro. — Não se dirá que não sopram ventos de sensação ! Aqui me segredam o que deve ser publico até Cerva e Mondim, inclusivé : que Portugal e a Russia approvam, sem reservas, a nota franco-hespanhola, relativa a Marrocos.

Portugal, quer dizer — o sr. *Wenceslau de Lima.* E agora que faça escovinhas o Guilherme II !

*

O theatro de D. Maria II baixou os preços — para se pôr á altura do grande publico.

A que chegou aquillo! Para toda a gente?!
E porque não — *do mal o menos?!*

*

O Liberal desenvolve um estendal de bellezas do famoso ministerio das obras publicas, e conclue:

«Emfim, a bancarrota ainda não chegou, porque está a fazer as malas para nos visitar de ponto em branco.»

Entre as bellezas supra apparece-nos a seguinte:

«O cahos do ministerio das obras publicas é tal que até no respectivo orçamento apparecem 985 contos que se gastam, ninguem póde dizer como, mas que são inscriptos sob a verba de *diversas despezas!* Isto é que é uma pandega... orçamental!»

Interessante nota: — Com a *agricultura* não

chega o ministerio a gastar 100 contos. Lembra as economias com a *instrucção*.

E diz o outro que não caminha isto! Vertiginosamente!

---

23 de setembro. — Na hypothese de *reviramentos* na Turquia, vejo na *Lucta*:

«Em todo o caso, uma coisa ha verdadeira: é que, dê-se o que se der, a Turquia não voltará ao antigo regimen.»

E referindo-se aos elementos heterogeneos do imperio turco, diz:

«Para manter a paz entre gente que se detesta, é preciso empregar meios suaves, embora energicos.»

No primeiro caso, creio bem que *só um* estado europeu é susceptivel de voltar á *primeira fórma*... Lá arrebita a orelha o *relincha cavalinho!*

Quanto ao segundo, concorda em que para *conciliar* não ha como a mão *ferme e douce* da sinistra alimaria que...

Appéllo para o criterismo de José Novaes!

*

Crê *O Liberal* que nas proximas eleições municipaes irá o municipio de Lisboa, o que ahi está, a um nucleo de vereadores republicanos.

O que uma vereação nova, energica e bem intencionada teria a fazer, logo ao seu inicio! Emfim, veremos — e diremos.

*

No *Commercio do Minho*, de Braga, fatiga-se honrosamente, Monsenhor Almeida Silvano, em demonstrar que os sabios são religiosos.

E os brutos fingem sêl-o. Desça Monsenhor os olhos ao *malfeitor*, — a dar-se ares de convertido, — a vêr se nos apanha ao alcance!

. . . .

*

Do *Seculo :*

«*Meu caro collega.* — Ante-hontem foi victima de um *desastre no trabalho* Manuel Antonio Vieira Lopes, brochante, de 73 annos. Morava ali defronte, no 1.º andar do n.º 46, da travessa da Palmeira, e era um honrado e excellente homem. Passou até hoje de manhã em estado comatoso e expirou ás 7 horas, nos braços da familia.

«Está libertado da Vida. Emquanto n'este encanto nos conservamos, deixe-me chamar-lhe a sua attenção para estes factos.

«Ha 50 annos, desde que me entendo, que eu ouço fallar dos *desastres no trabalho*, como assumpto assaz urgente. Não me refiro aos inevitaveis, mas alludo aos que poderiam ser limitados em numero, ou attenuados em consequencias — por simples medidas racionaes, que só os cretinos não alcançam. Pois, senhor, ha meio seculo que ouço fallar da urgencia de taes medidas, e contra a terrivel hypothese de repetidas desgraças, que alvejam os trabalhadores e

as familias d'elles, *nada se tem feito!* Camaras municipaes, parlamentos, poderes publicos tratam do que nós sabemos: mas não dispõem de tempo para *bagatellas* taes. Nem sequer para armar ás sympathias da classe operaria. Já é força de desdem!

«Rogo-lhe, meu presado collega, que solte um brado a favor de um *gesto digno* — como se diz á moderna. Ao menos, para formação de um estudo que será lição de cousas para os nossos filhos, e que bem poderá chamar-se: — *Relação das urgencias desprezadas!* — De v., etc. — *Silva Pinto.*»

*

84 menores no Limoeiro [1]

Um absurdo social — Providencias que se tornam urgentes e indispensaveis

Ha dias fomos informados de que na cadeia do Limoeiro se encontravam muitos menores,

(1) *Diario de Noticias*, de 22 de setembro de 1908.

uns esperando julgamento e outros cumprindo penas em que foram condemnados.

Tratando de averiguar a veracidade de tal noticia, depressa apurámos que ella era tudo quanto ha de mais verdadeiro, de tristemente verdadeiro. Encontram se actualmente na cadeia do Limoeiro 84 rapazes menores, cuja edade varia entre 8 a 12 annos!

Este facto que ha trinta annos poderia admittir se, constitue hoje um absurdo, para não dizer uma monstruosidade social, com que é preciso acabar a todo o custo.

E' claro que a cadeia do Limoeiro, como todas as outras cadeias, foi sempre destinada a receber e guardar os criminosos. A pratica, porém, demonstrou que a permanencia de menores junto dos criminosos adultos, era não só immoral como até prejudicial, pois que essas creanças entradas na prisão por pequenos delictos, e ainda não pervertidas de todo, saiam de lá criminosos acabados, porque a sua convivencia com vadios, gatunos, fadistas, assassinos, desordeiros, etc., constituia para elles uma verdadeira escola do vicio e do crime.

Foi por isso que se crearam as casas de correcção para menores, uma das medidas mais uteis e proveitosas em materia de criminalidade.

Mas essa medida, talvez por boa, ficou incompleta e portanto não póde dar os resultados que seria para desejar.

E' certo que temos casas de correcção por assim dizer modelares, como por exemplo a de Caxias, onde os pequenos criminosos, sujeitos a um regimen especial, não só chegam a corrigir-se dos seus defeitos como podem tornar-se uteis a si e á sociedade pela aprendisagem de officios, isto é, trabalhar e a ser homens.

Mas este beneficio aproveita a muito poucos, quando devia aproveitar a todos.

Porque?

Porque essas casas luctam com a falta de dotação necessaria e, assim, não podem comportar senão um determinado numero de menores tirados de entre os muitos a quem os tribunaes impõem penas mais ou menos pesadas.

E os restantes?

Os restantes estão no Limoeiro, como já dissémos, sem instrucção, sem trabalho e sem tudo

quanto deve constituir o regimen especial para presos menores. Ora isto, além de prejudicial é deshumano A lei é só uma e os individuos punidos em virtude d'essa lei devem estar todos sujeitos ao mesmo regimen.

Um outro facto ainda mostra que a providencia de coração nas casas de correcção para menores, ficou incompleta : o estabelecimento correccional póde ser modelar e proveitoso no seu funccionamento; mas o menor regenerado ou modificado em virtude do regimen a que foi sujeito, corre o risco de voltar á pratica do crime se fôr lançado para a rua sem recursos, e sem amparo ou protecção. De sorte que para evitar este mal, pratica-se um outro mal que é o de conservar nas casas de correcção os menores que d'ali deviam sair para dar logar a outros.

Assim, chega a passar-se um anno sem que transite um unico menor do Limoeiro para a Casa de Correcção, antes pelo contrario, transitam da Casa de Correcção para o Limoeiro alguns dos menores dados como incorrigiveis.

E o que se dá com os rapazes, succede com as raparigas. No Aljube encontram-se muitas

menores cujo logar não é ali mas sim no estabelecimento correccional apropriado.

Ora, um tal estado de coisas não deve nem póde continuar. A sociedade, e sobretudo a justiça, teem por dever corrigir o crime, mas nunca preparar individuos para a pratica do crime.

Appellamos para o sr. conselheiro Campos Henriques, esperançados que elle com a sua reconhecida competencia de magistrado e manifesto interesse pelas coisas da sua pasta, remedeie, tanto quanto possivel e tão depressa quanto as circumstancias o permittam, este grande mal.

As casas de correcção, para menores, são para os menores. O Limoeiro deve ser para os criminosos adultos. Quanto muito, os menores só devem permanecer ali até serem julgados e isto se não fôr possivel conserval-os n'outra parte qualquer.

Ha falta de dotação? Pois arranje-se a dotação necessaria. De resto o augmento de despeza com a providencia que tão justamente se reclama, não é tão grande como á primeira vista parece. Pois o estado não faz despeza com os reclusos no Limoeiro ou Aljube?

. . . .

Certamente que faz.

Portanto a despeza a mais é a differença que houver, se a ha, entre um e outro regimen, o que deve ser bem pouco.»

*

No *Diario de Noticias*:

84 menores no Limoeiro

«Relativamente á noticia que, sob esta epigraphe, hontem publicámos, recebemos do illustre director da Casa de Correcção, de Caxias, a seguinte carta:

«Sr. redactor do *Diario de Noticias*. — O seu numero de hontem insere considerações diversas ácerca da Casa de Correcção de Lisboa, as quaes, sendo em geral benevolas, impõem, todavia, á direcção d'este estabelecimento breves ponderações que eu tenho a honra de apresentar a v., pedindo-lhe o favor da publicação.

«Temos, pois, as seguintes:

. . . .

«1.ª — Não é rigorosamente exacto que os menores sejam demorados na Casa, depois de julgados aptos para sahirem d'ella. Nos ultimos tres annos, com uma população média de 100 menores, sahiram 58, sendo todos collocados pela direcção da Casa. O Patronato dos menores tem sido fervorosa e efficazmente exercido pelo reverendo Antonio de Oliveira, o benemerito sub-director da Correcção.

«2.ª — A proveniencia dos menores entrados em egual periodo, foi a seguinte:

Governo civil de Lisboa	22
Limoeiro	11
Juizo de Instrucção..............	4
Outras auctoridades e instituições penaes e de beneficencia.......	12
	49

«3.ª — Tambem não é de absoluta exactidão que ao Limoeiro sejam d'aqui «reenviados» menores «incorrigiveis». Apenas, ultimamente, foi para ali transferido «um menor» que o conselho disciplinar da Correcção julgou impossivel re-

generar, esgotados que foram, para tal fim, os meios ao seu alcance. Esse menor, «exemplar unico», esteve 6 annos no estabelecimento, sendo inuteis os esforços para o seu melhoramento — physico e moral. Era um degenerado «hors ligne», fóra do convivio social, e que para o Limoeiro voltou, á falta de um instituto apropriado ao tratamento de taes «casos».

«Devo concluir, affirmando a v. que a obra das Correcções entre nós está ainda longe da perfeição attingivel, assim nas fórmulas juridicas, para a «entrada» dos menores, como na falta de recursos, com que luctam.

«E' de esperar que uma proxima visita do sr. ministro da justiça á Correcção, em Caxias, faça desapparecer as maiores difficuldades, augmentando-se o numero dos internados por modo a elevar as sahidas, pelo menos, ao de cincoenta — annualmente.

«Com toda a consideração. — De v., etc. — Casa de Correcção de Lisboa (Caxias), 23 de setembro de 1908. — *A. J. da Silva Pinto*, director.»

---

24 de setembro. — Veja-se isto:

«Moçambique, 24. — O governador do districto organisou uma columna destinada a fazer guerra no interior, sem motivo. Regimen de verdadeira vesania. Peço em nome dos sentimentos humanos e do decoro do paiz a substituição do governador, afim de evitar mais conflictos.»

O governador geral, sr. Ferreira de Andrade, é um que desterra jornalistas: não admira que o governador do districto faça a guerra. Talvez não seja por motivos *deshumanos;* antes pelo contrario.

Como quer que seja, o estado a que isto chegou reclama *os raios de Vulcano* — a que se referiu o primeiro cantor das nossas glorias (o segundo era como o sr. Teixeira de Sousa, geral dos Benedictinos). Vê-se que Mousinho d'Albuquerque deixou curiosos successores: lacraus após o leão. Elle era um grande soldado, um grande administrador, com vistas de renovação larga e profunda: o bastante para o inutilisarem os *pandegos:* agora, os reptis acalentados pela

pandega — ao parecer, eterna. Este poema de borra não tem fim!

Só resta esperar, agora, que o tal guerreiro (não sei como se chama, nem me importa sabel-o) venha a morrer, deixando, *galhardamente*, a familia ás costas da nação. E se deixa livros velhos, cá tem um velho *Periquito* a propôr a acquisição d'elles...

(Quem está para ahi a dizer — *Arre!?)*

*

Do *Seculo:*

«**Carta de Silva Pinto — A admissão dos reclusos em Caxias — O paço está sem habitantes e ninguem o utilisa para alargamento da Correcção.**

Do nosso preclaro collega Silva Pinto recebemos hontem a seguinte carta, que se prende com o caso dos menores, a que nos referimos ha dias, largamente:

«*Meu prezado collega.* — No exercicio de profissional missão, venho ainda hoje importunar v.,

para o fim de embargar repetidos erros de terceiro, a seu turno importunos para mim e para os seus auctores. Eu explico.

Chovem sobre mim peccador constantes pedidos (agora respondo directamente a tres) para que eu empregue a minha supposta influencia no sentido de admittir menores na Casa de Correcção de Lisboa. Declaro, eu, director da casa, que a direcção não admitte menores: apenas trata dos que a lei lhe confiou. E' já bastante. Outro erro: E' supposição de que, á falta de graves culpas, o menor tem direito á admissão, sem o affrontoso carimbo da lei penal.

Distingamos: se o menor é criminoso, está sob a alçada da justiceira lei; se é apenas endiabrado, ou importuno á familia, não tem que vêr na Correcção. Eu lhe digo o que consta do regulamento geral, no tocante ao controvertido assumpto:

«Artigo 1.º A Casa de Detenção e Correcção de Lisboa é destinada a recolher, para educar e regenerar, individuos do sexo masculino, menores de dezoito annos, que forem:

1.º Processados e não afiançados;

2.º Presos á ordem da auctoridade judicial, ou administrativa;

3.º Postos á disposição do governo, nos termos da lei penal;

4.º Isentos, nos termos da mesma lei, de responsabilidade criminal, em razão da edade ou de falta de discernimento, e que não sejam entregues a seus paes, ou tutores;

5.º Condemnados a prisão correccional, ou a prisão maior cellular;

6.º Detidos nos termos dos artigos 143.º e 224.º n.º 12.º do Codigo Civil e 48.º e 49.º do Codigo Penal.

7.º Expostos, abandonados ou desvalidos a cargo dos corpos administrativos, e que forem desobedientes ou incorregiveis.»

Eu lamento não poder affirmar utilidade aos 84 menores que apodrecem no Limoeiro e aos que, fóra da cadeia, se estão perdendo; nada, porém, posso fazer senão contemplar, meditando, o bello Paço de Caxias, onde caberiam mais 100 rapazes e que constitue uma residencia sem residentes.

Mas o mundo é assim. Já lá dizia o Herculano que a vida social nas suas apparencias, bem como a natureza em suas harmonias, carecem d'estes claros-escuros: assombros de miseria votada ao abandono e ao despreso, e affirmações de egoismo sordido e vilmente triumphal. São os claros-escuros.

Por mim, pouco posso indirectamente; d'outro modo, pois que a serio tomei, excessivamente, a boa fé *dos que a não tinham*, nada posso fazer. Deploro por mim e pelos outros.

De v.   , etc.

Silva Pinto.»

---

29 de setembro. — Excepcional e espontaneamente me refiro hoje a uma festa em espectaculo publico. E' no theatro Chalet (feira d'Agosto) que ámanhã, 30, deve realisar-se em beneficio do *Patronato da Infancia.* Não póde haver fim mais elevado e mais bello, — direi mesmo, mais santo!

A obra abençoada da direcção póde ser auxiliada pelo grande publico. Nada mais lhes digo

e cá me fico a meditar n'esse caso portuguezissimo:

— De como dezenas de menores apodrecem na cadeia do Limoeiro, á falta de logares na Casa de Correcção, emquanto o *Paço de Caxias*, visinho d'aquella Casa, continúa a ser uma residencia — sem residentes...

Adeante!

*

Do *Liberal:*

«A Hespanha emotiva:

«Morreram no paiz visinho um grande homem d'Estado e um grande artista. Os hespanhoes não sabiam a qual d'elles mais deveriam celebrar. E' assim a alma do povo hespanhol. A todas as grandes individualidades acaricia e estima.»

Diz-me o philosopho Tiberio, commentando a conclusão:

— «E' como em Portugal.»

E'.

....

*

Não ha hoje senão um assumpto em discussão. Em toda a Lisboa.

E' a provavel e proxima quéda do ministerio.

E sobre a hypothese borda-se a seguinte opinião:

Ferreira do Amaral sae dignamente.

Tinha duas sahidas, á João Franco:—Ou *trahir a sua palavra*, submettendo-se aos partidos; — ou *violar a lei*, destruindo-os.

Prefere sair, sustentando a sua palavra e deixando *na vida* os... *da vida.*

Correcto. E já agora a reflexão, que se me impõe: — de que, para encontrar homens do governo, temos de ir pedil-os ao mar.

Assim nós não fossemos *heroes do mar* e da conquista, da descoberta e do resto...

—Vae ser bonito—diz Tiberio, pitadeando-se.

Vae.

*

Para amenisar e á falta de melhor assumpto:

Alli temos nós, na Servia, um principe real —

herdeiro presumptivo, Deus sabe das presumpções — e filho do rei Pedro, um marmanjola que succedeu ao Alexandre e á Draga, de tragica memoria. O principe é maluco; o pae não tem vintem, nem credito, e procuram menina. Para um nora e para outro esposa.

E' de tentar uma joven pessoa rica! Ser *rainha da Servia* é um pau por um olho! Que o digam as jovens millionarias americanas — que não se cansam de trocar informações entre Washington e Belgrado!

Entre nós... se houvesse compatriota nossa, opulenta, que quizesse honrar a patria?! Não é preciso ser bonita. Isso é para os patricios... pobres!

---

30 de setembro. — Diz-me agora, na gare de Caxias, um cavalheiro, considerado e digno de o ser, que o *Paço de Caxias*, — por mim pedido a berros, para accrescimo da Correcção e algo da solução do temeroso problema dos *menores desgraçados*, — deve considerar-se adjudicado ao ministerio da guerra, — com destino a mora-

dia de officiaes do campo entrincheirado. Eu não sabia; apenas protestava contra *a residencia sem residentes* — com os 84 desgraçados pequenos no Limoeiro, á falta de logares na Casa de Correcção — na Cartuxa.

Dado, porém, que a um fim razoavel e urgente — como o tal — se destine o *Paço de Caxias*, não tenho que protestar, a não ser que das moradias dos dignos officiaes sóbre *panno para mangas*. Quero eu dizer que tenho presente o caso do bispo Myriel, dos *Miseraveis,* a ceder aos numerosos doentes o seu paço — onde caberiam 20 bispos — e a installar-se no hospital — onde os tristes enfermos estavam em pilha. Eu já procedi como o bispo, quando nas *Monicas* cedi o meu quarto a 10 rapazes menores — que lá cabiam á sua vontade. Até santo eu tenho sido!

Pois, senhores! vou ficar a postos — a vêr se ainda haverá uns cahidos, de lauta meza, para os pequenos infortunados.

*

Falleceu no Brazil o grande escriptor Machado d'Assis. Grande a valer — aquelle!

Sentidissimos pesames á Litteratura Brazileira!

*

E parabens, de um extranho á politica — ao sr. Ferreira do Amaral!

*

Do *Seculo:*

«O trabalho das mulheres em Portugal

Problema doloroso e indifferença absoluta — Aos felizes da terra — Carta aberta

Ex.ma sr.a D. Albertina Paraizo, minha illustre collega. — O Acaso, bondoso d'esta vez, collocou ha dias ao alcance das visitas de v. ex.a breves annotações minhas a um dos mais pavorosos problemas da nossa vida social. Falo do «trabalho das mulheres», interrogação já esba-

tida, quasi apagada pela indifferença dos grandes cynicos — a que, ha mais de um seculo, já despertava em Voltaire esta consideração:

«Ao termo de porfiados esforços pelo Bem, deixaremos o mundo tão mau e asno, como o encontrámos ao entrarmos na vida».

Quiz a minha boa sorte que ao nobre espirito de v. ex.ª, não fosse indifferente o assumpto; nem podia sel-o. V. ex.ª pertence á legião das Grandes — das que pensam e sentem como só é dado aos maiores do sexo que se diz «o forte». Viu-me na faina e apiedou-se, talvez tanto pelo infortunio defendido, como pela inefficacia da minha defeza.

Seja abençoado o auxilio de v. ex.ª.

Era eu criança, quando li, n'uma novella de Eugenio Sue, a combinação, feita por dois felizes da terra, para estabelecerem uma original espionagem: indagarem da existencia do soffrimento, para lhe embargar as demasias que deshonram a obra do Creador.

Nunca, até hoje, me esqueceu tal principio para valorisar a existencia. Applicando, que não

haveria a fazer no sentido de garantir «o trabalho das mulheres!» Que horrivel situação a da mulher portugueza «da cidade» — e a essa me restrinjo — pois que a dos campos concorre, por vezes com vantagem, em relação ao homem, aos trabalhos ruraes. Na fabrica, ou em frente da machina de costura, mal ganha para aguentar-se na tisica. E se tem filhos ? !

Em regra, o balcão dos estabelecimentos, ainda mesmo dos de modas, está-lhes vedado. Aberta, de par em par, só a perdição !

Que não poderia fazer uma liga de mulheres ricas, auxiliada por varões abastados ? Pondera, nos «Miseraveis», o immortal Victor Hugo — que ha quem gaste fortunas «só para fazer mal». E' certo. Ha mesmo verbas para certa espionagem — em perseguição !

«O trabalho das mulheres !» Qual de nós, sem garantias a deixar, de repouso de espirito, não tem estremecido, ao pensar que a sua morte póde collocar mãe, mulher, filhas, ou irmãs, em meio d'esta sociedade macabra, em lucta com as phrases convencionaes dos hypocritas, dos egoistas, dos devassos e, em geral, das almas de lama —

que formam o conjunto Civilisação ?! Qual de nós não tem pensado, com horror, na hypothese de uma rêde varredoura, que «as» leve para a fome, para a perdição, ou para o suicidio ?

Impõem-se aos espiritos modernos e honestos, sem a menor duvida, as soluções, varias, positivas e immediatas, de problemas politicos; não deixemos de notar se de taes resoluções se deriva a de mil e um problemas da vida social e da existencia do individuo. Se a velha sociedade é incompativel com o pendor á perfectibilidade humana; se apenas offerece aos que soffrem uma cynica promessa de bemaventurança,—seja bem-vinda a hora da sua destruição!

E' a falta de equidade e de justiça que nos prende — suppostos sonhadores! — ao culto da bondade. E' o eterno «talvez ámanhã» que me faz reler estas palavras em que o grande critico Taine resume «a obra» do grande romancista que foi Dickens. Mais uma vez as reproduzo:

«Sede bons, e amae. Deixae aos sabios a sciencia, aos nobres o orgulho; compadecei vos das mizerias humildes; o ser mais pequenino e desprezado póde valer tanto, por si só, como mi-

lhares de seres poderosos e soberbos... Acreditae que a humanidade, a compaixão e o perdão são o que de mais bello existe no homem; crêde que a intimidade, as expansões, o enternecimento e as lagrimas são o que de mais doce existe na terra. Nada é o viver; pouco vale ser poderoso, sabio, illustre; não basta ser util. Só tem vivido e só é um homem aquelle que chorou ao lembrar-se de um beneficio que fez, ou de um beneficio que recebeu».

....

Creia-me v. ex.ª, com a mais alta consideração, seu admirador e respeitador — *Silva Pinto.*

*

Do *Seculo* :

«Os Menores

«O illustre escriptor Silva Pinto chama a attenção dos governadores civis sobre uma obra de saneamento moral

Caro collega — Dizia o, já fallecido, professor José Julio Rodrigues — que muito desejava liquidar a existencia em regedor da ilha do Corvo. As-

pirava ao descanço em vida, o trabalhador desventurado! Pela minha parte, desejaria eu ser, por uns tres mezes, governador civil de Lisboa. Juro que a minha passagem ficaria assignalada pelo trabalho. Ha ali tanto que fazer!

Ha, por exemplo, a sorte dos menores. Não fallo do assumpto que é dos dominios do ministerio da justiça e que o será dos de outro ministerio, quando uma reforma, intelligente, honesta e humana dos serviços no ultramar abrir novos e salutares horisontes ao labor das casas de correcção em terras da metropole. Outros seriam os encargos que honrariam o chefe do districto, elevando e engrandecendo a sua missão.

Todos os espectadores, que d'um theatro saem para os confortos do lar ou do restaurante, tem ouvido, por algidas noites tenebrosas, vozes infantis balbuciando supplicas, emquanto, a distancia, supostos paes dos menores fiscalisam os resultados da compaixão. E' velho o quadro; é banal, á força de conhecido. São, por egual, já *gastos* os protestos dos condoídos e dos enfastiados. Tudo inutil! Inefficaz tudo!

Desdobra-se a téla e para a feição nova — as

creanças alugadas para a mendicidade — temos ainda a impôr-se as *disposições* do chefe do districto. E brilham sempre pela sua ausencia.

Disposições da policia: «prohibição absoluta de mendigar *com creanças*, assim de noite, como de dia». E, para a allegação de que a mãe não póde *abandonar* a creança para vir mendigar, ainda a prohibição; depois a investigação da maternidade; depois a acção iniciadora das créches. Ha tanta caridade a orientar!

Como director da Casa de Correcção de Lisboa, aconteceu-me, por vezes, quando ella estava ainda installada no casarão das Monicas, descer o caminho que da Graça conduz á Sé; passando pelo Limoeiro, depois pelo Aljube. O meu espirito como que associava, n'um pensamento dolorosissimo, os enclausurados nas tres pocilgas: lá no alto, d'onde eu vinha, os *filhos;* mais abaixo, os *paes;* em seguida, as *mães* e as *irmãs;* embriões e praticos do crime, na maioria inconscientes. E a minha pupilla viu sempre, n'um fundo resplandecente, o grande responsavel, o maximo factor: a sociedade, fomentando á ignorancia e refocilando-se nas imprudencias da relaxação.

E' d'esse *bloco* que sae a *loucura de Jesus* — escorrencia do criterio, bestial e bebedo, em cathedra e exploração do escandalo, em aggravo do defensor dos opprimidos. Remate da cupula infame!

Meu illustre collega: A quem, sinceramente, me objectar que nada tem com taes *problemas* o chefe do districto administrativo, direi que tal auctoridade tem força legal e pessoal para proceder efficazmente. Ignoro se lhe pertence a inspecção, nunca vista, do *trabalho dos menores* nas fabricas, ou se é do *gâchis* das obras publicas. Pois não lhes custará, n'este caso, chamar a si um tal serviço—e desempenhal-o humanamente.

E' da falta de simples medidas que, pelo ordinario, resulta a formação de *problemas sociaes.* E vale a pena consagrar á pratica do Bem metade do tempo e dos recursos que se applicam, em regra, á violação do justo, á adulação dos triumphadores e ao rebaixamento social. Ao menos, como lei de prudencia, como medida preventiva!

De v., etc.,
Silva Pinto».

*

Do *Seculo*:

«NAS ROÇAS DE S. THOMÉ

A campanha dos chocolateiros

Fingida humanidade dos industriaes inglezes— O que diz o sr. Silva Pinto

Meu presado collega: Um velho amigo meu, e talvez de v., engenheiro e como tal muito considerado na metropole portugueza e nas colonias, envia-me esclarecimentos, que eu solicitei, ácerca de um assumpto que, parecendo uma lucta de interesses particulares, é uma questão nacional, da competencia do jornalista e, em geral, de quem préza o bom nome da patria, atassalhada por inconfessaveis intuitos.

Trata-se da lucta que vae travada em S. Thomé, entre os *humanitarios inglezes* e os homens que ali, por sua esforçada iniciativa, desmentem a lenda de frouxidão, de relaxação e de inercia, em que muitos dos nossos compatriotas, de mãos

dadas com o Estado, parecem mirar-se, ufana e deliciosamente — para estrondoso descredito da collectividade nacional.

Dir-se-ia, fixando as phases da lucta, que nos achamos transportados aos tempos da sentimental Beecher Stowe, mais das inclemencias do *Tio Thomaz*. O sentimentalismo inglez, escorrencia do humorismo, vê no cacau de S. Thomé e no trabalho energico dos cultores uma affronta á civilisação; a historia da humanidade é d'uma ferlilidade que espanta, ao indicar os vôos d'aguia de tal sentimentalismo — vôos de alto contra as miserias da terra. Dos mais recentes testemunham, espapados em sangue, os campos do Tranvaal.

Que a oppressão mais cruel peza, nas fazendas de S. Thomé, sobre os trabalhadores negros —arrancados ás doçuras do seu torrão. A calunia, n'este ponto, friza o ridiculo immortal. *In-di-gna-dos*, como o S. Polycarpo, de Flaubert, os refractarios da *Salvation army* não querem vêr—como o peor cego—que só a imbecilidade absoluta deixaria, por parte dos fazendeiros, de tratar com as possiveis commodidades e com

bondade os trabalhadores não indigenas, mas importados, isto é, mais sujeitos ao abatimento, ás enfermidades e ao desconsolo gerador do enfraquecimento, da inercia e da repulsão pelo trabalho. Dado que não subsistam sentimentos de humanidade, impõem-se considerações economicas rudimentares. Isto é tão penetrante que até deve furar a obtusidade de qualquer *visitador britannico* — *ad hoc* indigitado para a calumnia.

N'este ponto, impõe-se um alvitre a todos os graus de sagacidade: convidar os *torturados negros* a abandonarem as roças, voltando ao goso do seu lar. Não acceitam — os *torturados!* Preferem, ás doçuras da liberdade no Bihé, o trabalho — que, em S. Thomé, lhes garante tratamento proprio de homens e remuneração condigna do seu esforço!

Não vale a pena enviar ali *um visitador* — calumniador emerito, ao serviço do *humanitarismo*. O que vale e importa é que o ministerio da marinha e ultramar deixe de ser... o que, em regra, tem sido — em santa harmonia com o *resto*. A colonia de S. Thomé pensará que bem lhe quadra ser portugueza e trabalhar, — para

obter justiça de Cafre — não offendamos os Mouros.

De v., etc.
Silva Pinto.»

*

Do *Seculo*:

A concorrencia da mão d'obra penitenciaria

Resposta a um «trabalhador»—O congresso penitenciario de S. Petersburgo e as prescripções por elle recommendadas.

Meu prezado collega. — Escreve-me, benignamente, um *trabalhador*, a indicar-me uma especie de problema — «um facto de funestas consequencias para a classe operaria» — e produz o alvitre de eu condensar em livro numerosas *consultas* que de mim, *chétif*, existem espalhadas pelos jornaes portuguezes. Antes de referir-me ao «funesto facto», devo objectar que taes consultas — ácerca de numerosos incidentes e pormenores da nossa vida social — a sorte dos menores, o trabalho das mulheres, as prisões, os

manicómios, a colonisação, o pauperismo, a assistencia publica, mil e um deveres e outras tantas lacunas, a cargo e da responsabilidade do Estado, da sociedade e do individuo—acham-se, recolhidas dos jornaes, em trinta volumes, por mim publicados desde 1895 até hoje. Não posso ignorar que é avultado o numero de colleccionadores d'esses livros. Louvado seja Deus!

Vamos ao caso.

Quer o *trabalhador* que eu lhe explique as causas do mutismo *burguez* ácerca da concorrencia da mão d'obra penitenciaria, feita *aleivosamente* ao trabalho livre. Attribue o mutismo á relaxação dos egoistas burguezes, dos quaes só indifferença ou aggravos teem a esperar os trabalhadores.

Peço perdão. Bate o meu correspondente a uma porta em especiaes condições, que lhe não robustecem os fóros de accusador. Pelo que toca ao meu particular mutismo, devo dizer-lhe que já em 1870, aos meus 22 annos de edade, era eu expulso do lar paterno, porque, travados n'essa epoca violentos recontros *economicos* entre o capital e o trabalho, eu, filho e herdeiro presum-

ptivo de um industrial abastado, tomei a defeza dos seus trabalhadores, levando a heresia ao ponto de collaborar com phrenesi n'um jornal prohibido no estabelecimento fabril do meu progenitor. Foi assim que eu defini uma attitude, que só podia ser-me funesta, sem me importarem os resultados.

No caso de hoje, a que se refere o *trabalhador*, cumpre-me ponderar o seguinte:

No 4.º congresso penitenciario, realisado em 1890, em S. Petersburgo, *por iniciativa burgueza*, e magnificamente acolhido pelo autocrata e pela aristocracia do imperio russo, foi posta a mencionada questão da obra penitenciaria, — questão já reservada pelo 3.º congresso, realisado em Roma. E assim, nos seguintes termos, a estabeleceu o *mutismo* da burguezia:

«*a)* Até que ponto é o trabalho nas prisões prejudicial á livre industria?

b) De que modo poderia ser organisado o trabalho dos reclusos, no intuito de evitar, quanto possivel, osi nconvenientes d'essa concorrencia?»

Uma vez assim posta a interessante questão, importa saber se Portugal tinha, no congresso

de S. Petersburgo, um representante official. Tinha-o, nomeado por decreto de 22 de maio de 1890, em Lisboa. Era o professor F. Deusdado, ao qual se deve um substancioso relatorio então elaborado sob o titulo — «O ensino carcerario e o congresso penitenciario de S. Petersburgo.» E' da Imprensa Nacional de Lisboa, em 1891. Bom livro!

O interessado lança mão do relatorio — ainda obra de burguez — e lê as seguintes conclusões sobre a controvertida questão:

«Dada a obrigação restricta de impôr o trabalho dos reclusos, é necessario que a sua mão d'obra produza resultados uteis, como, aliás, deveria produzir, se ella se exercesse na vida livre.

No entretanto, o trabalho dos reclusos, se fôr organisado com discernimento e bom criterio, sob a acção de uma administração sempre attenta a regular convenientemente as suas condições, não deverá, segundo parece, constituir, com relação ao trabalho livre, senão uma concorrencia de muito pequena importancia. E, sobretudo, essa concorrencia não deverá razoavel-

mente dar motivo a queixas, quando se tratar, quer de trabalhos agricolas de interesse publico, e com a vantagem de evitarem a deslocação dos trabalhadores ruraes, quer de trabalhos industriaes, que funccionem para a satisfação das necessidades das proprias prisões, ou de outros quaesquer serviços publicos por conta do Estado.

De um modo mais especial, e sem pretender fixar regras invariaveis e absolutas, parece que deverão ser recommendadas as seguintes prescripções:

1.ª Que a mão d'obra seja utilisada, tanto quanto possivel, e sem prejuizo do principal fim penitenciario, para a satisfação das proprias necessidades da vida dos reclusos e do funccionamento regular das prisões.

2.ª Que as vantagens, que porventura possam resultar da mão d'obra, sejam, tanto quanto possivel, reservadas para o serviço do Estado, e não constituam de modo algum beneficio para as emprezas, ou explorações particulares.

3.ª Que a fixação dos effectivos de cada industria em um determinado logar, a escolha, a va-

riedade e a substituição d'essas industrias e a determinação dos salarios e tarifas do trabalho sejam combinados de fórma que não constituam protecção, privilegio ou força abusiva, capaz de deprimir d'este ou d'aquelle modo as industrias livres correspondentes.

4.ª Que a auctoridade publica, qualquer que seja a organisação do trabalho, nas casas de reclusão, conserve sempre nas suas mãos o meio proprio de evitar toda e qualquer concorrencia abusiva, que porventura se produza, sem que reduza os reclusos a uma inacção prejudicial, e sem que os abandone á exploração de quaesquer industriaes ou empreiteiros.»

... E assim se demonstra que o congresso burguez contrariou as praxes da indifferença egoista — injustamente indicadas pelo *trabalhador*.

De v., etc.
Silva Pinto.»

*

Do *Seculo*:

«A correcção de menores

O illustre escriptor Silva Pinto aponta varias conclusões do congresso de S. Petersburgo

Presado collega. — E' certo que eu não perco de memoria aquella phrase d'um redactor da folha parisiense, que ha pouco visitou Lisboa. Referindo se á nossa existencia, como nação, disse o nosso hospede, com uma triste exactidão. *Ça ne marche pas.* E' cruel e é justo.

Acontece, porém, que, de tempos a tempos, idéas soltas, como que desprendendo-se de um corpo de doutrina, agitam o nosso meio social. N'ellas se preoccupam, inesperadamente com intenso nervosismo e, quiçá, desordenadamente, boas vontades e solidas intelligencias Sol de pouca dura! Subitamente, o interesse extinguiu-se, o *assumpto* caíu no abandono. *Çá ne marche pas.*

Ha tempos, as questões penitenciarias entra-

ram em ordem do dia. Duas coisas, que se observem, determinam o facto : — o augmento incessante, ameaçador, da criminalidade e da vadiagem, de causas complexas, mas conhecidas — e uma ou outra medida de assistencia social.

Sendo certo que *um rei fraco faz fraca a fôrte gente*, resulta, por coherencia, que um bom gesto — com sóe dizer-se — executado com attenções e sympathias exerce poderosa influencia nas diversas classes, altas ou baixas, e nos individuos que as compõem. A verdade é que nunca se falou tanto, como agora, de assumptos penitenciarios. Para maior abundancia de documentos, augmenta-se o falatorio !

Assim o entende *um intellectual* (muito bem apparecido !) que me expõe, por escripto, difficuldades ácêrca das penitenciarias agricolas e do trabalho ao ar livre. Ainda eu não largára de mão, ao receber a *consulta*, o relatorio do Congresso de S. Petersburgo (1890), a que eu já alludi no *Seculo*. D'ali consta o seguinte, que tenho o gosto de offerecer ao *intellectual :*

A 10.ª questão do congresso, *apresentada pelo governo japonez*, é precisamente o assumpto a

que se refere o *amador*. Nos seguintes termos se exprimem os homens do Extremo Oriente:

O Japão e as colonias penitenciarias agricolas

«Se, porventura, com um fim de colonisação ou de roteadura de terrenos incultos, se installasse uma prisão em um terreno em exploração agricola, adoptar-se-hia ahi um regimen especial, differente dos estabelecidos nas prisões em geral, tratando-se ahi os prisioneiros com menos severidade do que em qualquer outra parte? E n'estas circunstancias, assim como tambem na intelligencia de que os prisioneiros, mandados para essa penitenciaria especial, serão naturalmente os que tiverem sido condemnados a penas mais longas, julgar-se-hia conveniente que elles fossem submettidos a um regimen penitenciario de ordem particular, tratando os severamente durante um certo e determinado praso nas prisões do interior, antes da sua transferencia definitiva para a prisão de que se trata?»

Responde o relator do Congresso, 2.ª secção: «Aceito que seja o systema progressivo para

os reclusos por longo praso, seria possivel, e até mesmo muito para desejar, que elles fossem occupados em trabalhos ao ar livre, com a condição, porém, de que deveria ser mantida a sua completa separação dos trabalhadores livres. Essas occupações poderiam ser organisadas no proprio paiz, ou nos seus confins».

As conclusões do congresso de S. Petersburgo:

«Amplia e esclarece a assembléa geral, reportando-se o caso ás conclusões que obtivera a seguinte questão: — Modos de execução das penas que importam a perda da liberdade por largo espaço. São as seguintes:

«1.ª Sendo certo que todas as penas teem como intuito punir o criminoso, collocal-o em condições de não prejudicar os outros, o facultar-lhe os meios apropriados á sua rehabilitação; sendo certo tambem que as penas de longa duração devem dar, mais do que quaesquer outras, ensejo a esperar se regeneração do criminoso; a organisação d'essas penas deverá ser inspirada

. . . .

pelos mesmos principios de reforma que regem as de curta duração.

2.ª Toda e qualquer condemnação a uma pena de duração longa deverá ter no seu começo um certo praso, mais ou menos prolongado, de prisão cellular.

3.ª Depois de um certo tempo de cellula de dia e de noite, e quando o condemnado seja admitido ao trabalho em commum durunte o dia, continuará ainda a ser durante a noite encerrado na sua cellula.

4.ª A administração penitenciaria deverá organisar trabalhos, tanto quanto possivel, ao ar livre, e de preferencia trabalhos publicos, mas com a condição indispensavel de que esses trabalhos serão installados de maneira que os reclusos nunca estejam em contacto com a população livre.

5.ª As franquias condicionaes nunca serão concedidas senão com toda a circumspecção uma e prudencia, e seguindo-se n'essas concessões gradação qne esteja em perfeita harmonia com a regeneração progressiva do condemnado.

6.ª Serão estabelecidas instituições de protecção, quer por iniciativa particular, quer por iniciativa da administração, para patrocinar os condemnados durante a sua libertação condicional, e para velar por elles, mesmo depois da sua libertação definitiva, pelo menos emquanto não puder julgar-se completa a sua regeneração.»

... Ahi ficam, talvez, satisfeitos os louvaveis desejos — de instruir-se — do meu correspondente. Aproveito o ensejo para uma nota, que representa um voto de louvor pessoal, muito enthusiasta.

E' digno de sincera homenagem o congresso de S. Petersburgo, a que me tenho referido. Ali trabalhou-se com intelligencia e brio: destacou-se a obra d'aquella assembléa de superiores — da vacuidade de tantos congressos, que apenas servem para a exposição de farfalhices e para o consumo de vitualhas. Lidou-se por saber e por divulgar as conquistas da discussão, fixando-se *a priori* e *a posteriori* os conhecimentos existentes.

Nobre e generosa reunião de trabalhadores do pensamento!

Sou de v. , etc.

Silva Pinto.»

*

No *Seculo*:

«QUESTÕES SOCIAES

A reincidencia no crime

Um congresso em que Portugal primou pela ausencia — Bagatellas de que não vale a pena curar...

Prezado collega. — Pois que de *reincidentes* venho tratar na minha palestra de hoje, declaro, desde já, que eu teria de julgar-me e de ser por outrem considerado incurso na mais burlesca *reincidencia*, se n'este ponto da minha travessia, abatido no physico e fatigado no moral, eu ainda crêsse na efficacia das considerações, nos dominios da reforma social. Quando muito, aspiro a

fornecer a espiritos ávidos de *assumpto honesto* notas dispersas para um corpo de doutrina — se para tanto dér, em duração, a vida d'este nosso planeta. Deus lh'a conserve, se a melhora!

Quero hoje — a proposito de um assumpto que *lá fóra* agita os espiritos dos especialistas cultos em materia de criminalidade e que não encontra no nosso lindo meio o tempo e a attenção para um ligeiro exame — entreter-me, com os raros apenas, na *reincidencia* no crime. Este assumpto, em que pese aos nossos ferro-velhos da jurisprudencia, mais aos cultores do *fiat justitia!* — apparece-nos discutido, por exemplo, no Congresso Internacional Criminalista celebrado em Berne, em 1890. Estavam ali representadas, por uns 60 delegados, todas as nações cultas dos dois mundos. Portugal — não. Nem ha verba para extravagancias nem que a houvesse; está entendido: *Ça ne marche pas.*

Ao mencionado congresso presidiu, durante todas as suas deliberações, o *chefe do estado*, modo de dizer, o sr. Ruchonet, presidente da confederação suissa. Vejamos o que, segundo informação do sr. F. Deusdado, em addicional

ao seu relatorio do congresso de S. Petersburgo, ali — em Berne — se discutiu e apresentou, sobre tal assumpto.

O congresso de Berne vota a suspensão da pena aos individuos ainda não condemnados e que não tenham soffrido condemnação durante 5 annos.

Inspirando-se na legislação ingleza e na lei belga de 31 de maio de 1858, e tambem em deliberações do senado francez, pensou o congresso que não seria demasiada a indulgencia que se dispensasse ao delinquente que não tivesse sido ainda condemnado a prisão ou commettido qualquer infracção punida com a prisão que dá origem á sua apresentação nos tribunaes criminaes, ou tribunaes de repressão de outra ordem. Este encarceramento fere indistinctamente o desgraçado que foi victima de um incitamento isolado e o que «tem por uso e costume violar a lei». Estes dois homens, tão differentes, são encerrados na mesma casa de detenção, submettidos ao mesmo regimen, e não póde negar-

se que os mais bem dirigidos estabelecimentos penaes são verdadeiras escolas de mutua depravação.

E votou, n'estas circumstancias:

«— Que se suspenda a applicação da pena a todo o individuo ainda não condemnado e que não tenha soffrido condemnação durante 5 annos.»

Certo é que em Inglaterra mal provou este systema de *tickets for lives*, mas impõe-se o embargo áquella horrivel promiscuidade, da qual disse Tocqueville, no parlamento:

— «Se eu dissesse tudo, não só faria gemer, mas córar a camara.»

Pondéra o nosso citado compatriota:

«Na promiscuidade continua da prisão não existe o condemnado arrependido. Que póde leval-o a reflectir salutarmente sobre a falta do castigo? Os agentes moralisadores da prisão, o director e o capellão — cuja intervenção é feliz em muitos casos — debalde exerceriam sobre elle a sua influencia, immediatamente combatida e destruida.

....

«Na Suissa, a administração, em épocas diversas, fez tentativas praticas para attenuar o mal; classificou os presos, dividiu-os em diversas cathegorias, destinou-lhes locaes separados, segundo o supposto grau da sua perversidade. Forçoso foi reconhecer em presença dos resultados a insufficiencia de taes medidas.»

Necessidade de uma legislação criminal mais humana—Possibilidade de realisar esse «desideratum».

Presidindo ao alludido congresso, o illustrado presidente da confederação suissa, depois de haver comprovado o movimento que se opéra em todo o mundo, em favor de uma legislação criminal mais humana, mais generosa do que a que hoje vigora, demonstrou a possibilidade das reformas desejadas.—«No seculo passado, disse elle quasi textualmente, tiveram nossos paes que ferir muitas outras luctas. Poucos annos antes de 1789, a masmorra e a tortura, ou, pelo menos, uma série de medidas crueis, que tinham ficado da barbaria da Edade Média, ainda se praticavam...»

A seguir ao illustre chefe do Estado, o sr. Prins, professor de direito em Bruxellas, insistiu n'esta ordem de idéas:

«Outr'ora, os povos concorreram a mercados distantes, para ahi cambiarem os seus productos; hoje, a necessidade de formularem idéas fal-os reunir mais frequentemente do que nunca, em conferencias internacionaes, para tratar de questões que honram a humanidade... Trata-se de conciliar duas cousas: o ideal e o real, a piedade e a justiça, trata-se de conceder aos humildes, aos desherdados a parte que lhes pertence, tratando os não já como machinas, mas attendendo ás circumstancias.»

Contraste desalentador — Là fóra e cá dentro...

... Meu presado collega. — Outra *vantagem*, que eu não citei, surge das referencias a taes esforços dos trabalhadores do espirito. São ellas de puro e bello realce para a comprehensão que taes homens teem da sua missão na terra. Lê-se, compara-se e julga-se. Além, a discussão de problemas sociaes, firmada no estudo progres-

sivo, no trabalho e na dedicação pela especie e pelos desgraçados d'ella. Algures, a distancia, a fermentação putrida do egoismo, da ignorancia, da relaxação, da intriga pelos interesses pessoaes, da ostentação da parvoice ventruda e triumphal — isso afóra alguma excepção rara de especial dedicação intelligente...

Vêde, comparae e julgae!

De v., etc.
Silva Pinto.»

*

No *Seculo*:

«**Anthropologia criminal**

A regeneração phisica dos filhos dos criminosos [1]

ASYLOS DE INICIATIVA PARTICULAR DESTINADOS A AMPARAL-OS E EDUCAL-OS

Presado collega. — Afigura-se-me que, entre nós, a missão das comissões de patronato tem-se

(1) Corre o dever a quem se preoccupe na Criminalidade, em Portugal, de bemdizer o nome do

reduzido a lamentar a falta de auxilio dos poderes publicos. Eu, se fosse publico poder, trataria, em primeiro logar, de definir-lhes o que teem a fazer n'este mundo; depois, ajudal-as-hia transportar a cruz. Retido junto a um leito, pela enfermidade — que me difficulta estender-me em cima d'elle — dou-me ao gôzo, gratuito, de contar a tão interessadas commissões algo do que *lá por fóra* se tem feito, ou tentado fazer.

NÃO HA QUESTÃO ALGUMA QUE SEJA ABSOLUTAMENTE ESTRANHA AOS MEDICOS — UMA OPINIÃO DE LITTRÉ

E' forçoso começar por aqui:

Diz, na *Gazette des Hopitaux*, o dr. Montanier:

«Não ha, em ultima analyse, questão alguma que seja absolutamente estranha aos medicos.

---

sr. Arthur Alberto de Campos Henriques, como o do estadista que mais a sério tem tratado o assumpto. Ao menos na pagina do *livro* póde-se consignar tal louvor, a que o *jornal politico* não deixaria de pôr embargos.

Porventura, pessoa alguma está mais apto do que elles a bem julgar do desenvolvimento das paixões, seu encadeamento, sua relação com os caracteres das personagens postas em scena ? As questões de psychologia e de moral são da sua competencia e emfim as questões de physiologia, tão singularmente desfiguradas pelos auctores modernos, pertencem-lhes em bom direito.»

Trata-se de um romance composto por um medico. Generalisando, diz Broussais *(De l'irritation e de la folie)*:

«Uma cousa me pesa; é que os medicos que cultivam a physiologia não reclamem mais do que metade da sciencia das faculdades intellectuaes e que os homens que não fizeram mais do que um estudo especial das funcções queiram apropriar-se d'esta sciencia sob o nome de psychologia.»

Resume Vulpian:

«A certo ponto de vista, a psychologia toda é do dominio da physiologia.»

E um nosso compatriota, o malogrado Luciano Cordeiro, ao discutir o drama *Fr. Caetano Brandão,* do *medico* Silva Gayo, apoiava aquellas conclusões e n'ellas firmava a sua critica.

Sem pretenção maliciosa, é licito objectar, em restricções:—«Conforme a capacidade scientifica do medico em acção...»

Isto posto e sem que absolutamente eu acceite taes conclusões, antes receba a de Littré:—«Ha a physiologia psychica e a physiologia cerebral», vejo explicado o meu pendor — fóra dos dominios da symples sympathia romantica, especulativa — á observação attenta do *processo* do medico-reformador social. Explicação do patriarcha do *positivismo scientifico.*

«O FILHO DO CRIMINOSO, NAO NASCE, FATALMENTE, MAU», AFFIRMA DE BAETS. — AS OBJECÇÕES DE DALIFOL E DO DR. MOTET.

Em taes considerações me preoccupei, ao relêr agora — no relatorio do illustre professor Francisco Ferraz de Macedo, ácêrca do Congresso de Anthropologia Criminal, de Genebra,

de 1896 — a seguinte proposta do congressista belga De Baets, abbade na cidade de Gand :

— Como alguns o fazem, elle não pensa que o *filho do criminoso* nasça fatalmente mau, criminoso como o pae, incorrigivel, não educavel; antes pensa que, embora eivado pelas maculas da herança, desmazelo na educação, etc., é susceptivel de modificação — pela hygiene e pela moral. Pede, pois, *asylos especiaes para os filhos dos criminosos.*

Em taes asylos só teriam ingresso os que dessem signaes evidentes de degenerescencia, os de predisposição delinquente. Crê o reverendo proponente que a *iniciativa privada* seria mais proveitosa do que a do Estado—pois livraria de ferrete os asylados.

Define o rev. De Baets a tara degenerescente do criminoso, nos seguintes termos :

«Devem ser comprehendidos no sentido lato da palavra — a syphilis, o alcoolismo, a miseria physiologica, etc. Nos asylos, a hygiene é poderosa na cura dos hereditarios, pois que o ar favorece as trocas nutritivas, o exercicio fatigante

retarda a eclosão genesica, a alimentação especial domina o temperamedto erotico; ella retarda egualmente diatheses, a irritabilidade nervosa e predisposição epileptica dos 60 % de alcoolicos e syphiliticos, chegando talvez estas ultimas a serem dominadas. Emfim, a gymnastica em geral e alimentação de 12 a 21 annos, superior, relativamente, ás dos adultos, ajudarão a regeneração, como parecem demonstrar os resultados da escola de beneficencia de Gand, dirigida por Bailly, verificando assim a *mens sana in corpore sano.*»

A' proposta de De Baets oppõem objecções os congressistas Dalifol, director da casa de educação penitenciaria *La Loge*, de Paris, e o dr. Motet, medico, da capital franceza.

Está o illustre clinico e academico de accordo, *em principio*, com o proponente, mas não tem a certeza de que o filho do criminoso careça de educação especial; insiste em que os trabalhos manuaes e agricolas devem ser applicados e *estudados*. E' vaga a objecção.

Mais precisamente, na fórma, diz Dalifol:

«Se tal asylo-escola fosse possivel, resultaria: 1.º, que os *hospedes* seriam obcecados pela idéa da ascendencia; 2.º, que a sociedade teria repulsão por elles.

«Além, d'isso, accrescenta, essas creanças, sendo objecto de piedade, eram, ao mesmo tempo, objecto de desprezo publico, animando os criminosos á maleficencia, pois que viam assegurado o futuro dos filhos.»

Conclue:

«Mais gósto do pensamento de Bernardin de Saint-Pierre: «São as creanças que affastam a corrupção das sociedades, trazendo-lhes almas novas e innocentes.»

Parece-me, no fundo, arbitrario e pueril.

A OPINIÃO DO SR. DR. FERRAZ DE MACEDO É DE QUE A REGENERAÇÃO PHYSICA DE DETERMINADOS FILHOS DE CRIMINOSOS É IMPOSSIVEL.

Honrosamente para nós, seus compatriotas, se pronuncia, com elevação e firmeza, o congressista dr. F. Ferraz de Macedo.

Diz o illustre anthropologista :

«Fintado na idéa de que o degenerescente congenito, mesmo crivado de estygmas e máculas organicas e funccionaes, é susceptivel até de regeneração physica, De Baets lembra no seu relatorio a creação de asylos de iniciativa particular para os filhos dos criminosos, tendo por fim amparal-os e educal-os de fórma que de futuro sejam prestimosos, ao menos a si.

«A regeneração physica dos filhos dos criminosos pathologicos e alcoolicos é impossivel, porque a sua degenerescencia está filiada na sua constituição organogenica, ou na hereditariedade; egual miseria acontecerá á sua prole ou á segunda geração, que será fatalmente condemnada a trilhar o penultimo degrau da extincção. Aconselhar a escala regenerativa para a prole dos degenerados positivos, por meio de casamentos com outros semelhantes, perfeitos, seria um crime de caracter consciente contra a collectividade social futura, porque iriamos diffundir no seu seio entes imperfeitos, devendo nós, pelo contrario, procurar purifical-a com organisações

immaculadas, começando desde já pelo sequestro da prole d'estes degenerados e utilisando os perfeitos que com elles tenham de proliferar, afim de contribuirem com o seu obulo prolifico. sem taras de qualidade alguma.

«Em tudo o mais estou de perfeito accordo na philantropica e grandiosa idéa De Baets, salvo detalhes.

«Amparar, soccorrer, dar elementos vitaes aos infelizes que nasceram da imprevidencia social, é o dever humano, até á reforma capital, que suspenda a apparição nos que veem entorpecer a marcha harmonica—aos que a madre natureza criou para a inaltecerem.»

... Para as nossas commissões de patronato verem — nos intervallos das lamentações.

De v., etc.
Silva Pinto.»

*

Cresça o monte! E' do *Diario de Noticias* o seguinte telegramma:

«VIEIRA, 28.—Os proprietarios das casas das escolas arrendadas á camara, reunidos, resolveram, caso o governo não pague as rendas em divida ha mais de dois annos, fechar estas e telegrapharam ás estancias competentes.»

... E dizia o outro: — *Ça ne marche pas!* Obliquamente, como os caranguejos, e sem parar!

Bem dizem os bonzos da publica governação — quando se trata de pagar cinco tostões por dia: — *não ha verba!*

Um corno!

*

Vejo agora que no Porto as leiteiras se reuniram em comicio, protestando contra a fiscalisação. Ainda bem que taes servas do Senhor se sentem fortes — pela sua honestidade profissional! Em Lisboa, até *urinam* no leite parte dos vendilhões do genero — e não ha policia que fiscalise.

Pois que não ha verba!

*

Deixem-me registrar, com magua, o fallecimento do grande escriptor brazileiro Machado d'Assis, e enviar os mais sinceros sentimentos á Litteratura Brazileira, que elle tanto honrou.

---

1 de outubro.—Pessoalmente, renovo os meus parabens ao sr. Ferreira do Amaral!

*

Alli o *Barbas de Porco*, mais o *Bocca de Favas*, accusam-me de *excitar* contra o *João Franco.*

Eu, peccador, me confesso... não de *excitar*, mas de *entreter*, quanto posso, a *inevitavel excitação.*

A proposito:

Vejo n'um jornal hespanhol—que *aquillo* termina pelo suicidio.

Varro essa! Os *malfeitores* d'aquelle quilate não se matam; levam a desgraça e a morte á

casa alheia, — e morrem de raiva, quando inutilisados para proseguir.

Parece, então, remorso!

Olho n'*elle*, até depois de morto!

*

Foram hontem entregues na direcção geral de saude e beneficencia, pelo sr. conselheiro Tenreiro Sargedas o relatorio e processo referentes á syndicancia de que fôra incumbido á administração do real hospital das Caldas da Raínha, que, no parlamento, accusaram de diversas irregularidades.

Aquelle funccionario, não obstante ter procedido a um rigoroso e minucioso inquerito, nada apurou contra os actos do administrador do referido estabelecimento.

Felicito este, porque a syndicancia — com a respectiva causticação — partiu os dentes podres dos canalhas difamadores.

Quem não pede syndicancia é o *protegido Murinello.* No seu genero, tambem a não precisa. Já se sabe tudo...

Com o que o birbante se não importa. *O que não mata engorda...* Até os escarros na cara!

---

2 de outubro. — Lavra irritação feroz contra o sr. Ferreira do Amaral — porque o velho lobo do mar *achatou* o *bec* aos espertalhões da politiquice. O *Liberal* diz:

«Os navegantinos, por mais que desejem occultar a furiosa tempestade que lhes vae n'alma, não o conseguem. A sua raiva contra o Makavenko irrompe ameaçadora—apenas lhe ouvem o nome. E dizem que em janeiro se verá quem tem força e quem ha de levar um monumentalissimo trambulhão, se elles, ou o Makavenko.»

Mas o melhor da passagem é aquillo das *Novidades* — do sr. Teixeira de Sousa:

«Já aqui o dissémos ante-hontem: o governo está morto. Por mais balões de oxygenio que procurem insuflar-lhe nos pulmões — como este

das eleições camararias, hontem decididas, afinal, por *unanimidade* — o ministerio tem os seus dias inexoravelmente contados. Logo que abram as Camaras, não ha elixir, por mais milagroso, não ha choques electricos, por mais energicos, que sejam capazes de dar apparencias de vida, de galvanisar sequer, por instantes, aquelle cadaver. A queda — a poucos dias da abertura do Parlamento — é irremediavel, é fatal.

«Pois se tem de cahir, o mais tardar, dentro de tres mezes, melhor serviço prestaria a si proprio e ao paiz. cahindo já.»

... Tem pressa? Vá por terra! — dirá o lobo do mar. Que tres mezes são para damnar um *benedictino.* Muito se deve rir o Diabo — das creaturas do bom Deus!

*

Dizia o jornalista parisiense que, ha tempos, nos visitou:

— «Très bien! Mais ça ne marche pas!»

Diariamente penso em tal verdade profunda.

Agora mesmo, é ao vêr como Augusto Broca explica na *Revista Philantropica*, franceza, a organisação, realisada, das casas para operarios — em Paris :

«O alojamento, typo construido por esta sociedade, compõe-se de quatro divisões : 1.ª, um aposento commum, espaçoso, medindo, pelo menos, tres metros e meio por quatro metros, que serve ao mesmo tempo de cosinha e de casa de jantar e de quarto de trabalho durante o dia. É natural que uma mulher que tem, pelo menos, tres filhos em quem cuidar, não possa trabalhar fóra de casa; por este motivo é que os inglezes, ao fixar o salario dos operarios, calculam que elle seja sufficiente para o mantimento da familía inteira. Quando uma mulher tem filhos, o seu logar é no lar domestico e não na fabrica. 2.ª, um quarto de cama para os paes; 3.ª, um quarto de cama para os filhos varões, e 4.ª, um quarto de cama para as filhas. As divisões devem ter uma superficie de, pelo menos, 3^{m},50 de largura por 3 metros, e 2^{m},60 de altura.

«A parede que divide os dois quartos dos fi-

lhos não chega até ao tecto; assim o ar póde circular mais livremente, ao passo que se faz uma maior economia na construcção. Cada quarto tem a sua janella e póde conter commodamente dois leitos.

«O aquecimento é obtido por meio de um fogão situado no aposento commum e o ar quente distribuido por um tubo.

«A janella do aposento commum deita para uma varanda, de um lado da qual ha um guarda-comida e do outro uma caixa para a roupa suja; por este modo fica excluido mau cheiro do aposento.»

... Hei de reproduzir o resto. No entanto, èntrè nós... um retorcido!

---

5 de outubro. — Já não ha policia no largo do Quintella, junto ao monumento a Eça de Queiroz.

Está, finalmente, a estatua do grande escriptor como a de D. José: ás moscas, etc.

A infamia — vá lá o verdadeiro termo! — consiste em que Eça de Queiroz deixou de ter policia — porque o conde d'Arnoso já não manda. Se isto não está sendo paiz de Cafres, sou eu tão burro como sr. ... Não se escoucêem, que todos dão na vista!

*

Do *Diario de Noticias* — ha 40 annos:

«**Theatro de S. Carlos.**—O theatro lyrico abre hoje com a opera *Cenerentola*. As Marchisios fazem n'esta linda composição a sua estreia, na presente época.

«A parte de D. Magnifico é desempenhada pelo baixo comico Bottero, cuja reputação se funda em precedentes honrosos. O sr. Corsi desempenhará a parte de tenor. Os coristas são quasi todos novamente escripturados no estrangeiro.»

... As irmãs Marchisios, o Bottero, o Corsi... que saudade!

. . . .

*

No Boletim da Sociedade *Propaganda de Portugal* vem um artigo firmado por *J. Fernando de Sousa,* defendendo contra grandes troças a *batalha das flôres* offerecida em junho, em Lisboa, aos congressistas telegrapho-postaes. E diz:

«Juntaram-se toneladas de flôres vindas de innumeras localidades, desde o Porto até o Alemtejo. Durante uma hora distribuiram-se largamente flôres a todas as carruagens, não tendo havido em nenhuma das batalhas anteriores essa relativa abundancia.»

... Vae a gente ás contas e lê: — *Flôres e transportes — 15$440.*

Quinze mil quatrocentos e quarenta réis!

Fernandes d'uma canna! Se isto não é um *paiz mendonça e costa,* ainda eu seja um burro... como alli *aquelle* que me está ouvindo!

Isto só com um chinello na rabadilha, até elle se converter em bacalhau!

*

A direcção geral de instrucção primaria vae enviar uma circular aos inspectores das escolas, no sentido de promoverem a festa escolar, nas respectivas circumscripções, na 2.ª quinzena do corrente mez.

Aos inspectores das 1.ª e 2.ª circumscripções, são dados 50$000 réis a cada um para as respectivas despezas, e 100$000 réis ao do Porto. Os livros destinados a premios são enviados directamente pela direcção geral aos sub-inspectores, sendo destinados 550 exemplares para Lisboa cidade, 300 para o Porto cidade e variando entre 160 e 334 para cada uma das restantes sub-inspecções.

Na mesma circular recommenda-se aos sub-inspectores que promovam, perante as commissões de beneficencia e ensino, a acquisição de premios, visto ser insufficiente o numero d'aquelles que o Estado póde conceder.

Viram ?

Tão réles! Tão pelintra! Mas se não chega para tudo !

E pedem zelo e trabalho e intelligencia! Uma pouca... para *elles!*

*

No Brazil:

Para o logar de presidente da Academia de Lettras, vago pela morte de Machado d'Assis, foi eleito Ruy Barbosa.

Está bem.

*

Ali no Porto, onde a vida *municipal* tem sido um inferno de episodios negros, hão de apreciar a seguinte referencia da *Lucta* ao *municipio* de Lisboa:

«O que tem sido a vida municipal de Lisboa, sobretudo desde 1890, anno em que a camara foi dissolvida por concorrer para a subscripção nacional, todos o sabem. Cerceadas a cada passo as regalias da cidade, as vereações eleitas, ou que se diz terem-no sido, constantemente substituidas por commissões administrativas, o minis-

terio do reino governando absolutamente, e os municipes sem voz activa nos assumptos que mais lhe interessam »

Está certo. A vêr agora! — como dizem os vaqueiros...

---

7 de outubro. — Toda a gente ouviu falar de um famoso discurso de Salmeron, ácerca da Internacional. E' de 26 de outubro de 1871. Destaco o seguinte bello trecho — de que discordo:

«O velho ideal desapparece; os symptomas que manifesta são não só de morte mas, em parte, de corrupção, e é debalde que olhaes para traz, a fim de orientar a vida, que segue indefectivelmente a lei do progresso; só inspirando-vos nos principios fundamentaes da razão, podereis alcançar nova virtude para debellar a crise actual e levar a sociedade, enriquecida com as conquistas materiaes, ao conhecimento e ao amor da justiça, que permitta a todos os homens gosar os dons da natureza e os puros e

universaes bens do espirito. Não receeis a reacção, impotente quando as instituições liberaes despertaram a consciencia do povo, nem recueis, por medo pueril, dos *excessos da demagogia, que só se manifestam quando as massas populares suppõem que o poder se conquista pela força, e ninguem as educa na disciplina do direito*»

... É precisamente porque eu não tenho a confiança de Salmeron, expressa nas paiavras que sublinhei, que eu nutro hesitações... até vêr. E pelo que toca a bajular o *povo soberano*, não tenho espinha adequada. Lembro-me agora de Victor Hugo:

Quant à flatter la foule, ô mon espirit, non pas!

Soberano — nem dourado, nem esfarrapado. E *meu superior* — aquelle que sabe mais do que eu.

E só Deus é grande.

*

A' policia:

Recommendo fervorosamente uns ignobeis

trolhas que ás 6 horas da tarde, ao passarem pela praça do Principe Real, sahindo do trabalho *suado* (?), insultam as pessoas que por alli passeiam, ou estacionam. Cautella com aquelles animaes!

*

Encarecidamente, peço policia para os *vendilhões de leite.*

Cautella com a mixordia!

*

Murinello faz-me pedir *que o deixe.*

Quer que o deixe de fóra, allegando que os protectores — os que administram a Santa Casa — o não mettem para dentro, apezar dos seus desejos e pedidos.

Murinello diz que ha grande opposição da parte do pessoal — á sua reentrada. Pelo que toca a interesses materiaes, não ha novidade: continúa a receber os 120$000 réis por mez — que lhe são tão honestamente pagos como honradamente ganhos.

E' isto o principal — que eu não posso modificar. Tudo isso é uma obscenidade infame — e eu ponho me ao largo, sacudindo calças e botas. Em paz a canalha — toda!

---

10 de outubro. — Outra coisa — e liquidemos. De quando em quando, recebo o pedido de livros meus, para bibliothecas, e de collaboração minha, para publicações novas. Tudo gratuito! Devo ponderar que trabalhei durante dezenas de annos — para me habilitar a escrever livros e para escrevel-os. Esse trabalho somma — a garantia do boccado de pão. Pedir-me a cedencia gratuita de tal resultado é ser *egoista* e *estupido* a valer. Ponto final.

*

Ao numero dos descrentes pertence um cidadão que hoje me escreve, sustentando o seguinte:

— Que é inutil barafustar pela solução de conhecidos problemas: — repressão da vadiagem

— colonisação — assistencia publica — protecção á infancia—da loucura na Penitenciaria—do trabalho dos menores nas fabricas—da hygiene nas escolas, etc., etc. Que não se fará coisa alguma.

Dizia o Oliveira Martins — que ainda ha muita boa fé em Portugal. Por mim, n'este turbilhão de coisas, *mon coeur balance.*

*

Um idiota participa-me *coisas* de toda a gente a quem não póde vêr. Os idiotas são rancorosos.

E porque eu, acaso, aproveitei uma indicação, vocifera:

— «Está-lhe na massa do sangue; dizer mal.»

Fulo, porque só fiz caso de uma das suas mil indicações.

Os idiotas...

*

Na *Lucta* de hontem, chronica de Albino Forjaz de Sampaio:

«Pois a tal decepção recebe-a. Recebe-a ami-

go Fernandes e recebem-n'a os meus dois leitores «de Cerva e de Mondim», como costuma dizer o meu digno confrade Silva Pinto... se elle se não deshonra.»

... Não deshonra, não, senhor. Antes, pelo contrario

---

12 de outubro. — Isto é da *Lucta*. Veja-se bem e medite-se em Cerva e em Mondim:

«Se fossemos a dizer o que pensamos, fundamentados em factos, accusar-nos-iam de pessimistas doentios e diriam que por especulação politica pretendemos sobresaltar o espirito publico. Entretanto, o que se vê e o que se não vê justifica as mais tristes apprehensões a respeito da situação de Portugal. Se o futuro disser que nos enganamos, melhor para todos. Quem nos déra estar em erro!»

Pelo que me toca, lançando em conta os recursos do Portuguez para fugir com o moral á

seringa, — obstino-me em *affirmar* que não haverá novidade. Avultam entre taes recursos, — reduzindo-se a phrases — os seguintes:

— Entre mortos e feridos alguem ha de escapar; — A agonia de uma nação dura seculos; — Nunca, em absoluto, morre um povo; — De hora a hora Deus melhora; — etc.

E' isto o que eu *affirmo*. O que eu *creio*... é que a geração nova tem para peras — no horisonte.

Ai dos que não tiverem nervos, nem mioleira! Não lhes valerão visitas á Pichona.

*

Certo é que a passagem de *João Franco* pelo poder não mais valeu do que uma parelha de coices no vaso nocturno — com tampa. Entornou-se tudo; espalhou-se pelo ambiente o fedor; o *Zé pasmado* ficou sabendo de onde o *cheiro* vinha, e o estupôr lá foi para o exilio, sem fazer limpeza, que elle apenas sabia morder e dar coices. Ao rei Carlos arranjou elle peior quinhão.

. . . .

Convenham em que foi o *malfeitor* quem precipitou tudo. Deve-lhe a patria uma especie de agonia — precoce e cruel. Haverá ainda salvação? Como quer que seja, não percam de vista o *hediondo pàtriota!*

---

13 de outubro.—De quando em quando, o criterio nacional *(estás a vêr!)* descobre e affirma d'estas sublimidades: — que a noticia dos suicidios augmenta o numero das mortes voluntarias. Eu acho — que é mentira e parvoice. Custa a um homem matar-se, e eu que o diga: já me suicidei quatro vezes.

Aqui temos nós a aggravar-se o prurido de assassinios, no paiz. Será porque as noticias de taes casos fervilham e se alastram? Deve ser tolice affirmal-o. Eu antes creio *que é dos exemplos do João Franco.*

Adiante!

*

Telegrapham de Mellila:

«O Roghi mandou decapitar dez haphidistas,

enviando-os para Cabo Moreno, depois de os haver mandado salgar, sendo assim expostos ao publico.»

... E ha 20 seculos, o Christo a morrer na cruz — por tal e por outros malandros!

*

Accumulando:

O professor da Universidade de Belgrado, o historiador Standievitch, dizia ha pouco n'um discurso:

«A Austria não é um estado, é um regimen de tyrannia que pesa sobre as cabeças dos escravos; desde, porém, que o escravo pensa em liberdade, o seu coração bate mais apressado; os musculos dos escravos retezam-se; a Austria treme, porque se approxima a sua ultima hora.»

... Justo! justo!

---

16 de outubro.—Que tudo se paga n'este mundo é corrente entre bons crentes da Bemaventurança e entre varios sujeitos que não crêem n'ella. Eu, que vou trepando á Sabedoria e que, portanto, cada vez tenho mais duvidas, não lhes direi se entre os crentes me filio, ou se entre os outros; nem se trata d'isso. O que eu hoje lhes digo é «que tudo se paga n'este mundo», mas não por uns processos consentaneos ao commum entendimento e ás leis da escripturação commercial. E' como eu tenho observado e vou dizer-vos.

*

Pelo ordinario, todo o meu dó se concentra nas creanças—quando vejo o soffrimento a contas com as diversas idades. Porque são debeis? Porque soffrem mais? Não. O soffrimento está, ordinariamente, nos seus ataques, em proporção com as forças da sua victima. Se eu, especialmente e quasi exclusivamente, me condôo das creanças, é porque ellas ainda não justificaram por maroteiras as tropelias do seu destino. Se é um homem que eu vejo causticado, eu pondero

friamente ao meu coração abelhudo e em ponto de rebuçado — que o tal sujeito deve estar expiando varias poucas vergonhas que arranjou durante a vida, ou pelo menos, sua velhacada que os outros homens desconheceram,— quem a não fez, meus filhos?! — e que não escapou á Providencia. A deslealdade nos contractos, o abuso contra a amizade, a inconfidencia de má sorte, a dureza para com a familia, o egoismo em frente das dôres alheias, a ingratidão que ulcerou outras almas: *tudo isto se paga n'este mundo*, e assim o penso, para meu socego relativo, quando vejo o meu proximo entalado na engrenagem da Desventura. Por defeito de organisação, tenho-me regalado em esfolar os dedos, auxiliando os esforços de algumas creaturas por se desentalarem; mas alfim me sinto elucidado. Póde ser que eu continue, — *mas não me enganam.*

Claro que em mim se dá com a Mulher no seu crepusculo, a solicitar pão ou piscadella de olho, o mesmo caso de ponderações sisudas, do meu espirito pratico ao meu coração que amollece. Olho para as rugas da sujeita, para os olhos que perderam o brilho, para as faltas na denta-

dura, — e penso que terá feito derramar lagrimas aquella mendiga de pão ou de carinhos, aquella que ha trinta annos foi desleal e a dentro de um nobre coração levou peçonha para uma vida inteira...

Só as creanças me dispensam de taes ponderações amargas, pois que não teem passado que justifique as suas dôres de hoje. O infortunio de uma creança tóca a rebate na minha alma, chamando a colera toda, e eu considero resgatado de todos os delictos um pae, ou uma mãe, que um dia pediu pão para um filhito, ou chorou sobre a creança enferma.

*

Tudo se paga n'este mundo... Tenho levado horas, quando descanço do meu trabalho, a recordar-me de uns que eu vi soffrer e do que elles haviam feito para justificação do martyrio. E' pavoroso de *exactidão* — como tudo se ajusta! Oiço um leitor que me diz: — «Conheci muitos malvados que morreram impunes e felizes.» E' que os não conheceu. Ainda não vi alma cri-

minosa, inaccessivel ao remorso dilacerante, que não seja ao fim profundamente ferido n'um affecto, ou n'um interesse que represente uma paixão. E o egoista placido e flacido, alheio a paixões e a interesses — admittamos essa phantasia — tem o physico hypothecado ao Destino. Está seguro.

Alguns homens que taes lições aproveitam sentem-se dispensados de uma parte violenta da sua tarefa: a de ajustarem as suas contas com perversos que lhes seringaram a vida. Os acontecimentos produzem-se hoje tão rapida e inesperádamente que o mesmo é vêr no *carnet* janota uns estuporinhos do *flirt* e subitamente a noticia de estenderetes, fugas, um inferno! E de mãos na cabeça, perguntam pessoas graves: — Como se explica «tão lamentavel acontecimento?» — E' que *tudo se paga n'este mundo.* — Mas, tudo quê? Que fizeram elles? — Pouco: escandalisaram e perverteram, pela ostentação requintada e cynica da sua pagodeira dourada; deram aos fracos de coração a idéa de que *tudo isto é d'elles* — dos taes, dos do pagode; mascararam aos olhos dos crentes a intervenção da

Providencia e aos olhos dos que a não acreditam — a intervenção da Moral. Enxovalharam os pobres e os que, pobres ou não, vivem com dignidade. Onde esperavam os meus amigos que *elles* pagassem? Na Eternidade? Queriam agora que no tribunal do Eterno se discutisse o *flirt* e os escandalos correlativos? E porque não os prazeres de Lesbos? *Tudo se paga n'este mundo.*

*

... Mas, que não resulte das minhas palavras a suspeita de que o Destino salda impreterivelmente as conta de cada um. Saldemol-as nós,— que pódem estar erradas as Theorias!

---

17 de outubro. — A Liberdade. Tem a palavra Guizot:

«E' proprio d'uma velha politica não admittir uma verdade completa e repellir um resultado positivo.

«Actualmente, é nas regiões do estudo e da sciencia que, em materia politica, a Liberdade reside.»

*

Fala Rossi:

«A Liberdade tem o dom de apagar promptamente, pelos seus beneficios e pelo vivo impulso que dá á força humana, a recordação dos esforços e dos sacrificios que custou»

*

De Emilio de Girardin:

«Entendo por Liberdade o nivelamento, immediato ou gradual, de tudo que estorva o desenvolvimento e a plenitude da força individual.»

(Bem sei eu quem não percebe. Mas continúa Girardin:)

«Por força individual entendo eu tudo o que um homem de razão esclarecida póde pensar,

ou dizer, ou fazer, tendo o raciocinio como unico e soberano juiz dos seus pensamentos, das suas palavras e das suas acções.»

(Vejo um grupo que não entende, mas não é preciso. Girardin vae dizendo:)

«Por Liberdade e por Força individual, entendo, pois, a restituição ao individuo de tudo que indevidamente lhe tirou o Estado; entendo, bem assim, o termo imposto pela sua independencia reciproca a toda a tutella publica e a toda a servidão legal; entendo a separação natural do que é necessariamente distincto e do que é essencialmente individual...

«Conseguintemente, de futuro:

«Ponto final na dominação do homem pelo homem, quer por via da delegação hereditaria, quer por via da eleição periodica.

»Nada de assembleias, qualquer que seja a designação d'ellas, ou a sua origem, que votem por maioria dos seus membros leis que imponham a unanimidade aos cidadãos de um Estado.»

. . . .

(N'este ponto vejo que estão em *maioria* os que não entendem A culpa não é minha).

*

Do inglez (traduzo) escolhido por Mirabeau como epigraphe para um seu livro sobre a *Liberdade de Imprensa*:

«Quem mata um homem mata uma creatura racional; mas quem destróe um bom livro mata a propria razão.»

---

15 de outubro. — Pela 25.ª vez eu faço imprimir a seguinte *historia*, e creio bem que não será a ultima:

— Haverá 30 annos, Amorim Vianna atacou as casas de jogo, na imprensa do Porto. Dirigiu-se a elle, interpellando-o, na rua, o conhecido jogador D. Marcos Arguelles. Amorim Vianna fugiu para o largo.

— O' seu covarde! bradou o jogador.

E o sabio:

— Não é medo; *é vergonha de que me vejam fallar com v.!*

*

E' apenas no *Seculo* que eu vejo noticia de hostilidades prestes a começarem, entre a Turquia e a Bulgaria. E accrescenta-se, no telegramma de Paris, á tal noticia:

«O governo francez encarregou os seus representantes em Constantinopla e Sofia de dar conselhos de moderação aos governos turco e bulgaro.»

E a isto chegou a França de Napoleão: — «Não se desgracem, filhos!»

*

Mais navalhadas! Que opulencia de chronica jornalistica: sangue a jorros! A insania do Crime!

Explica-se:

— Lições e suggestões do *malfeitor!*

*

Já viram o programma da proxima conferencia (?) — relativa á questão do Oriente? Entre diversas *velhacadas diplomaticas* ha a seguinte ingenuidade encantadora:

«6.º — Uma recompensa á Servia se ella se conservar tranquilla.»

Lê-se e não se acredita. — «Socegadinha, se quer bolinhos. Senão, leva!»

A especie humana desce. Deve ser dos exemplos do *João Franco*.

Mas, subindo do *malfeitor* á seriedade do telhudo Guilherme — e adeus fé nos tratados!

Se ámanhã o *coisa* occupar a nossa terra, já se cá sabe: contar com apoio moral das potencias que não pódem com uma gata pelo rabo! Scientes!

---

22 de outubro. — Hoje — festa das creanças no Jardim Zoologico de Lisboa. Foi ali que ha um

anno parvoejou o instructor e educador mór, que se chama *João Franco*, ensinando ás creancinhas — que os reis pertencem aos povos, — em contrario do que sustentam os *malfeitores*. Como se vê, a sinceridade do monstro orçava pelo são juizo, mais pela bondade da alma. Se continúa a catechizar os innocentes, dava com elles em patifusos de truz !

No entanto, cá deixou influencias nos costumes. Hoje, nas folhas noticiosas, continúa a correr sangue. Não me digam que não tem culpa o *malfeitor !* Foi elle quem desencadeou os ventos da ferocidade — para elle e para os outros de entranhas facinorosas. Foi elle !

*

Esta festa das creanças, que este anno se apresenta em melhores auspicios — longe da presença do mafarrico—faz-me pensar n'aquelle delicioso parenthesis de enthusiasmo que, por occasião da vinda de Loubet a Lisboa, animou a infancia das nossas escolas. Cem annos que eu viva, não esquecerei o canto da *Marselheza*,

entoado pelos infantís estudantes. Foi um bello clarão, suggestivo, de liberdade e de alegria, na aurora d'aquellas existencias. Um bom gesto! — como soe dizer se na patria da Propaganda Mendonça e Costa! Emfim, longe está o horror das malfeitorías.

Deus o conserve por onde não faça damno!

*

A questão do Oriente já produz estonteamento nos interessados: de Cerva e de Mondim chovem-me em casa as consultas. Eu não sei que lhes diga — aos meus velhos amigos. Supponho que nada haverá, a não ser: — confirmação dos atentados e reconhecimento da impotencia dos amigos... de Peniche.

Aproveitemos a lição!

---

23 de outubro. — Ora, até que de um orgão do rotativismo puro é licito reproduzir um trecho de critica, — sem commentario e com applauso caloroso! Ouvide o *Diario Popular:*

«A galope para a bancarrota!

«Empenhada a receita das alfandegas; empenhado o rendimento dos caminhos de ferro; empenhada a renda dos tabacos; empenhada a renda dos phosphoros; restavam as 72.000 obrigações do caminho de ferro de norte e léste. Pois lá se fôram tambem!

«Entretanto, os jornaes continuam a discutir se deve, ou não, haver dissolução das côrtes; se o chefe do partido regenerador faz, ou não, conferencias com os seus marechaes; se o sr. José Luciano fez, ou não, recommendações ao sr. Sebastião Telles, e mil outras coisas d'este jaez e importancia.

«Que triste e desgraçado paiz!»

... Apenas uma variante:

— Que pandego paiz!

E o commentario do gaulez:

— *Ça ne marche pas!*

*

Informam viajantes recem-chegados de Biarritz que o *João Franco* para ali vive, engordando

e lendo livros de estudo, — sem remorsos e affavel para quem o procura.

Está na *muda* — a serpente! Mas já lá dizia o dos *Lazaristas:* — «Deus está sendo de uma clemencia realmente censuravel!

*

Apanhou uma sóva o *bufo* Magro. Tóma, que é a justiça de Deus!

*

Falleceu no Rio de Janeiro o illustre escriptor Arthur d'Azevedo. Má sorte a da Litteratura Brazileira, que perde n'um mez—Machado d'Assis e o seu collega fallecido hontem. Profundos sentimentos!

*

Do *Liberal:*

«Referve a intriga nos bastidores esburacados da rotação. Sempre curioso, o contribuinte espreita lá para dentro e desata a rir-se como um perdido.

«Que verá lá dentro o contribuinte ?»

... Não vê nada. Ri-se como um perdido, porque é o seu feitio de *irremediavelmente perdido!*

*

Estão-se preoccupando os espiritos no pavoroso augmento da criminalidade, nos ultimos tempos. Deve ser um dos principaes factores de tão triste *progresso* a exploração dos crimes pelo Noticiario. Isso sim: influe no caso, não crendo eu que possa influir no augmento dos suicidios. Muito bem cita o *Diario Popular:*

«Segundo Maudsley, os actos commettidos pelos epilepticos, em seus excessos de furor, são devidos a allucinações terriveis, provocadas pelo desejo de imitarem acções que elles viram praticar ou de que tiveram conhecimento. O individuo, n'este caso, é uma machina sensoria, motriz, animada por um impulso destructivo, commettendo, quasi inconscientemente, violencias extremas e homicidios crueis, como o assassinio

perpetrado em Lisboa por um sapateiro, velho alcoolico, n'uma familia, cujos filhos tinha ajudado a crear, e aquelle, não menos celebre, em que um individuo, da baixa ralé, alcoolico, criminoso nato, forneceu uma navalha a uma creança para matar outra da mesma edade, por não concordarem na partilha d'um furto.»

... E agora me permittirei uma nota, que não é uma *boutade*, mas fructo de convicção profunda. A passagem de *João Franco* pela vida publica portugueza, no periodo de loucura sanguinaria d'esse malfeitor, deve ter desenvolvido os pensamentos e os sentimentos de perversidade. Terminou a carreira do monstro, pela catastrophe de 1 de fevereiro, que elle provocou. Mas as consequencias do *espectaculo* de dois annos — de attentados contra a reputação, a fazenda e a vida alheias — não se extinguiram. E' do testamento inedito do malfeitor...

Volto, porém, ao facto da publicidade. *Não estendam a massa* das noticias de crime, e livrarão muitos miseraveis — de más tentações. Pensem n'isto !

28 de outubro. — Vejo impresso que, na festa das Mercês, estavam este anno muitos maloios e maloias a coçar-se no muro de *Derrete.*

Ha dias que eu me lembro d'esses *maneis* e *manélas*, vendo na travessa da Palmeira um canzarrão que todas as manhãs vae ali, de S. Pedro d'Alcantara, namorar uma cadella.

Senta-se á beira da minha porta e d'ali contempla, baboso, o predio fronteiro — onde *ella* móra.

E' um puro *manél* no *Derrete*, com uma simples differença :

— Não apedreja os comboios, nem ataca os byciclettistas.

Romantico, mas civilisado. As bestas teem fórma humana.

*

Tenho aqui o livro *Chronicas immoraes*, do sr. Albino Forjaz de Sampaio. Lembra-me, erguendo a vista do meu mundo ao dos Superiores, aquillo de Louis Veuillot ácerca de Victor Hugo, quando do fallecimento do *avôsinho de nós todos.*

A irmã do grande jornalista ultramontano, ao saber de tal morte, bradou, em exaltação *piedosa:* — «Deve estar nos infernos o monstro!»

E Veuillot, emendando a feroz sandice:

«Victor Hugo tem, a seu favor. nunca haver sido banal.»

Passando, em espirito, ao nosso mundo:

— Ainda não vi banalidades no livro do meu collega da *Lucta.*

Vae continuar a leitura.

*

Outra mulher assassinada — hontem, em Lisboa!

Estendem a massa para consolo dos palurdios!

*

Segundo o *Times*, a Turquia roubada na Europa, acceita compensação na Asia: roubando-se a Persia.

As nações christãs sanccionam esta moral do Propheta!

Estamos n'um periodo de malandrice mundial!

*

Nas almas ternas, destinadas a soffrer pelos outros, quando se extingue a *confiança*, aviva-se o *dó* — outro factor da desgraça.

---

29 de outubro. — Não é de hoje que eu encontro, a separarem-me de pretensos offensores, deixando impunes suppostos violentos aggravos, os seguintes topicos inilludiveis:

— O *typo* a consideravel distancia de eu lhe fallar ao alcance;

— O *typo* ladrão, ou devasso, ou idiota, ou tudo junto, e assim — desqualificado:

— O espectaculo de uns burlescos mirones que só leem jornaes, com a mira no escandalo. Ridiculas bestas!

*

Ainda bem, todavia, que, de Cerva e de Mondim, me escrevem solertes espiritos muito dedicados, convidando-me a explicar-lhes o que lhes

parece intrincada coisa—e que está de ha muito explicado, em centros de mais leitura, mas de muita patifaria saloia, sem desfazer no feitio intrigante e na estupidez córnea dos malandros. Querem, pois, os meus honrados amigos que eu lhes diga:

I

E' certo eu dever o meu cargo official ao *João Franco?*

II

E com ingratidão lhe chamo *malfeitor*, porque recusou pagar-me o livro *Em Férias*, que me comprára o ministerio do reino *(ministro Hintze Ribeiro)?*

III

E' certo que eu hoje pouco, ou nada, faço no meu logar de director da Casa de Correcção de Lisboa?

Respondo, mais uma vez — e seja a ultima:

....

I

O meu logar, no ministerio da justiça, não é da nomeação do ministerio do reino. Foi o sr. Antonio de Azevedo Castello Branco quem me nomeou sub-director; foi o sr. Campos Henriques quem me nomeou director. O *João Franco* não tem nada com isso.

II

Se eu chamo *malfeitor* ao criminoso supra, é em attenção ás suas *malfeitorias* — que todo o paiz conhece e que determinaram o exilio do monstro. Quanto ao meu livro *Em Férias*, limitou-se o bruto a dizer — *que ia estudar*. E' a tal coisa que me impõe risota irresistivel. Que o *João* fôsse um troca-tintas, roendo a corda dos contractos, para applicar o dinheiro ao sarapatel de mil e um marmanjos, vá! Mas *estudar?* Chiça, archi-camello, rufião sinistro, tragico da Bandalheira! A perversidade e a estupidez são inatas, estafermo!

. . . .

III

Na Casa de Correcção de Lisboa, o meu trabalho é cruel: sou eu quem, na estrada de Caxias a Belem, vigia attentamente noite e dia, — que não vá a Moral das pernas negras estragar a alma dos reclusos, que importa reconduzir á alvura. Exhaustiva, mas indispensavel tarefa! O resto, que fére os meus amigos de Cerva e de Mondim, é intrigalhada da jesuitada réles, ao lambisco de materias molles, e é intuito, féro e burrical, de me deitar a perder no fim da vida. Pifios e chavelhudos bisbórrias!

---

2 de novembro.—Elevemos hoje o pensamento á recordação dos nossos Mortos.

Purifiquemos assim, quanto possivel, as nossas almas...

Quanto possivel.

. . . .

*

Da *Voz do Operario* de hontem:

«Para pôr em confronto com o desenvolvimento da instrucção na Allemanha, facto que citámos no nosso ultimo numero, diremos que, em 1904, dos 382 recrutas entrados no quartel dos marinheiros, em Alcantara, 333 eram analphabetos.

«No mesmo anno, n'uma associação operaria de Beja, que contava 231 socios, 214 eram analphabetos.

«E é n'um meio d'estes, com a chaga do analphabetismo, que nós temos de fazer propaganda!»

E' pavoroso, desolador, para todas as entidades que pensam e sentem — por seus irmãos e pela Patria. Para as bestas e bestas féras, é commodo e tranquillisador...

E' por isso mesmo que se não póde dispensar energia e dedicação — como as da *Voz do Operario* — bemdita aggremiação!

*

Lembra o jornal operario, numero de hontem, os seguintes bellos e nobres versos de Marcellino Mesquita:

Não saber lêr é andar,
Por este mundo, ás escuras;
E' ser a mais infeliz
De todas as creaturas.

O pensamento do homem,
Desde que um dia pensou;
Como viveu pela Terra,
Os trabalhos que passou;

O seu colossal estudo,
De centos, de milhares d'annos,
Que enche de orgulho a nossa alma,
Que enche de medo os tyrannos;

As suas altas conquistas,
Na Bondade e na Moral,
Que abriram ao peito humano
Um Amor Universal;

....

Tudo o que viu e que vê,
Que analysa, estuda e sonda,
Para que todos o saibam,
E' escripto em lettra redonda.

E vêr... e não saber lêr!
E' viver dentro de um pêgo,
Ter por morada uma jaula;
E' ser rico e andar á esmola;
E' tendo vista, ser cego!
....
Bemdita a casa da Aula!
Bemdita a casa da Escola!

*

Em Sacavem teve o *malfeitor*, na eleição municipal — 1 voto.

Ainda dá ao rabo!

*

Cá e lá. Veja-se isto:

«Madrid, 1. — Estiveram hoje concorridissi-

mos os cemiterios, para o que contribuiu a belleza do dia. Os tumulos de Salmeron, Canovas, Zorrilla e outros homens illustres estavam primorosamente ornamentados.»

... Em Lisboa, estaes a vêr e a cheirar!

*

Chove devéras e sem descanço. Aproveitando o ensejo, conserva se o indigena em casa — a rezar pelos Mortos e a roér castanhas. Está di reito.

*

Das eleições de hontem — que dizer? Lembra aquillo de Paulo-Luiz Courier:

— «Se ainda não percebeste, como explicar-t'o?»

*

Do *Liberal*:

«Os franquistas andam a manobrar em alta escola. O chefe volta a dar signaes de vida, e

temos por aqui qualquer dia noticias de sensação.

«Não é mau que quem tem olhos para vêr, vá reparando no que se trama.»

E accusam-me de aggredir *um morto*. Notem mais isto:

Em Sacavem, na eleição municipal, teve hontem o *João Franco* — 1 voto.

Méxe com o rabo — o *malfeitor!*

*

Acerca de Thomaz Cabreira, lembra-se a gente de José Elias Garcia — deputado, vereador e principal organisador do partido republicano em Lisboa. Era lente da Escola do Exercito—e sem incommodos o foi até ao fim da honrada e laboriosa vida.

Tem-se, pois, retrocedido — para unir fileiras? E' manobra de perdidos.

*

Nós, lá fóra:

Diz a *Liberté*, de Paris:

«A situação financeira de Portugal é má. A divida fluctuante continua a crescer; o agio do ouro, de 20 por cento, aggrava os encargos do thesouro. Discutem-se as operações a praso, no estrangeiro, o que dá origem a commentarios que parecem exaggerados.»

... Eu cá não fui.

---

3 de novembro. — Não falta quem diariamente me mostre a *Palavra*, do Porto; devo declarar que julgára morto esse jornal: o seu reapparecimonto, a meus olhos, encheu-me de assombro... e de saudade.

Hão de comprehender este sentimento — *gosto amargo de infelizes* — os velhos de hoje, que assistiram moços ás luctas de ha trinta annos, contra a joven *Palavra* e outros caturras de hoje.

Leio o que a folha ultramontana de mim diz em 29 de outubro. E' pois certo que a *agua circassiana* tem de ser considerada intrujice!

Estamos velhos: *ella* para offender-me; *eu* para mostrar-me offendido.

N'um só ponto vejo alvejar-me o seu trabuco. E' quando me accusa de explorar a Monarchia — não trabalhando. Eu já lhe expliquei em que trabalho — exhaustivamente (em 29 d'aquelle mez). E a Monarchia nada tem com o dinheiro da nação: isto é com o direito dos contribuintes a fiscalisar o que é só d'elles. A *Palavra* entende-me.

E insistirei em chamar *malfeitor* a quem por suas malfeitorias matou o seu rei e se condemnou ao exilio. O *engrandecedor do poder real*, d'outras eras, com Carlos Valbom, Oliveira Martins, etc., está bem longe da besta féra que liquidou em 1 de fevereiro. De resto, a *Palavra* sabe que eu não escolho os inimigos tombados, para lhes bater. Talvez lh'o prove mais uma vez — brevemente — em espectaculo que lhe offereço.

Estou muito longe da *Palavra*, para sustentar, com ella, um fogo nutrido e constante. O melhor é separarmo-nos em paz. E devo dizer-lhe, sem que m'o peça, — que eu não a alvejei com os taes *insultos*.

Como vê, continúo a ser, deveras, um santar-

rão. Simplesmente, se me chamasse *melro*, eu talvez lhe chamasse *mocho*. E teriamos que esmiuçar.

Deus nos ajude!

*

Post-scriptum. — Disse *A Palavra* (29 de outubro):

«Não costuma elle (Silva Pinto) ligar importancia, senão por soberbos insultos, a plumitivos menores.»

Não perco o ensejo — para explicações.

Não irei, com o tributo da Soberba, formar terceto, com os dois reverendos da Gula e da Luxuria — que me estão ouvindo.

A *Palavra* ha de ter como irreprimivel o que considera o meu fel, quando notar que eu não posso — encanecido no trabalho, no sacrificio e no culto da honra — com a respectiva folha de serviços — admittir á barra, para interpellações, aquelle parvoeirão que estupidamente escreve o

que peior concebe, — nem aquelle archi-canalha que aluga as baboseiras cerzidas, a emprezarios sórdidos, — nem aquelle desqualificado, como ladrão, rival em descredito d'aquelle invertido, mais d'aquelle Menelau videiro, mais de mil e um pumiliões borrachos que se arvoram em *escriptores* á falta de tino para limpa chaminés: não mascarrada, mas fétida horda de vadios e de bandalhos. Ha de perdoar...

Certo é que, ha um ânno e tanto, como diz, eu fui sériamente ferido por *palavras luminosas* — que alteraram os meus pontos de vista e modificaram os meus processos. Mas não foram palavras de Pythonisa as que eu ouvi: foram as que se derivam, não falladas, mas relampejantes, de acontecimento grave, — aos olhos de entendimento sincero e ávido de perceber — reconhecido. E' positivo que *mudança* houve; mas que ella não sirva para me considerar transigente com a estupidez malevola, ou sequer tolerante para com aggressões infundadas. Nem pensar em tal! E perdoará.

Deverá notar *A Palavra* que eu de ha muito, — já antes da intervenção luminosa — adoptei o

methodo de não citar fedelhos esperançosos, nem maduros, derivados de verdura á podridão. Nem me presto a lançar *prostituições*, nem a pôr em fóco intrigantes mercenarios, burricaes. Tóme nota *A Palavra* — de quem eu conservo muitas saudades: a observação não lhe diz respeito, está bem de vêr.

Agora sim: — *Amen!*

*

A sonhada intervenção da Russia na questão da Bosnia e Herzegovina já trazia excitados os repeitaveis contrabandistas Diniz e Rebello, já contavam com o aperitivo das noticias sangrentas: eis senão quando a intervenção dos *ursos brancos* liquida em *apoio moral* á Servia. Pódem os servios limpar as mãos á parede! Nós outros, Portuguezes, sabemos o que isso é, e para que vale.

*

E o aneurisma a medrar! Diz *O Liberal:*

«Que os rotativos queimem o seu maior numero de girandolas de foguetes! Em todo o paiz a affirmação republicana foi uma demonstração eloquente de civismo que ninguem poderá contestar.

«Era tempo de expulsar a gente de negociatas escuras, de bater as sanguesugas do thesouro, de demolir os bandos adeantadores.

«E ávante!»

... Pois sim; mas logo depois diz o mesmo jornal:

«A violencia exercida contra o sr. Thomaz Cabreira, vae ser, segundo se diz, o introito de largas perseguições a funccionarios do estado, suspeitos de sympathias democraticas.

«Crê ou morres! Levantem as forcas! Ora os Neros de pacotilha...»

... Sim senhor: mas por um triz nos não devora o *malfeitor*. Como se fossemos palha!

Mas, a dar com a gente em dominios do Pavôr, insiste *O Liberal*;

«Diz-se que o resultado da eleição de hontem, posto que já esperado, produziu má disposição em Palacio, onde, como é sabido, dominam correntes contradictorias.

«Desde sabbado que o publico tem a impressão de que a *revanche* palatina é um facto...»

Tenho cá umas suspeitas de que tóma a palavra o Inesperado — justo! — o Mysterioso!

---

9 de novembro. — Ha tempos, já, que eu apresentei ao juizo dos competentes especiaes o presente trabalho, que se me afigurava urgente. Não me faltaram adhesões, nem annotações carinhosas, nem promessas, que tenho em grande conta, de attenção pratica — logo que o permitta a nossa vida publica. E' um *Addicional aos Regulamentos das Casas de Correcção.* Vae hoje com vista aos amadores profanos — mas bem intencionados.

ARTIGO I

Ao attingir a idade de 17 annos, o recluso que a esse tempo houver concluido a instrucção primaria elementar e a aprendizagem de um officio, será enviado para um ponto salubre da nossa Africa, por conta do governo, como colono, salvo o caso de o reclamar a familia, em condições materiaes e moraes para lhe garantir vida honrada na Metropole.

§ I. Ali será collocado em estabelecimento do Estado, se n'elle fôr aproveitavel a sua profissão, com o respectivo vencimento.

§ II. No caso de a sua profissão não lhe dar cabida em estabelecimento do Estado, a auctoridade local protegerá a sua collocação em estabelecimento particular, onde poderá servir em condições de remnneração que o tornem preferivel para os *patrões*, recebendo *a differença* do seu vencimento *especial* para o vencimento *geral* — do cofre do governo da provincia.

§ III. O prazo de permanencia em Africa, nas condições de *subsidiado*, será de tres annos, a

contar da sahida da Casa de Correcção, na Metropole.

§ IV. Ao termo de 3 annos, poderá ficar residindo no Ultramar, como *voluntario*, admittindo-se a hypothese de ali haver creado familia, relações, industria, ou o costume da terra. Cessam então os abonos dos 3 annos, mas creando-se-lhe isenção de contribuições durante 2 annos.

ARTIGO II

Nas Casas de Correcção serão os cuidados dos educadores, quanto possivel, inclinados á habilitação para serviço nas colonias.

*

Estes dois artigos e os quatro §§ do 1.º tornaram se indispensaveis, em vista das seguintes ponderações:

Póde a Casa de Correcção, na Metropole, tornar-se modelar em ensino e em disciplina. Mas não evitará:

1.º — Que o recluso, ao sahir d'ella, embora collocado em estabelecimento particular, possa perder o seu logar, dias depois. Em tal caso, em lucta com os concorrentes não sahidos da Correcção — e não é facil fugir ao Preconceito — o operario *ex-recluso* ficará em condições de inferioridade, que o lançarão no desespero e, irresistivelmente, pelo caminho de uma suggestão funesta, no regresso á Perdição.

2.º — A Casa de Correcção não impedirá que ao entrar na Puberdade, o rapaz se torne preza de necessidades physiologicas: impossibilitado de satisfazel-as, *como recluso,* cahirá na depravação d'ellas, e d'ahi na melancolia, no desprezo da vida, e, quando menos, na absoluta inferioridade — no combate pela existencia.

Ora, o serviço nas colonias, dos 17 annos em diante, representa para o recluso:

1.º — A garantia de trabalho;

2.º — A entrada na liberdade e nas funcções physiologicas, naturaes, do homem;

3.º — A hypothese de uma carreira industrial aberta no seu futuro;

4.º — A mais facil constituição da Familia.

E para o Estado — um passo na solução do problema da Colonisação, por modo que o Ultramar não seja, apenas, um deposito de condemnados da Metropole, ou um terreno de simples exploração.

Depende, pois, a realisação d'este projecto — de uma reforma de serviços no Ultramar, que torne possivel a Colonisação Portugueza, honesta, salutar e florescente.

Os Criminosos depois da expiação. — Desdens de um criminoso celebre. — Falla um congressista aos intelligentes e bons

Governava *estes estados* o homem virtuoso que se chamou *João Franco* — nobilissimo alvo da minha *ingratidão* — quando um dos seus altos funccionarios lhe alvitrou a urgente conveniencia de se proceder a umas *reformas penitenciarias.* Um dos assumptos de administração publica desconhecidos por tão santo varão era aquelle a que se referia o indiscreto. Caso vul-

gar em tal ignorante encyclopedico — como lhe chamaria o primacial jornalista que foi Marianno de Carvalho. Mas o santo homem, auctor do *1.º de fevereiro de 1908*, tanto mais execrava um assumpto, quanto mais o desconhecia. Assanhado, a proposito de reformas penitenciarias, erriçou-se na cabeça bicuda e esvurmou estes dizeres de Salomão:

— «Importa-me lá a canalha das prisões! Tratemos dos homens de bem!»

E tratou... Vamos andando!

Dado que um natural e antigo pendor me não levasse a observar e a annotar horridas miserias do inferno social — especialisando a vida dos criminosos presos (não fallo dos criminosos *respeitaveis)* bastaria uma babozeira, como aquella, de um chefe do governo, com fumaças de reformador, para me prender a attenção ao tenebroso assumpto. Não ha que discutir na significação dos dizeres de *João Franco*. A insensatez, a ignorancia, a maldade e o atrevimento dos nescios ali se confundem e estreitam, n'um amplexo macabro... Mas, vamos indo!

*

No congresso penitenciario internacional, celebrado em S. Petersburgo, em 1890 — e ao qual muito me tenho referido, — foi por um delegado de Inglaterra (Murrey Bowne) apresentada a seguinte questão : — *Protecção a dar a individuos que cumpriram a sua condemnação.* Extranhavel proposta, na terra do criminoso *João Franco*, onde ninguem se importa com a sorte de individuos que serviram a patria : haja vista os centenares de soldados que no Ultramar arruinam a saude e vem para a Metropole — *pedir esmola !*

Fórmula ingleza — no congresso :

«Qual será a melhor maneira de prestar auxilio e protecção aos individuos que concluiram o tempo de punição, a que haviam sido condemnados peios tribunaes ?»

Fórmula do delegado da Suecia :

«Como deverá ser organisada a protecção a dar aos ex-reclusos adultos ? Convirá que se

fórme instituição distincta para cada sexo? Deverá o Estado subvencionar as sociedades de protecção e sob que condições?»

Resolução do Congresso penitenciario:

«O congresso, convencido de que a protecção a dar aos ex-reclusos adultos é o complemento indispensavel de uma boa disciplina penitenciaria reformadora, e tomando em consideração os resultados obtidos eepois da sua ultima reunião, é de parecer:

«*a)* Que é de toda a conveniencia que se generalise, tanto quanto possivel seja, esta instituição, incitando-se a iniciativa particular a creal-a com o auxilio e cooperação do Estado, mas devendo evitar-se que lhe seja dado um qualquer caracter official;

«*b)* Que a protecção deve ser principalmente exercida em proveito dos individuos que, durante a sua reclusão, houverem dado provas da sua regeneração moral, quer este facto tenha sido verificado pela administração penitenciaria, quer

pelos visitantes delegados das sociedades de protecção:

«c) Que será muito conveniente, que uma protecção distincta seja organisada para soccorro e auxilio das mulheres ex-reclusas, e confiada, tanto quanto possivel seja, a pessoas do seu sexo.»

*

... N'estas *banalidades* se preoccupam os que duplamente sentem, pelo cerebro e pelo coração. Profundamente diverge o destino de uns ventrudos que a Natureza, caprichosa e zombeteira, privou de coração e de cerebro!

Da *Palavra* (defendendo Guilherme II, contra mim):

«Quanto ao sr. Silva Pinto, nada mais *tyrannico* do que exigir a um escriptor distincto responsabilidades maiores do que as que impendem sobre escreventes miudos!

«Não saberá elle, melhor do que outros homens, qual o seu dever com chefes de nações amigas?

«E vamos. Está com sorte.

«Na França republicana, demittiam-no do logar que exerce.»

... Cada vez mais entendido. Se *elles* jogam tanto a descoberto!

*

Da mesma *Palavra,* concluindo:

«Os senhores sabem como o governo francez trata qualquer funccionario que se atreva a affirmar o monarchismo.»

Concluirei:

1.º — Já *lhes* servem processos e usos do governo republicano francez!?

2.º — A respeito de funccionarios republicanos, que taes se affirmam (o que nada tem que vêr com opiniões pessoaes ácerca de Guilherm II)

....

deixem-me contar o seguinte episodio caracteristico :

Tive um dia de procurar o fallecido rei D. Carlos, a proposito de um monumento a Camillo. Recebeu-me com uma *especial* cortezia, apertando-me a mão e perguntando-me, burguezmente, pela minha saude. Tratou-me por *senhor*, o que elle não usava com os monarchicos. E tudo isto significava — que elle reconhecia e, portanto, acceitava o republicano-funccionario.

(Accrescentarei que a Casa de Correcção foi assumpto, n'esse dia, para amaveis referencias da Rainha D. Amelia, dirigindo-se á minha pobre pessoa).

Mais : soube o rei D. Carlos que de certo ministro dependia eu não ser espoliado n'uma empreza particular, dependente do Estado, para sua organisação. Narrou-lh'o um funccionario do Paço. E então, D. Carlos disse, de mim, ao ministro : — «Bem sei que é um republicano, mas assiste-lhe a justiça.»

Já o sabia ; não achou justo que os funccionarios republicanos fôssem demittidos : havia que fazer ! Mas os da *Palavra* pensam, com evidente

gravidade, na hypothese fulminante. Já lá vae, para o inferno do especial exilio, o *malfeitor* que estava na conta para tal feito...

Estou a vêl-os. Se *elles* jogam tanto a descoberto! Mas estão dando assumpto...

---

10 de novembro. — Vem no jornal *O Mundo*, de 8 do corrente, um protesto, sensato e energico, embora *inutil* para effeitos praticos — e eu já me explico — firmado pelo sr Mayer Garção, um notavel e firme burilador da Prosa Portugueza. E' a proposito e em apoio de uma circular de livreiros editores, do Porto, os srs. Lello, pedindo que a Propriedade Litteraria Nacional seja, mediante um tratado com o Brazil, considerada na florescente republica — uma propriedade — para todos os effeitos.

Considero praticamente *inutil* o protesto, lembrando-me de que ha perto de 30 annos escrevi, sem um vislumbre do exito almejado por mim e pelos da minha profissão, palavras a que o proprio sr. Mayer Garção se refere no seu alludido artigo do *Mundo,* nos seguintes termos :

«Por ser velha a questão, não admira por vezes ella houvesse sido debatida com singular calor, e a esse respeito me recordam bem algumas commovidas e generosas palavras do sr. Silva Pinto, nos bons tempos dos *Combates e Criticas*, — em que indignadamente se protestava contra os especuladores dos mercados brazileiros que simultaneamente illudiam o publico e defraudavam os autores, com as edições clandestinas que faziam das suas obras.

«Rememorava-se n'esse trabalho a formula lapidar de Alphonse Karr: *a propriedade litteraria é uma propriedade*, — e realmente, dita ella, que mais resta accrescentar para a defeza dos interesses dos escriptores?

«Simplesmente ha a notar, e contra isso se insurgia o sr. Silva Pinto, na sua bronzea prosa, que o criterio burguez não se resignou ainda a equiparar aos seus bens moveis, ou immoveis, os bens da penna, porque para elle não tem valor apreciavel a palavra que o emociona e ensina.

«Pensando assim, implicitamente parece confessar que a sua propriedade não é apenas a

resultante sã do trabalho aturado e honesto, porque no trabalho persistente consciencioso se criam, em atormentadas horas de esforço mental e desamparada existencia, as concepções da ideia. os primores da forma e os prodigios de imaginação que autenticam, n'uma obra litteraria, a grandeza e a formosura do espirito humano.»

*

E' inutil, insisto, protestar, ou não ha logica no lindo mundo onde vegetamos e florimos e apodrecemos. Tudo se congrega, solidamente, córneamente, para de um modo especial *animar* as Lettras Portuguezas. Pela traiçoeira guerra á Instrucção Publica, aperta-se os limites dos mercados litterarios, assim na metropole como nas colonias, como no estrangeiro, por modo que dentro em pouco os intellectuaes terão de limitar-se a escrever *uns aos outros*. As chancellarias só pensam na vinhaça, nas conservas, na cortiça e n'outros productos subordinados á influencia eleitoral dos industriaes, ou dos agricultores; para o trabalho de espirito — *zut!* As-

sim pensam os nossos Metternichs. A pensar morreu um burro!

*

Não ha ideia generosa, luminosa, patriotica e de urgente applicação, que não tenha side apresentada em Portugal. Mas, logo em seguida aos relinchos, aos zurros e aos latidos, os animaes auditivos fazem *chi chi* e deitam-se. As ideias evolam-se, está bem de ver, desorientados — e tudo fica na mesma, salvo flatulencias dos dormentes. Não anda: *ça ne marche pas.* E' o nosso destino nacional.

Quanto ao dos escriptores — está no horizonte a hypothese da *esmola.*

---

5 *de novembro.* — Participam, em grande azafama, de Braga, que se preparam ali para offerecer a el rei... ramos de flôres naturaes.

Poucochinho — em despeza, oxalá que — de boa vontade!

lores naturaes — de Braga! E porque não as saborosas *canôas?*

Naturalmente para não pagarem o vinho!

*

De Braga, ao *Diario de Noticias*:

«Quando o comboio real chegar a Braga, grande numero de pyrotechnicos lançarão girandolas de foguetes, e continuarão n'esta missão emquanto el-rei estiver n'esta cidade.»

... Emquanto o pobre monarcha estiver em Braga, os pandegos deitarão foguetes — *em missão.*

Terão elles por missão afugentar o rei constitucional — em nome da *Braga fiel?*

O *rei chegou* não se entende com o soberano reinante. Saiba-o o sr. D. Manuel!

*

No theatro D. Amelia vae ámanhã á scena *O ladrão.*

Vá de biscatas!

* * *

*

Quando é que se mette para dentro o *Murinello*?

Quando é que o chegam para os *protectores?*

*

Se houvesse meio de fiscalisar aquillo a que chamam *leite* os Mazzantinis de fundilhos estrumados?

*

Da *Palavra*, do Porto:

«E então não iamos nós já a zangar-nos contra um pimpolho... que quasi trouxemos ao collo?

Vejam agora os senhores o nosso grande Silva Pinto, que confirma tudo que nós lhe dissemos.

Respeitavel.

E vejam acolá o rapazelho a deitar-nos alcunhas de sandeus.

Admiravel.

Entendem-se secretamente: o gigante e o pygmeu.»

... Não percebo.

*

Participam do Porto ao *Jornal do Commercio*:

«Reuniu-se hoje a grande commissão das festas, resolvendo assumptos pendentes e deliberando que o presidente sr. conde de Samodães ficasse incumbido de entregar aos parochos das freguezias as esmolas para distribuir por mil pobres da cidade.

«Como se disse, as esmolas constam de uma sacca com generos e uma moeda de 500 réis, da cunhagem de D. Manuel II.»

... Comprehende-se que os generos são para metter no papo, dado que sejam alimenticios, mas a coroaça com a linda cara do joven rei?

E' para gastar? Lá se vae o gentil *recuerdo!*

E' para guardar? Mas isso é o supplicio de Tantalo — dos pobresinhos!

---

7 de dezembro. — Este anno, que ahi vem, de 1909, promette solemnissimas zaragatas historicas. Não fallo da nossa vida nacional: que isto já não é Historia, mas conto da carochinha, nos dominios da caganifancia.

Quero eu referir-me ao que vae *lá por fóra*: a Allemanha cada vez mais isolada, a ponto de só ter a Austria (!) ao seu lambisco; *o santo imperio apostolico* em vesperas de desfazer-se e convertido em veridico *enfermo do Oriente;* a Turquia e o Montenegro a prepararem-se para, de combinação, investirem com aquelle trambolho; identicos projectos da Italia; a *Triplice* dissolvida; a linda Inglaterra attrahindo tudo que representa forças, contra a sua rival no commercio, na industria e no predominio naval... Vamos ter obra!

Os pacatos burguezes *Alves* e *Rebello* esfregam, uns nos outros, os pés de cima, contando

com rios de sangue, por essa Europa em fóra, e com pavorosas noticias telegraphicas aperitivas e digestivas. Em Portugal é que não haverá sangue: quando muito, uma pouca para elles — e para o *malfeitor !*

*

... Surprehende-me a noticia de eu haver sido querellado — por *falta de respeito a Guilherme II.* Não direi *que não quiz offender,*—porque nem já me recordo do que a tal respeito escrevi, e porque, em regra, o que eu disse, disse-o. Teria descarada graça que eu formulasse *n'esta edade*, aos mais novos : — «Por aqui é que a gente se safa.»

Não. Aqui é que se leva coices.

Outra coisa. Eu não posso ir ao Porto, porque a isso se oppõe, mediante um attestado, o meu medico assistente. Deploro-o, porque poderia reformar os meus conhecimentos historicos, já vejo, pela mão de um delegado do ministerio publico...

....

Para vêr isto, me conservou Deus a existencia, encanecendo-me e encalvecendo me! Pois, fallaremos.

---

9 de novembro. — A proposito...

Em 1877 — faz agora 32 annos — chegou-me aos ouvidos que o director da alfandega do Porto — Bento de Freitas Soares — alardeava desprezo pela imprensa, que elle accuzava de venal. Lá teria suas razões restrictas o jagodes, mas eu tinha as minhas, para protestar, e fui-lhe ao pêllo aduaneiro.

Accudiram-lhe subordinados, em palestras furibundas, e para ali achataram o *bec*.

Metteram de permeio as policias correccionaes, mas vigorava a lei de 17 de maio de 1866 *(Barjona)*, que admittia prova, em audiencia de jury, contra os funccionarios accusados. Retrocederam os pimpões.

Escreveu-me, então, de Lisboa, o bravo redactor do *Jornal do Commercio*, Balthazar Radich: — «Olhe que o matam á traição!»

Tratou-se d'isso; mas eu tinha... o que hoje me vae faltando. Renunciaram.

Ao cabo de um mez de inferneira, esperei — a vêr! Vi.

O *Diario Portuguez*, onde eu sustentára a campanha, deixou de existir, á falta de escandalo. Eu tive de ir pedir ao Brazil o trabalho e o pão.

Os accusados eram da especie do *Murinello* e do *Fajardo*. Ficaram e engordaram: o que não mata engorda... os sem vergonha.

Dizia-me, mais tarde, em Lisboa, Balthazar Radich: — «Não esperava tornar a vêl-o.»

*

Vem isto a proposito de me haverem escripto um amigo de Cerva e outro de Mondim: — «Ha tanta campanha a abrir e você calado!»

E' uma especie de — «Tu dormes, Bruto?!» Durmo com um olho fechado e o outro aberto.

*

Do *Seculo*:

«As colonias agricolas no Ultramar. — Nós e os «fieis alliados»

Prezado collega: — Escreve-me, de novo, *um intellectual* — que, pois eu a miude cito os congressos, assim os penitenciarios, como os de anthropologia criminal, devo notar que no de Genebra (1896), tratando-se das *colonias agricolas no ultramar*, *para delinquentes,* o congressista inglez Arthur Griffiths, inspector-mór dos prisões de Londres e geralmente considerado uma summidade especialista, pronunciou-se positivamente contra ellas. E o *intellectual* oppõe a auctoridade do congressista britannico a um projecto «addicional aos regulamentos das Casas de Correcção,» por mim publicado na imprensa e no qual peço, para os menores reclusos, a admissão (facultativa) á colonisação africana, — «que depende, é claro, de uma reforma dos nossos serviços no ultramar.

Respondo:

1.º — Eu não pedi o trabalho nas colonias para os criminosos condemnados a prisão; pedi-o para os menores (que o acceitassem) reclusos nas Casas de Correcção da Metropole. Estão estes fóra da alçada reformadora — dos Griffiths.

2.º — Cito a miude os Congressos, porque ha ali, nos que eu cito, muito trabalho de observação e de annotação, e aquilatando esse trabalho se distrae a minha quasi invalidez profissional (refiro-me a assumptos correccionaes).

3.º — Conheço de ha muito o papel de Arthur Griffiths no Congresso a que se refere o *intellectual*. E tambem conheço os motivos da sua repulsão pelas colonias agricolas no ultramar. Eu já trato d'isso.

4.º — O meu simples «addicional» citado viu a luz, que me recorde, na *Voz Publica*, do Porto, e na *Epoca*, de Lisboa, e vem reproduzido n'este livro.

Foi lido e applaudido por competentes; entre elles o sr. dr. Barbosa de Magalhães, ao tempo director geral interino do Ministerio da Justiça.

Ponderou-me o illustre funccionario que o meu projecto seria irrealisavel, sem a tal reforma de serviços no ultramar. Não espero chegar a vêl-a n'es'e mundo. Talvez de *além*.

*

Ouçamos, no entanto, a elevada e proficiente refutação que as considerações de Arthur Griffiths, no Congresso em questão, despertaram por parte do nosso illustre representante — o dr. F. Ferraz de Macedo. Fala o sabio antropologista:

«Levanta se Griffiths contra a colonia agricola para delinquentes, quando collocada além dos mares, só porque a Inglaterra ensaiou esse systema de castigo por largo tempo e tambem com argos dispendios, sem d'ahi tirar vantagens correspondentes aos seus esforços. Por essa razão o auctor da communicação julga se auctorisado a proclamar improficua a transportação de criminososos para as colonias agricolas ultramarinas, como sendo processo condemnado; mas, o que é mais, e que, como elle o disse, a maior

parte dos congressistas tomou aquella proposição como um *lemma* a seguir por todos os povos, sem se importar com attender as circumstancias especiaes.

«Dois factos poderosos, entre outros muitos de quasi egual valor, concorrem para que a Inglaterra não tirasse proveito da transportação criminal. O primeiro motivo provém da sua posição geographica, que é em circulo, onde a temperatura fria é dominante, e os pontos para onde tinha de fazer a transportação serem não só a extraordinarias distancias, mas tambem occupando zonas insalubres e de uma temperatura excessivamente alta, como sejam a Africa e a India, de que nos não fallou Griffiths O segundo motivo, appenso e complementar do preceddnte, é a constituição organica ingleza, congenitalmente lymphatica, debil, incompativel com os climas quentes e com especialidade com os de empaludismos perennes, como são os que acima indiquei.

«Todos sabem que a alimentação ingleza é fortemente azotada e seguida de abundante ingestão

de elementos plasticos. E' necessario, é mesmo quasi imprescindivel este regimen respiratorio e plastico, acompanhado de um exercicio constante, para supprir a insufficiencia constituinte elementar. Desde que por alguns dias a alimentação supradita falte, ou mesmo seja diminuida de quantidade, o organismo inglez abate-se, o animo desfalece e o seu anniquilamento vem proximo, muito mais proximo ainda se a isso se ajunta a terrivel nostalgia, endemica na raça ingleza como consequencia da constituição debil.

«O inglez de Albion é mais industrial mechanico, transmutador ou commerciante, e permutador ou mercantilista, do que agricultor. Estas condições de vida, ao que parece, são-lhes impostas mais pelos tractos de terrenos insulares que occupam do que pela indole; e tambem isto mais se nos afigura verdadeire quanto mais attentamos nos seus irmãos americanos do norte, que tomaram para base da sua evolução vital a mechanica e a agricultura, e em tal escala que com ellas vão começando a abastecer o mundo.

«Outros povos e raças ha que estão em identicas circumstancias aos inglezes pela constituição

organica, pela indole e pelos dominios terrenos; por conseguinte, as suas transportações de criminosos para colonias agricolas em pontos quentes e insalubres dá-lhes para resultado o opposto d'aquillo que teem calculado. E tanto mais a transportação os descoroçôa, quanto pelo decorrer do tempo recolhem desfalque monetario, minguados productos naturaes e insufficientes resultados prolificos, pontos capitaes para onde dirigem as suas vistas — commercio, solo e dominio rapido e largo —, jámais acalentam signaes de philanthropia quando não póde ser desdobrada nos tres, ou pelo menos n'um dos tres quesitos mencionados.

«Se, deixando os inglezes e outros povos de constituições e indoles semelhantes a elles, nós encararmos debaixo dos mesmos pontos de exame outros povos europeus, como seja o italiano, o hespanhol, o portuguez, as condições de transportação de criminosos e das suas colonias agricolas devem mudar de tal maneira, como é a mudança da noite para o dia, com especialidade para o povo portuguez. Isto por muitos motivos.

«Na adaptação climatica e colonisação livre, já

estes tres povos demonstraram que em toda a parte da terra pódem ser succedaneos dos naturaes para onde se transportarem, e com singular vigor o povo portuguez, que supporta e se adapta desde os climas frigidissimos aos climas torridos; mas isto, emfim, de um modo geral.

«A constituição do *portuguez puro*, não a do degenerescente que talvez suba além de 40 por cento, é sanguineo-nervosa, vigorosa intensiva e flexivel ás necessidades; a sua indole é activa, laboriosa, emprehendedora e sagaz; o seu caracter é folgazão, amigo da patria e sobrio em extremo — com uma sardinha ou um bocado de bacalhau labora quasi um dia —; a sua moral é de principios conservadores, economicos, obedientes á lei, caridosos em extremo e reservados em excesso; a sua intelligencia é subtil, lucida e de potencia firme; a sua imaginação é viva, de largos vôos e de felizes combinações subjectivas: é apto para todas as artes, feliz nos seus propositos, arrojado nos emprehendimentos, pertinaz em suas determinações, decidido e valente nas luctas, attilado nos contractos, liberal na amizade, rigoroso no castigo... A pleiade cres-

cente dos degenerados é que é a vergonha do puro e brioso typo portuguez!

«Ainda que estas qualidades, como fica dito, sejam em percentagem e não em totalidade, por causa das tremendas invasões pathologicas contagiosas e degenerescencias por vicios, ainda assim o auxilio dos bons portuguezes prestado em colonias agricolas, como protectores dos delinquentes que as teem de formar, estabelecidas com preceitos hygienicos em pontos salubres das suas visinhas possessões africanas, devem necessariamente dar um resultado contraposto ao apresentado por Griffiths nas identicas colonias inglezas.

«E' claro que estas colonias, embora compostas como devem ser de *individuos delinquentes para sempre inuteis nos centros civilizados* e de individuos regeneraveis, não devem ter o caracter dos presidios que lá existem, nem serem compostas de individuos apanhados a esmo; porém, deve presidir a escolha rigorosa dos delinquentes, para d'elles formar categorias distinctas umas das outras, constituindo circulos evolucionantes separados ou extremados pelas aptidões

e graus de regeneração, até aos que pertençam aos de sequestro perenne do centro social, pela reincidencia irremovivel do delicto ou vicio degenerativo. Tudo isto deve ser apoiado n'uma confirmação anthropologica positiva, se fôr possivel para todos os casos; jamais sem ella um só passo deve ser dado n'este melindroso assumpto. Por causa dos outros até hoje se não haverem apoiado nas observações anthropologicas, é que o resultado colonial agricola de delinquentes tem sido sempre negativo. Nem outro motivo auctorisa este resultado.

«Tal é a refutação que merece o *communicado* de Griffiths, em relação a Portugal.»

*

Bem vê o *intellectual* — que eu já conhecia os factos. São o *a b c* da Cartilha.

De v., etc.
Silva Pinto.»

O cacau de S. Thomé — Questão dupla: nacional e internacional. — Piratas ás moscas?

A attitude assumida no parlamento inglez por numerosos *amigos da pinga*, contra o velho e fiel alliado da magnanima Inglaterra, — a proposito do cacau de S. Thomé — está demonstrando que o egoismo sórdido d'aquella raça não conhece limites á insolencia, á calumnia e á pirataria. E' conhecida a campanha levantada pelos chocolateiros inglezes, contra a mão d'obra portugueza em S. Thomé, com o pretexto de sentimentos humanitarios, em favor do *pobre escravo*. A humanidade ingleza só encontra igual na temperança dos marmanjos!

Se eu vou d'este mundo, sem vêr iniciada a ruina d'aquelle ninho de traficantes, perco a minha pobre alma!

*

Sobre o assumpto, dizem as ultimas noticias de Londres:

«Londres, março, 15. — Na camara dos comuns

o deputado sr. Leveton perguntou ao ministro dos negocios estrangeiros se existiam quaesquer tratados entre a Inglaterra e Portugal para a abolição da escravatura nas colonias portuguezas; se lord Melbourne reclamou em 1838 que se tornassem effectivas as medidas de repressão da escravatura em territorio portuguez; e, finalmente, quaes as medidas tomadas ultimamente para evitar a continuação d'esse trafico.

«*Sir* Edwards Grey, ás duas primeiras partes d'este discurso respondeu affirmativamente; quanto á terceira parte, isto é, ás condições do trabalho em S. Thomé e Principe, disse que nada tinha a accrescentar á resposta dada em 11 de dezembro do anno findo ao deputado sr. Gloucester.

«Falou a seguir o deputado sr. Harris, perguntando ao mesmo ministro, se conhecia a percentagem da mortalidade dos *escravos* empregados nas plantações de cacau, se os inglezes continuam a usar do *cacau-escravo,* e se o governo inglez já havia feito algumas reclamações ao governo portuguez.

«Resposta de *sir* Edwards Grey: O systema

de trabalho nas plantações de S. Thomé está subordinado a contractos regulares, e as ultimas estatisticas recebidas pelo governo inglez accusam para a mortalidade dos negros, em S. Thomé, a percentagem de 3,1 % e 11,7 % para os que estão no Principe. E accrescentou:

«— Quanto á segunda e terceira perguntas, responderei negativamente. Não avisei as firmas manufactureiras de cacau.

«O major Austruther ainda interveiu no debate, para perguntar ao ministro se sabia a razão da differença da mortalidade nas duas ilhas. *Sir* Edwards Grey respondeu que não. O deputado sr. Harris extranhou que o ministro não considerasse *escravatura* o systema de trabalho em S. Thomé e Principe e *sir* Edwards Grey replicou, como hontem, que essas regiões não são territorio britannico e que Portugal estuda actualmente uma reforma tendente a remediar tal estado de coisas.»

... A petulancia d'aquella sucia corre parelhas com a hypocrisia. Boa raça!

*

Pelo *Financial News* (edição franceza) de 18 do corrente, ha noticia da *boycottage* iniciada por varios chocolateiros inglezes, monstros de humanidade, contra o cacau de S. Thomé, emquanto não fôrem ouvidos os manes de Beeclier Stowe, na leitura da Biblia e do *Uncle Tom*.

---

21 de março. — A questão do caucau de S. Thomé tem assumido proporções de um verdadeiro *assumpto nacional*, constituindo, pois, um assumpto obrigatorio do jornalismo. A proposito, vinha no *Mundo* de 17 o seguinte:

«O nosso cacau e os syndicateiros

«Não ha duvida de que o nosso paiz em todos os seus ramos de actividade, está nas mãos dos syndicatos. O nosso cacau, o producto mais rico que possuimos, encontra-se á mercê dos syndicatos estrangeiros. Elles dão a baixa e alta a seu

bello prazer, brincam e jogam com os agricultores e negociantes, conforme as suas conveniencias, sem que a este estado de coisas se opponha quem o devia e podia fazer.

«Existe um *trust* formado pelos maiores agricultores de S. Thomé, e todavia, nem sempre a sua orientação é acertada. A situação do cacau no estrangeiro é boa, e tanto assim é que todas as qualidades têem subido de preço menos a nossa. Porquê ? A rasão é simples.

«Ha em Lisboa uma casa «estrangeira» empenhada em fazer a baixa, por ter feito vendas a descoberto e a preços inferiores aos do mercado, e especialmente, aos que correm, nas praças estrangeiras.

«Consta-nos que o *trust* dos agricultores está disposto a favorecer a alludida casa compradora, ignorando-se a razão que os leva a tal transigencia. Seja como fôr, no *trust* ha casas que negoceiam com cacau de terceiros, e é d'estes que chamamos a sua attenção para o que deixamos exposto.»

Parece inferir-se da local, que reproduzo, a

intenção de visar qualquer das casas da nossa praça intermediarias na compra do cacau, como connivente com o *trust* dos agricultores na baixa d'aquelle producto de S. Thomé.

Como quer que fôsse, consultei, — especialmente sobre *quem devia e podiá oppôr-se ao estado de cousas,* — um entendido na materia e d'elle obtive as seguintes curiosas indicações:

*

— «Não tenho informações seguras para affirmar ou negar que exista alguma casa commercial que esteja n'este momento promovendo a baixa do cacau. O que, porém, posso affirmar é que o *trust* não protege manobras baixistas de quem quer que seja.

«O fim d'esta aggremiação foi exactamente o contrario: defender-se dos especuladores de toda a parte, que, com o seu jogo desenfreado, dispunham do cacau, levando-o a preços infimos, que não compensavam os capitaes empregados na agricultura, de dia para dia mais sobrecarregada de encargos, que tornam a sua exploração cada

vez mais cara. Não tem tido o *trust* idéas especulativas, mas sim o intuito louvavel de procurar um preço remunerador para o seu genero, vendendo o melhor que póde, segundo as fluctuações dos mercados, e por elles se regulando. Tambem não teve intuitos monopolistas, pretendendo levar o cacau a preços carissimos, que redundariam em prejuizo do consumo, que deve acompanhar o desenvolvimento crescente da agricultura.

«As baixas ou altas regulam-se pela lei da offerta e da procura. O *trust* que representa uma pequena parcella na producção mundial do cacau póde, em circumstancias favoraveis, entravar o jogo da baixa; não o póde, porem, fazer a alta nem evitar a especulação quando as producções, em toda a parte, são abundantes e os *stocks* nos principaes mercados se acham bem providos, como succede actualmente, em que, depois de uma relativa escassez de cacau, vieram umas colheitas grandes, o que tem permittido aos especuladores trabalharem com um certo folego e sem receio de que lhes falte o genero. A especulação que se faz atrevidamente na Allemanha

e na America é que é mais para temer, e contra ella pouco teem valido os esforços do *trust*.

«Eis o que tenho a dizer a proposito da local do *Mundo*, não sabendo nem podendo attingir *quem seja que devia e podia oppôr-se a este estado de cousas.*»

*

Tal disse o meu auctorisado e amavel informador. Pela minha parte, sinto me esclarecido.

---

25 de março. — O assumpto parece esgotar-se. No *Diario de Noticias* (de Lisboa) vem hoje carta de Londres, segundo a qual, a acção dos chocolateiros treslidos no *Uncle Tom*, liquida em ignobil somneca, entre as dez e as onze. Antes d'isso, porém, duas noticias.

1.º Telegramma ao *Seculo*:

«Paris, 24. — A edição franceza do *Daity Mail* protesta energicamente contra as informações

do industrial inglez Cadoury, sobre a pretendida escravatura em S. Thomé e diz que o ministro dos estrangeiros na Grã-Bretanha, «sir» Edwards Grey, affirmou recentemente no parlamento que que a mortalidade dos trabalhadores negros n'aquella ilha era apenas de tres por cento, isto é, muito inferior á mortalidade dos brancos.

«A *Dépêche Coloniale* e a *Politique Coloniale* tambem publicam artigos em que se occupam do assumpto, defendendo Portugal.»

2.º Da camara dos pares, em 24 do corrente:

«O sr. Arroyo interroga o governo sobre a questão da *boycottage* ingleza ao cacau de S. Thomé e o regimen dos serviçaes e sobre a attitude do governo britannico.

«O sr. ministro dos estrangeiros responde que essa attitude tem sido sempre correcta e amistosa para comnosco e que a questão tem merecido as attenções do governo portuguez que, sobre ella, recebeu já o relatorio dos trabalhos a que procedeu o sr. Paula Cid, estudando o regimen dos serviçaes.»

. . . .

Agora, a carta de Londres:

«A cabala contra o cacau portuguez ainda não está morta, mas agonisa lamentavelmente para os chocolateiros interessados na depreciação do genero. Vimol a esta semana a estrebuxar no parlamento e quer-nos parecer que foi o ultimo arranco. Com voz sumida e canalisada pelo orgão pouco euphonico do sr. Leverton Harris, pedia a coitadinha que o governo tomasse medidas para restringir a importação do cacau dos paizes em que se emprega a mão d'obra escrava. Mas o ministro dos estrangeiros, sir Edward Grey, administrou-lhe o golpe de misericordia e foi uma vez a cabala. O démo tenha a sua alma em paz.

«Sir Edward Grey poz effectivamente um termo ás pretenções dos philantropeiros declarando terminantemente que as regiões de S. Thomé e Principe não são territorio britannico, que, portanto, a sua interferencia nos problemas da respectiva administração seria descabida, e que não dera, nem lhe competia dar aos fabricantes de chocolate inglezes conselho algum quanto á pro-

cedencia do cacau, que deviam ou não deviam comprar.

«Não era de esperar outra resposta da parte de um estadista do criterio e tino do presente chefe do Foreign Office parlamentar finissimo, diplomata consummado, egualmente respeitado por amigos e adversarios politicos. Quando não pesassem no seu espirito as altas razões do Estado que lhe impunham aquella linguagem, não podia elle esquecer a deferencia que devia ao representante de Portugal em Londres, de quem é amigo pessoal e podemos accrescentar admirador. Com o sr. marquez de Soveral se reservaria elle para examinar a questão no que ella pudesse ter de internacional por virtude dos tratados que Portugal assignou para a repressão da escravatura e não com os porta-vozes dos chocolateiros interessados em uma especulação mercantil.

«Em todo o caso as palavras de sir Edward Grey são mais uma prova dos sentimentos da mais amistosa correcção que prevalecem nas regiões officiaes d'este paiz em relação a Portugal, graças em grande parte ao prestigio pessoal

e ao tino diplomatico do seu representante junto á côrte de S. James.

«Os chocolateiros, em desespero da causa, annunciam agora abertamente que não comprarão mais chocolate portuguez. Pois que o não comprem. Os Estados Unidos e a Allemanha o comprarão e tanto peor para os philantropeiros. Aliaz pode-se ter como certo que a declaração das tres casas, que vierem a publico, é para inglez ver. Uma retirada em boa ordem.»

*

Nota eloquente.

O *Diario de Noticias* publica uma *interview* com o sr. marquez de Valle Flor, o benemerito agricultor de S. Thomé. Referindo-se ao inglez *Cadoury*, difamador delegado dos piratas, disse ao nosso collega o sr. marquez :

— Esteve tambem aqui, n'este escriptorio. E quando, ao falar do engajamento dos serviçaes para S. Thomé, inquiri se as exigencias de se regular esse engajamento, terminando com a pretendida escravatura, partiam do governo in-

glez e se tinham caracter official, limitou-se a responder-me:

«— Não téem por ora. Mas faço-as eu, como particular e como negociante.»

... Chega a ser ingenuo o tratante!

---

5 de dezembro. — Escreve e publica aquelle maduro sem nome — que Alexandre Magno não estava bebedo, quando assassinou o seu amigo Clyto; e que tal não affirmam os expositores auctorizados. Auctorizados por quem? Refere-se ao *Larousse?* Não vi, nem verei o que ácerca do caso diz esse repositorio do saber, — ao alcance das cavalgaduras e dos madraços. Só direi o seguinte:

Em 1858, tinha eu 10 annos, entrei para o Collegio de S. Luiz, rei de França, dos Padres Lazaristas. Que eu saiba, ainda existem, dos meus condiscipulos, — Francisco d'Assis da Costa Cabral,— José Guedes Brandão de Mello — e Santa Martha (de Santarem).

Aprendia-se muito, depressa e bem, n'aquella admiravel casa de ensino. Falo — em regra. Por mim, pelo que toca ao episodio da morte de Clyto, fui d'elle inteirado, logo que, dias volvidos após a minha entrada no collegio, me fizeram manusear a Historia Antiga, com a Religiosa, com a da Idade Média e com a Moderna: o bem dizer, na Historia aprendiamos a ler: não me foi isso indifferente na vida de collegial, pois que mais tarde, em 1869, sendo eu alumno do collegio de Campolide, dirigido pelo padre Carlos Rademaker, recebi, em solemne distribuição de premios, uma medalha, que conservo religiosamente e na qual o illustre jesuita escreveu:—«Premio de Historia a F. 1859.» Eramos uns centos de alumnos.

Mais tarde, na vida das Lettras, não me foi inutil.

Quer porém o parvajola uma autoridade a valer? E' a de Fenelon. Leia o belle livro *Dialogues des morts*, dialogo XXV, entre Alexandre e Clyto. E' na edição, que tenho prezente e que possuo, de 1766, Fréres Estienne, Paris,— a pag. 141 e 142:

«*Alexandre.* — Ah! quel malheur ! Sur la terre j'étois un Dieu ; ici je ne suis plus qu' une ombre, et on m'y reproche, sans pitié, mes fantes.

«*Clytus.* — Pourquoi les faisois-tu ?

«*Alexandre.* — Quand je te tuai j'avais trop bu.»

Releia e cale-se o pumilião e deixe-me dizer-lhe, em variante ao grande Camillo Castello Branco, ao dirigirem-se-lhe com pretensões criticas uns subalternos (leia *Eccos humoristicos do Minho*, n.os 1 e 2) : Aproxima-se o Natal, o meu exclusivo *dia santo.* Gósto muito, mais o Marrius e o Raul, dos mimos culinarios usados em similhante festa. Os srs. **criticos** podem ser-me uteis e agradaveis, remetendo-me uns lombos de porco, uns perús, uns vinhos finos ; mas a respeito de banalidades historicas de collegial, *tirem o cavallo da chuva !*

---

9 de dezembro. — ... Nem nos tempos do *malfeitor !*

. . . .

A que *tudo isto* chegou!
Pois falaremos.

*

Subindo:
Recebo a seguinte *consulta:*

«... *Sr. Silva Pinto.*

«A v., que vem do Romantismo, época em que muito se amou, e que da sua longa e accidentada *travessia* nos traz evidente bagagem de conhecimentos e de meditações, rogo, como seu camarada novo, que me dê a sua opinião ácerca do *divorcio,*— condensando-a em poucas linhas, como costume, para que os proprios impacientes leiam.

Seu, etc.»

*

Eu lhe digo:
Terminei agora a leitura, mais uma vez reproduzida do admiravel livro *L'Amour*, de Michelet

e do lucido estudo de Jules Lemaître, sobre esse livro. E conclui, insistindo na minha antiga opinião pessoal.

Divorcio—equivale á recommendação de cortar as carotidas depois de morto : indecisão sobre o estado de *realmente morto.* A' cautella, previne-se contra a hypothese de *estar vivo.*

O Divorcio affirma a indecisão sobre a duração permanente da *ligação affectiva.* A' cautella previne se contra a hypothese de *rompimento.*

O Divorcio apparece-me, pois, como um phantasma de Troça e de Dissolução nos horisontes do Sentimento e da Familia.

*

Vamos lá abaixo...

Nem nos tempos da *sinistra aventura!*

Estou em crêr que as *qualidades* do João Franco se derramaram, ao evadir-se o *malfeitor*, e que formaram enxurro, onde os magarefes da consciencia putrida vão beber.

Aonde querem chegar taes idiotas perversissimos?! Vamos vêl-o.

10 de dezembro. — Lá vou abaixo.

Já esta manhã me fizeram rir aquelles idiotas que têem d'olho — *sangrar* os jornaes republicanos. Que afinal, é fado nosso — sermos *sangrados*. Mas, aquella da minha *falta de respeito* pelo da Allemanha fez-me lembrar de um episodio patusco de ha poucos annos: quando se esboçou uma guerra entre os Turcos e os Gregos.

Foi n'um jornal de Lisboa que um padre, seu redactor, desatou a descompôr diariamente a Turquia, em favor da Grecia, que elle suppunha ainda nos bellos dias de Leonidas. Como velho amigo dos sectarios de Mafoma, irritei-me, á força de lêr as tolices do clerigo, e procurei na redacção do jornal o auctor das tolices supra.

Disse-lhe eu que recebera convite de generalissimo Turco, para obter do jornal de Lisboa terminantes desculpas, ou uma reparação pelas armas, pois que só se via, nos acampamentos turcos, soldados a lêrem os artigos do padre, desmoralisadas assim e indisciplinadas as tropas do Sultão.

Tremeu o padre, e deu todas as satisfações. Socegou o Turco.

. . . .

Agora, mercê da intervenção ali do coisa (sem lhe *faltar ao respeito!)* vae resfolegar, sem estorvos degradontes, aquelle que eu muito respeito e venero, como elle merece — já se deixa vêr.

Os extremos tocam-se. Os idiotas imitaram apparentemente um homem de juizo, como eu. Os intuitos é que divergem, cachorros!

*

Subo...

---

14 de dezembro. — Do *Jornal do Commercio:*

«A sr.ª D. Martina Carolina Reboli de Bulhões Maldonado, segundo lemos em annuncios, terminou a sua obra, em prosa e verso, intitulada *Vida de Todos os Santos.*

«Esta grandiosa obra é feita com o fim principal de pedir á Santissima Virgem e a Seu Divino Filho a extincção do inferno.

«Não achamos mal, e estimamos até que a sr.ª D. Martina Reboli seja attendida nos seus apaixonados rogos.

«Mas, uma pergunta nos occorre ..

—«Extincto o inferno, onde mette a sr.ª D. Martina o Diabo?»

... Mais, com licença:

— E onde mette D. Reboli o *malfeitor*, mais o reverendo e safadissimo *Mestre de Moral*?!

*

Organisam-se em Lisboa as procissões dos famintos — os *sem trabalho*. Alves e Rebello, respeitaveis contrabandistas, bufam indignados, e um d'elles brada, com applauso do outro:

— «Canalha! com a cabeça no ar!»

E o safadissimo reverendo *Mestre de Moral*, não traz pelo ar os pés de cima?!

*

Escreve-me um atarantado — a disfarçar a lettra, como elles usam:

— «Has de agonisar n'uma cama, horrorosamente.»

Duvido. Se me doêsse muito, eu punha ponto. Accresce que eu estou bem com Deus. Quem me quer mal é o *malfeitor*, mais o reverendo e safadissimo *Mestre de Moral*. Mas, que elles vão todos — bugiar!

Estes anonymos fazem rir um asceta! Em tempos escreveu-me um, do Rio de Janeiro:

— «Todo o Brazil sabe que tu alugas mulher e filhas!»

Todo o Brazil! Pobres senhoras, se existissem, alvejadas pela *Moral... do Mestre!* Chiça!

*

... *A Loucura de Jesus.* — De quando em quando, um scelerado de especie scientifica excede-se em criticismo e produz iniquidades que talvez expliquem as catastrophes, mysteriosas e terriveis para a Humanidade. Este patricio da *Nana*, *demonstrar a loucura de Jesus Christo* é de erriçar os cabellos — pelo que se conjecture *aonde póde isto ir parar!* Decerto, eu não posso correctamente, ser accusado de explorar o nome e a obra do Redemptor, mas tenho por Elle um

sentimento especial, que ha muitos annos faz do Natal a minha festa unica: é um sentimento mixto de respeito, de admiração, de enternecido affecto, e de reconhecimento — por mim e pelos outros desgraçados.

Vir aquelle miseravel de além Pyrenéos depositar os dejectos cerebraes, em logar publico — consagrando-os á affronta de similhante nome — é caso para deplorar que em França não esfreguem o nariz do *sabio* na sua critica fétida e ignobil. Que ha doido no caso, não padece duvida; mas que a Sociedade pensante e digna foi por elle gravemente offendida, é incontestavel. Naturalmente o pensamento fixo do *sabio* é ir para o Index: mandem-n'o misericordiosamente para um manicomio — com a designação de *Mania infame!*

*

O *trabalho dos menores*, ou os menores que trabalham, é um assumpto perpetuamente *actual* entre nós. Actual pelos protestos que levanta e pela improficuidade de taes protestos. *Ça ne marche pas.* E' certo que tudo se discute, entre

nós, com energia e convicção; mas não é dos que discutam os erros a missão de os emendar. Portanto...

*

Portanto, vão ali dizer áquelles *Gouvarinhos*, furibundamente empenhados em demonstrar qual é o mais digno... do que eu cá sei, que se preoccupem na solução de problemas sociaes, de justiça, de moralidade, de legalidade humana, de elevação intellectual! E' claro que ninguem se importa com taes ninharias. Este nosso poema é uma pouca — para os *Gouvarinhos!*

*

A proposito me occorre que está ali um filho de Deus a accusar-me de fazer, a miude, derivar a minha prosa á phraseologia rasteira e obscena. Eu lhe digo:

Rasteiro e obsceno é o covarde intrigante que fareja e deseja, com furor, o prejuizo ou o que suppõe a desgraça de imaginarios inimigos que nem o vêem. E obsceno, rasteiro e ca-

nalha é quem, a coberto do anonymato, provoca pelo insulto, deixando a descoberto um terceiro — para injustas responsabilidades. Essa ralé sarrafaçal, prenhe de covardia e com ignobil cadastro, dá trabalho a quem suspeita da sua existencia e pensa em descobril-A. Mas tudo se consegue — com palavras e condições de resistencia ás nauseas. Tudo, filho de Deus... e da tua mãe!

---

14 de dezembro. — O *sabio* compatriota da *Nana*, que fez, — para elle e para os outros *sabios* — o livro *A Loucura de Jesus*, chama-se *Binet Sanglée*, sendo, além d'isso, como diria Bocage:

Doutor na asneira e na sciencia burro.

A proposito do criticismo do *sabio* compatriota da *Nana*, lembro-me d'um caso narrado pelo grande Veuillot: é aquillo de no parlamento francez um Voltaire pequenino desembéstar, — armando em livre pensador, — tantas e taes san-

dices sacrilegas, que um velho parlamentar — por signal, uma gloria da França, — formulou este áparte:

— «O canalha é capaz, no fim de contas, de fazer cair um raio!»

Esta, do marechal Pélissier, parece ingenua e é profunda.

---

16 de dezembro. — Devo registrar que de diversos pontos me dirigiram palavras de adhesão leitores do natural e singelo protesto que antehontem aqui publiquei. Foi contra os excessos do criticismo de um *sabio* francez, auctor da *Loucura de Jesus*. Claro é que a defesa do Grande Nome seria pueril, mas o protesto contra a villeza do *sabio* e dos adherentes é indispensavel. E é urgente, contra os freios nos dentes...

Atacar sujamente as crenças respeitosas e respeitaveis, de tantissimos espiritos e corações elevados, — em homenagem a suppostos direitos da critica, — é expellir vomitos de borrachão contra os viandantes, abrigando as orelhas no postigo da taverna immunda. E é assim — reparem n'isto

— que a França fornece exemplos de *tolerancia* (vá lá o euphemismo!): emquanto os Codigos Penaes dos paizes mais *illetrados* (outro euphemismo!) procedem contra o jornalismo — que «falta ao respeito» aos reinantes em terra estranha, — ella, — a illustrada, — permitte que os seus *doutores* produzam infamias porcas e ridiculas contra o Grande Nome do Justo — do que a si chamou, para os proteger, os pequeninos e os desherdados!

Mais nada.

*

Falla-se muito, talvez irreflectidamente, na hypothese do regresso de *João Franco* á politica. Tudo é crivel n'este singular paiz. Mas deve-se, por excepção, esperar alguma coisa de *humano*, de certos corações e de alguns espiritos, nas circumstancias presentes. Eu, se fôsse parente do rei D. Carlos, corajosa victima, com seu filho primogenito, da *aventura* d'aquelle homem e dos outros que matavam para não serem mortos, — tornaria impossivel similhante hypothese, horri-

vel para mim e, para o paiz — o que se viu e o que se está prevendo.

Por tudo, é preciso crêr em Deus.

*

Chega hoje a Lisboa, vindo do Rio, um rapaz pobre, que para ali fugiu, depois de, no Porto, haver commettido um crime: tentativa de homicidio. O *Alberto*... não sei que, ex-correctos, que, tambem do Porto, fugiu ha tempos, para Montevideu, é que não regressou a Portugal. As auctoridades, terrestres e maritimas, tropeçaram no dinheiro do homem. Grande coisa é ser *murinello* — n'uma sociedade malandra!

---

27 de dezembro. — Aproveitando férias que, em segunda infancia, me concedi, vou ali abaixo dar um passeio pela Historia. O Ministerio Publico, do 1.º districto criminal do Porto, pode vir comigo. Hade-lhe a digressão refrescar o *sensus* e tonificar o *kriterion*. Diz-me não sei que voz mysteriosa: — «E sabe pouco o pobre rapaz: ape-

nas o que se aprende em Coimbra, quando se não tem talento, nem coisissima nenhuma.»

Percebo. E' quando, na formação da faísca, se faz de pederneira. D'essa massa é que se fazem os *doutos e venerandos.*

Ora pois... vamos andando.

*

Está, decerto, convencido o Ministerio Publico (1.º districto criminal do Porto) de que a matança historica conhecida por *S. Bartholomeu* representa um fructo da fé religiosa de Carlos IX e de sua mãe, a rainha viuva Catharina de Medicis. Certo é que Voltaire sustenta que a carnificina de 24 de agosto de 1572 obedeceu a um acordo do papa Gregòrio XIII, de Filippe II, de Espanha, e de Carlos IX, de França. A affirmação de Voltaire é refutada por L. Ranke, depois de o ser por outro publicista — Raumer. Mas, auctoridades de maior vulto que os refutadores de Voltaire garantem o *acordo de Roma.* Veja Michelet, no seu *Précis d'histoire moderne;* — Potter, no *Massácre de la Saint Barthélemy;*

— Ragon, *His. générale des temps modernes*;— Rodiére, *Cours d'histoire des temps modernes*; — Burette, *Hist. de France*...

De passagem: qual seria o numero das victimas na exacranda noite (com o respeito devido aos soberanos estrangeiros)? *Le Martyrologe des Protestants*, de 1582, accusa 30 mil mortos. Theodore Juste redul-os a 15 mil. Andemos!

*

Certo é que o sinistro acontecimento foi solemnisado em Roma, com *Te-Deum*, — como depois o assassinio de Henrique III, pelo frade Jacques Clément e as *Dragonadas* de Luiz XIV. Mas, não é menos evidente que Catharina de Medicis, inspirando ao filho a chacina, tratava dos seus proprios interesses e do seu predominio politico. Veja Falloux e Audley. Não admitte contestação que a tragica mulher, mãe do *rei christianissimo* Carlos IX, achou meio de servir a Egreja e de recommendar a sua alma a Deus — com a carnificina; mas a ideia inicial consistia em firmar-se no poder occulto, que exerceu

durante os reinados dos seus tres filhos — Francisco II, Carlos IX e Henrique III, compensando os desdens que soffrera durante a vida de seu marido Henrique II, a victima de Montgommery.

Note, de relance, o Ministerio Publico (1.º districto criminal do Porto) um facto interessante: uma multidão de escriptores e de oradores, contando Voltaire e Mirabeau, invectivou e execrou, durante dois seculos e tanto, o rei Carlos IX, accusando-o de haver, *de certa janella de Louvre*, disparado tiros sobre os protestantes fugitivos, na noite de carnificina. Vem Balzac, e, em meiados do seculo XIX, demonstrava *que tal janella ainda não existia* em 1572. Foi mandada construir por Henrique III.

A critica historica parece, ás vezes, ter estudado com as tricanas de Coimbra!

O que está demonstrado é que a rainha mãe *trabalhou por si e para si*; a Egreja aproveitou. Era de casta a mulhersinha (sem offensa aos soberanos da velha França). Com tal rainha, só um ministro patifão de marca, como o nosso *malfeitor!*

*

Nota :

.. O Ministerio Publico (1.º districto criminal do Porto) deve ter ouvido ás tricanas coimbrãs que — «a vida sem sciencia torna o homem inutil». E' o que tambem consta do *Concil Aquis gran. c. 20.* Não soffre duvida : o charro ignorante deve sentir amargos que deixam na sombra o ciumento : digo o, dentro da Lei, ao Ministerio Publico (1.º districto criminal do Porto). Mas já lá o disse o grande S. Bernardo : — que todos aquelles que estudam *unicamente para saber*, obedecem a uma vergonhosa vaidade. Leia *Bern. Sup. Cant serm. 36.* Quer dizer — que devemos estudar para bem da comunidade, extraindo dos factos, de que tomamos conhecimento, elucidação dos espiritos. Do passeio que nós démos algo trouxe eu, para os meus argutos amigos de Cerva e de Mondim. Oxalá que o Ministerio Publico (1.º districto criminal do Porto) se acostume a partidinhas com Minerva — utilmente para os officiais de diligencia ! Tome lá esta pitada do meio-grosso !

28 de dezembro. — O *Times* protesta contra a marcha de *cudo isto* e prevê catastrophe, se não houver emenda. Oxalá que o auctor dos protestos não seja o sr. Soveral : que se o fosse, a desejada emenda seria a resurreição da *sinistra aventura !*

De resto, é talvez tempo de arripiarem carreira, sob pena de cahirem raios — *forjados* por Vulcano. Os devotos—dos 2 sexos—sabem que temerosa coisa seja — a intervenção da Potestadé. Juizo e cabeça fresca, mafarricos !

*

Consulta-me *um curioso*, ácerca d'um assumpto que, mais do que á minha competencia, pertence á do illustre escriptor e meu presado amigo sr. Candido de Figueiredo : quer que eu lhe defina o caso de *açacalar os grifos a reacção* — o que eu escrevi ha dias e estampei n'uma folha de Lisboa. Eu lhe digo.

Açacalar, — para o caso dos luctadores a quem me referi, — consiste em brunir as armas. *Grypho* é um animal fabuloso, com especiaes garras.

Forçando a nota, eu digo que a reacção preparava, ou aguçava, ou brunia, as garras,— para o combate. O leitor consulente pondéra-me, indicando o *Moraes*, que o *grypho* é um animal e não apenas uma garra — e que eu não posso *açacalar* — o todo, por mais que use de audazes liberdades litterarias. E eu digo-lhe, consultor previdente, — que assim o verbo, como o substantivo em questão, já eram meus conhecidos, do *Bluteau*, reformado e acrescentado pelo *Moraes* (ed. de 1789), mas que um escriptor com especial auctoridade — *Camillo Castello Branco*, nos apresenta luctadores a *açacalarem os gryphos*, limitando assim ás garras fabulosas a designação do animal fabuloso. — *Açacalava os gryphos*: preparava as garras. Vem no *Cavar em ruinas*, suponho, sem dados presentes, para verificar; mas sempre se ganha em consultar *Camillo*. Procure e regale-se, dado que não seja. como eu não sou, ministro demissionario, nem ministro novo.

O Criminoso nato. — Simples raciocinios

Escrevem-me *dois amigos de Cerva e de Mondim :*

— «E' claro (como v. diz) que ao director da Casa de Correcção de Lisboa, *doublé* do pensador e do escriptor com 40 annos de travessia (outra !), não viriamos, pretenciosamente, citar Lombroso, nem os seus contradictores. Limitamo-nos, para fins de sinceridade, a pedir-lhe a sua opinião : — «Existe o *criminoso nato ?*»

«Por uma resposta frisante, laconica, sincera, muito gratos lhe ficarão

Etc.»

*

Respondo :

— Existe.

Busco justificar :

—E' claro e é certo que não vou ao mercado, com uma carroçada de erudição ao alcance de todos—desmonstrando, por ella, que sua filha é muda, *et pour cause*, — ao vêr pela frente entidades pensantes, sobre estudiosas. Hei de ser,

como o desejam, laconico e sincero, e tentarei ser, quanto possivel, frisante. Outros serão resolutivos.

Criminoso nato? Porque não, se existe o cogumello que mata, a par do cogumelo que alimenta? Não vale perturbar as vigilias da anthropometria, para sabermos se *n'aquelle individuo* está, ou não, o assassino, sendo, todavia, acceitavel que o assassinio nunca chegue, mercê de especial covardia, a ser praticado.

N'este ponto, surge a velha contenda do *livre arbitrio* e da *fatalidade.*

Destrincemos!

*

Admittamos o factor da *hereditariedade:* paes alcoolicos, perversos, degenerados. Não vejo prejudicada a theoria do *Criminoso nato,* por uma tal determinante *a priori.* Os factores *a posteriori;* os maus exemplos, as más companhias: essas sim: são independentes e apenas auxiliares.

Ha ainda as perversões suggeridas pela má leitura, pelos maus exemplos e pelas consequentes *combinações* intimas.

Por exemplo:

Um sonhador de casamentos ricos—casa. Anciosamente espera e deseja a morte do sogro e de toda a familia da mulher. Por si e pelos filhos. E' a idéa da ambição, temperada pelo amor paternal. Dá Urbino de Freitas —não criminoso nato, mas producto de um sentimento affectivo, com meditação falsa: orientação criminosa.

Outros, peior ainda, *desejam* a morte da mulher, ou dos filhos. Esses não chegam a *proceder*. Ha o tempero da covardia.

*

Aquélle tem o pensamento fixo—de matar. Lê-se-lhe nos olhos o *crime*, e a irresolução — embora. Não ha *motivos*: filho de boa gente, boas companhias: é o cogumello mortifero: não ha processos de beneficiação.

*

E os irracionaes bravios e perversos? E os irracionaes bondosos? — Onde os factores *a posteriori?*

*

Ha o *maneuvre* e ha o *artista*. Aquelle faz-se é producto da orientação do *eu* — por vezes incapaz, ou mediocre. O artista assim nasce. Explanando: Nasce-se grande poeta, grande prosador, grande mathematico, grande criminoso... e grande parvo. Faz-se o politico habil, o bom guarda livros, o egoista por calculo, o criminoso réles.

Resume Balzac:

— «A educação é como o vinho. Essa bebida mais engorda e fortalece os gordos; e mais emagrece e debilita os magros.»

Entendido?

Eis a minha opinião fundamental.

As Escolas Maternaes. — Nós e os outros...

Emquanto ali em S. Bento se delibera, escangalhando as carteiras da nação, sobre *quem irá agora* (principios de abril) e se uiva o *tira-te lá*,

para eu me pôr! — deixem-me registar um trabalho, que eu acabo de receber do seu auctor, e que vem concorrer para fixarmos esta condição do nosso destino: — *Çà ne marche pas!*

Fallo de um Relatorio sobre as *Escolas Maternaes*, apresentado ao Congresso Pedagogico de Lisboa, em abril de 1908, pelo sr. A. Alfredo Alves, professor de ensino normal.

Fére o pedagogista a nota da Estatistica, sempre dolorosa e vergonhosa para nós. Trata-se de nm assumpto que lá fóra, nos centros da Civilisação, tem obtido attenção e sympathias: — a educação das creanças em edade em que ainda não pódem frequentar a escola primaria, edade que em média, vae dos quatro aos sete annos.

Jardins de infancia, *salas de asylo*, *escolas de guarda*, *escolas maternaes*, *casas de refugio*, *escolas infantis*: taes são os diversos nomes por que são designados os estabelecimentos pedagogicos destinados a receber as creanças em edade pre-escolar, preparando as por uma conveniente educação physica, intellectual e moral para o seu ingresso na escola primaria.

Em Inglaterra, pela recente estatistica, as es-

colas infantis eram em numero de 7.204, e as classes infantis de 5.805, com a frequencia média de 1.318.478 creanças de 3 a 7 annos.

Na Belgica havia 1.347 escolas para guarda de creanças, com a frequencia de 137.350.

Em Berlim os jardins eram frequentados por 1 000 creanças.

Na Suissa os jardins tinham a frequencia de 22.106.

Na Austria os jardins de infancia e casas de guarda eram em numero de 465 com 68.039 creanças.

Na Hungria as casas de refugio permanentes, ou temporarias, eram 982, com 155.000 creanças.

Na Italia as casas-asylos da infancia em numero de de 1.760 com a frequencia de 240.666 creanças.

Em S. Petersburgo havia 130 escolas infantis, comprehendendo 26 jardins.

Nos Estados Unidos ha pelo menos 150 jardins, em diversas cidades.

N'este paiz, como em muitos outros, as escolas de infancia são incluidas nas estatisticas da instrucção primaria, e por isso não é possivel

apnrar-se quantos os estabelecimentos infantis, nem qual a sua frequencia.

*

Está o leitor impaciente — por saber como figurou Portugal na estatistica de Levasseur, indicada pelo sr. A. Alfredo Alves. Ahi vae uma nota do digno professor:

«Depois do congresso de abril de 1908, a benemerita associação escolar D. Manoel II fundou *uma escola maternal*, em Belem, orientada pelos processos e methodos indicados n'este trabalho.»

... *Uma escola*, despertados os brios pelo Congresso de 1908! Por isso nós...

E no *sanctuario das leis*, não ha pés a medir — contra as carteiras. A vêr *quem virá agora!*

Ainda os «humanitarios» inglezes. — A chave da intriga — Bebedos «for ever!»

Historiando a «conspiração chocolateira» tramada em Inglaterra, contra o cacau portuguez, de S. Thomé, esclarece *O Seculo* de 6 de abril de 1909:

«Porque veiu essa nova companhe? Não é difficil adivinhal-o. No momento em que se voltava a arrastar pelas ruas da amargura o nome portuguez e andava accesa a guerra contra o Estado Livre do Congo, que a Inglaterra, a Allemanha e a França consideram insustentavel, e que a primeira d'essas potencias pretende a todo o custo fazer dividir, para facilmente levar a cabo a construcção da sua linha ferrea da cidade do Cabo ao Cairo, só havia um meio de contrariar essa campanha, meio que consistia em levantar outra que a eclipsasse. Foi o que os Belgas fizeram em Londres, lançando de novo o balão da escravatura em S. Thomé, o qual subiu d'essa

vez bastante alto, para ser visto de todo o mundo.

«... Deixam os agricultores portuguezes de transaccionar com a Inglaterra? Deixam. Assim o communicou o sr. Cadbury a um dos nossos mais opulentos roceiros. Mas n'esse caso irão vender o seu cacau a outros paizes, que não poderão passar sem elle, e, em logar de receberem libras em troca, receberão marcos, florins, liras, francos, dollars, ou qualquer outra moeda. E tanto isto é assim, que, emquanto em janeiro de 1908 havia em Lisboa um *stock* de 129.015 saccas, em fevereiro 180.665 e em março 164.362, em janeiro do anno corrente havia 124.889, em fevereiro 114.665 e em março apenas 82.765. E hontem, o *stock* era sómente de 60.000, na sua quasi totalidade já vendidas para a America do Norte.

«O prejuizo economico da *boycottage* dos chocolateiros, não póde ser grande para Portugal. O prejuizo moral, porém, é que não é para desprezar. E esse compete ao governo evital-o, acabando de vez, por todos os meios ao seu alcance, com a campanha de descredito que

no estrangeiro se move contra este malfadado paiz.»

... O governo portuguez espera o regresso do genuino *Espregueira* — um *Murinello* graúdo — para a obra do saneameato. Mas é crivel que até lá o Creador acabe com o planeta, — para se livrar do fétido que exhalam os vomitos dos *humanitarios piratas!*

---

29 de dezembro. — Ora aqui temos nós um episodio *pão nosso de cada dia,* que importa lêr e relêr, sem treslêr, mas fixando, apurando e meditando. Lembra *O Mundo:*

«Como n'outro logar dizemos, um dos novos ministros é o sr. Antonio Cabral, que *O Mundo,* por occasião da dictadura franquista, achou interessante entrevistar.

«O sr. Antonio Cabral pensava então, conforme expôz ao nosso collega que o ouviu na sala do Centro Progressista, que a primeira cousa

que um governo honesto tinha a fazer seria processar criminalmente, por abuso de poder, os ministros do franquismo.

Recordamos ainda, por signal, como se tivesse sido hontem, que o olhar penetrante do sr. Antonio Cabral se illuminou quando nos emittiu semelhante parecer, e que foi, se a expressão nos é permittida, o grande *cavallo de batalha* da entrevista que tivemos com o novo titular da pasta da marinha.

«O sr. Antonio Cabral não esqueceu decerto essa sua firme opinião — a menos que nos não houvesse falado com lealdade, o que por fórma alguma podemos admittir — e n'essas circumstancias não se levará a mal que perguntemos a s. ex.ª, por intermedio do *Correio da Noite*, se os ministros da dictadura vão emfim ser processados criminalmente, ou se a sua entrada para o actual ministerio nem sequer d'essa simples condição dependeu.

«Que nos diz pois o sr. Antonio Cabral ácêrca do assumpto?»

... Correndo o perigo de me chamar *ingrato*

áquelle escorropicha-galhetas, e tendo em boa conta o sr. Antonio Cabral, sempre quero vêr o que se faz aos cavalheiros — que mataram para não serem mortos!

Diz me Tiberio — que nada se fará e que ainda havemos de vêr nos córnos da Lua e nos do poder — o legitimo *malfeitor*. E que fuja eu n'esse dia!

Admitto a hypothese de regressar ao poder em Portugal o João Franco — como o outro beirão, Costa Cabral. Certo é que o actual é ta pado e ignorante e o Costa Cabral era um espirito esclarecido; mas está tudo em relação: os individuos e as collectividades.

Com vénia á Procuradoria Régia, nunca se foi tão insignificante, em Portugal, como actualmente! Arre!

— Ninguem morre n'este paiz senão physi camente, dizia, em crise de lucidez, a alimaria Conselheiro Encravadissimo. Estás a vêr! A's duas por tres, rebenta ahi o *malfeitor*, a cavallo no *kriterion* de José Novaes e trazendo á redea o *sensus* do prior da Gula, mais o do prior da

Luxuria. Não faltarão coices, nem dentadas do mau bruto. Já os outros zurram e relincham.

Mas, não fugirei. Não posso, — não devo — e não quero.

— Cada um no seu posto : é do *martyrisado.*

Vejo condemnadas, no Tribunal do Crime, do Porto, umas referencias minhas ao grande homem que, no seculo xx, reproduziria Carlos Magno, Julio Cesar e Napoleão, se possuisse os dotes de taes cavalheiros. Está como eu : não sou um Proudhon, nem um Balzac, porque Deus tal não permittiu. E' realmente uma zanga, mas ha maiores desventuras do que as nossas : as de Guilherme II, e as minhas

Nós sustentamo-nos, pela vida fóra, na missão que cada um se impôz : sem discrepancias e sem vacillações, nem transigencias, que devem ser importunas : Guilherme II faz aquillo que se vê ; pelo que me toca, é o que se tem visto — fóra o que, a occultas tenho soffrido.

Mas, ambos, inflexivelmente.

Ali está um dos meus julgadores, que severa-

mente zela a conservação do que eu condemno, — um juiz que ha 34 annos, no *Diario da Tarde*, do Porto, sendo elle quintanista de Direito, lavrava, com Alves da Veiga e outros, um energico e generoso protesto, em favor do *republicano Silva Pinto*, seu correligionario politico — a quem elle e os outros julgaram desrespeitado por um idiota da imprensa. Muito deve soffrer a boa alma do sr. dr. *Almeida Ribeiro*, ao condemnar criminosos como eu, que lhe são indicados pelo M. P. (do 1.º dist cr. do Porto)!

Allegará s. ex.ª que, como juiz... Fizesse-se advogado — que tinha talento para, como tal, brilhar, e não carecia de encafuar-se na Procuradoria Régia, como sub-delegado — gratuito!

Deus o ajude até aos rheumatismos do Supremo Tribunal! Por mim, só me resta hoje agradecer, com a sinceridade que tenho empregado sempre, as palavras de justiça e de bondade que devo aos dignos e distinctos advogados do Porto *Alfredo Pimenta* e *Eduardo d'Almeida*, bem assim ao meu esforçado e por egual digno camarada *A. Padua Correia*. Prometto-lhes não os fazer arrepender.

1909

5 *de Janeiro.*

Tenho ideia de um rufião da Politica nacional (50 mil réis por dia, ó póvos!) me haver um dia fallado, com desdem, dos homens da Convenção Franceza e da *sensibilidade* exaltada por João Jacques Rousseau e, em geral, pelos *homens da Natureza.* Ouvi as troças, pensando na má sorte que nos trouxe d'aquelles leões a estes piolhos! O que foram os Convencionaes registra-o a Historia, em caracteres de fogo depurante; o que eram *corações sensiveis* avulta, confrontado com a seca e torpe *alma* dos parasitas que hoje sugam e sujam o corpo social. Vamos nós andando!

*

E acentue-se que eu não tenho, como insinúa o *Frei Gerundio*, uma *sensibilidade* complexa e

incompreensivel, quando anteponho ás desgraças do sul da Italia as desventuras do nosso povo.

O que *por ahi* se soffre! Já não fallo do commercio e das industria e da agricultura *em crise*, mas das consequencias mais obscuras de tal desgraça. Vejam esses orçamentos sem *activo*; essas existencias á mercê de Deus; essa prostituição forçada e sem edade; esse desespero a generalisar-se; essas fomes curtidas com as humilhações; esses pardeeiros immundos onde se agonisa; essas legiões de creanças lividas, abandonadas ou torturadas, na miseria e no curso do crime; esses operarios aos tombos, de Herodes para Pilatos, no pavoroso espectaculo do *tanto se me dá* dos Felizes e dos que governam; essas mulheres que blasfemam, entre soluços, contra o Pudor e contra Deus!... O que se soffre — aqui, á nossa beira!

*

Agora, chegam a Lisboa crueis noticias de

Italia — e de varios pontos de Portugal *em crise*, Acudir! Acudir!

Que está o M. P. a olhar para mim?!

Como quer que eu restrinja, por fadiga, a leitura de jornaes, devo pedir que não attribuam a menos consideração o meu silencio — *todos* os que se me dirigem, ou inspiram referencias. Certo é que *alguns* nunca obterão citações minhas; esses são os reconhecidamente infames, ou ridiculos; mas só dou explicações a quem direitos apresenta. *Honra ou merito:* já o escreveu o *Acacio.*

Relia eu agora um livro que se prende á minha mocidade e á minha aprendizagem profissional, quando n'elle se me deparou um periodo que eu vou reproduzir. Fallo do «Livro de Critica» (1869), de *Luciano Cordeiro*, um trabalhador, com quem, durante annos, vivi inimizado — porque seguimos, na vida, caminhos differentes e processos antagonicos. O trecho

que eu vou reproduzir diz respeito a *Antonio Pedro Lopes de Mendonça*, um dos *grandes a valer*, da geração passada, — que cumpre isolar de um injusto e estupido esquecimento. Diz assim o autor do «Livro de Critica» :

«. . . Cerebro valente, como poucos em a nossa litteratura contemporanea, imaginação fecunda, esplendida de força creadora e de original idealisação, foi Lopes de Mendonça.

«Coração aberto a todos os sentimentos generosos, cerebro estremecido por todas as ideias revolucionarias e emancipadoras, esthesia delicada, intelligencia expansiva, concepção onde alguma coisa parecia haver da nevrose do Genio, aspirações vastas e vestigios d'esta lucta sombria, oculta, terrivel, que quasi sempre é o prefacio — e quantas vezes epilogo tambem ! — das biographias dos maiores homens : a lucta com a miseria, com as difficuldades da vida, com a indifferença, ou com o sarcasmo, ou com a obscuridade ; estylo em que tudo isto se reflete : vigoroso e irregular, imaginoso e dolente, attingindo, por vezes, uma plasticidade esculptural,

espraiando-se nos esfumados e confusões do esboço, enthusiastico e sarcastico, simpatico e suave, ou verrinoso e severo, — eis em rapidos traços a pessoalidade litteraria de A. P. Lopes de Mendonça, um dos primeiros apostolos talvez, um dos primeiros martyres da revolução litteraria que vae já lavrando surdamente na arte portugueza, estafada na tradição, na imitação e na insciencia.»

*

Escrevia se isto em 1869, ha 40 annos. Certo. É tambem verdade que *Antonio Pedro Lopes de Mendonça* foi um dos raros que ficam, do seu tempo. De hoje, para ámanhã, o que fica, a provocar a admiração alegre do rapazio, vem a ser o M. P. (do 1.º distr. cr. do Porto). — Vá lá uma do esturrinho, meu rapaz, — para aliviar o *sensus !*

O frio tem-se refinado em Lisboa. Para os mal alimentados é, naturalmente, muito mais

sensivel um tal rigor atmospherico. E vae por ahi tanta miseria! E ha tanto retrahimento em acudir! Não, que é preciso dar á Italia, em subscripções e em espectaculos. Que comedia, ao fundo das coisas tragicas! Suspeito que me farão rir dentro do meu caixão...

*

Já se fallou em mandar um principe á Italia — com os soccorros da gente portugueza. Sahiria caro: o sr. D. Affonso, por exemplo, não custaria menos que o auxilio a 100 familias... italianas. Parece que já não irá sua alteza; apenas os rasgos altruistas da *ordem que é rica, sendo os frades poucos*. Ora, ainda bem!

Perguntam-me do Porto — se ha duas humanidades: *uma* que ri da hecatombe da Mandchuria, e *outra* que chora com a de Messina. Ha uma só, acho eu; quando a catastrophe é *obra sua*, está conforme; quando vem da Natureza,

escagarrinham-se as almas. Estás lá, *marquez de Franco!?*

... Pobre M. P. (1.º distr. cr. do Porto), ha meia hora a farejar a minha prosa! Eu já lhe vou ao *sensus* latino e ao *kriterion* grego! Espere ahi o discipulo das tricanas. No entanto, vá, uma pitada de esturrinho!

*

Que não teria feito, se vivesse, a rainha mãe Catharina, — mãe de Francisco II, de Carlos IX e de Henrique III, com sangue perverso nas veias, — com filhos de Medicis e Valois, — com as lembranças dos desdens do marido, e com o proposito de governar o paiz? Que não teria ella feito, na hora presente? Teria empolgado os soccorros, *em nome da religião:* dado que tal fosse a corrente no seu paiz. Ou teria seguido, no caso oposto, o processo contrario. Era um espirito sagaz e forte — o d'aquella rainha. Pertencia ao grupo de Izabel de Inglaterra, de Catharina da Russia e de Maria Thereza d'Aus-

tria. Bom typo dominador! Vá lá outra pitada, ó *do 1.º distr. criminal!*

*

Aquella grande Guilherme II, tão solertemente defendido em *S. João Novo* (1.º distr. cr), está com pouca sorte. O respeitavel soberano não abre a bôca — que lhe não saltem d'ali as gazetas europeias a discutir-lhe a prosa. Não serei eu! Limito me a admiral-o e a sustentar que elle não é bem um Carlos Magno, como eu não sou um Proudhon, nem o M. P. *(1 º distr. cr.)* um Silvestre Pinheiro Ferreira — chavão em Direito, — ás tricanas desconhecido.

O que Deus nos fez!

Está o *kaiser*, Guilherme II, a braços com uma crise financeira. Não ha economias que não adopte o pobre soberano! Até faz desembarcar parte dos marinheiros do seu hiate particular — uma especie do *D. Amelia,* de D. Carlos, que Deus haja, — a fim de realisar poupanças. Es-

cusa o M. P. (1.º distr. cr.) de se afadigar protegendo o pobre *sire:* só um coração tigrino, como era o de *João Franco,* seria capaz de agredir aquelle que se não é Carlos Magno, não tem culpa alguma: como eu de não ser Proudhon...

Como o M. P. (1.º distr. cr.) de não ser senão aquillo que é.

*

Acresce que o pobre *kaiser* deu agora em religioso. Quando as cabeças coroadas se inclinam ao beaterio, sae, quasi sempre asneira, ou pouca vergonha. Exceptua se quando tal cabeça é de pessoa prodente, sensata e honesta — como se está vendo.

Vejam isto, que eu extraio do *Seculo:*

«BERLIM, 12. — Guilherme II assistiu a um serviço religioso em acção de graças pelo sexagessimo anniversario do advento de Francisco José ao throno da Austria, cujo embaixador estava presente. A cerimonia effectuou-se no tem-

plo da guarnição. Finda ella, o kaiser dirigiu uma allocução ás tropas, formadas na esplanada do quartel, e terminou com tres «hurrahs» em honra do imperador d'Austria.

«Os jornaes reproduzem algumas phrases do discurso do kaiser, dirigidas aos soldados austriacos, a quem recommenda que, se porventura, n'estes tempos difficeis, surgirem complicações, encarem o inimigo de viseira erguida, honrem a sua patria e o seu augusto chefe, tendo confiança, n'aquelle que dirige os destinos do mundo e que nunca deixou perder uma causa justa.

«Os jornaes acentuam que a phisionomia do imperador, out'ora sempre sorridente, se mostrou por vezes sombreada de tristeza, durante a cerimonia.»

*

Notem bem:

Os amores do chefe protestante pela Austria, fóco da reacção catholica, tem por fim apagar da Historia a batalha de Sadowa e a expulsão

dó imperio de Francisco José — da Confederação germanica. E' bem mettida. A tristeza do amigo da Austria é que compunge os corações sensiveis: está a gente a vêl-o matutar na hypotese de ambos, os alliados, virem a naufragar em breve — e na circumstancia de a Austria já não valer dois caracoes. E' triste como um sub-delegado gratuito!

*

Das nossas miserias nacionaes nada lhes digo, por hoje. Anda no ar um certo *cheiro a fedor!* Vá lá uma pitada do meio grosso, ó das tricanas discipulo muito amado!...

*

Para ajudar Portugal, que é velho, temos agora os inglezes a contas com a nossa India. Já chamam a Mormugão — um figo!

Diz o *Seculo:*

«Se o nosso governo se descuida mais, o porto

de Mormugão estará em breve nas mãos dos inglezes, o que equivaleria ao aniquilamento total da India portugueza.»

Vamos por partes: o ministro dos estrangeiros é *Boleslau do clarete*, ex-barjonaceo e outra vez dissidente na Regeneração. E' um ricaço passivo — isto é, que não acode a ninguem. Como diplomata, se se discuida mais — tanto peior — para elle!

Aqui é que se não passa sem pitada, ó M. P. *(1.º distr. cr.)!* Tóma!

Deram os jornaes francezes a noticia de se projectar um monumento a Robespierre, em Paris. E' tempo, bem como para os *outros :* Mirabeau, Danton, Vergniaud, St. Just, Desmoulins. Principalmente Mirabeau...

Ah! sim: a corrupção, a venalidade! Conversemos.

*

Conversemos, breve, pois que assim apraz ao

amigo da Incorruptibilidade, que me escreve: — «Não concebo a sympathia de um caracter como o de v. por um homem como Mirabeau, funesto pelo exemplo e execravel pelas tentativas.» Conversemos, pois!

E' certo que, a aceitarmos sem *contrôle* os juizos de Luiz Blanc, de Lamartine, de Cabet, de Ernesto Hamel e, em geral, da *legião* inclinada ás opiniões feitas, quando ellas sejam detratoras, foi bem expulso do Pantheon o seu primeiro hospede,—por immoral transigencia com os inimigos da Revolução. Quando á Assembléa Constituinte, onde não faltavam inimigos e adversarios de Mirabeau, foi communicada a morte do formidavel orador, e o presidente indicou uma commissão para incorporar-se no prestito funebre, os deputados, em massa, gritaram: — «Todos! Vamos todos!» Mas, muito perto do grande homem, podiam ser victimas d'uma illusão...

Tempo ao tempo! Falla Victor Hugo—e diz: «Mirabeau não é um homem; não é um povo: é um acontecimento que falla. Um facto immenso! A queda da fórma monarchica em França.»

Vermorel, — que pagou ás suas doutrinas *(Communa de Paris)* o tributo maximo da sinceridade: dando lhes a vida, — esclarece: — «As *idéas* haviam sido formuladas antes da Revolução e nem uma só das reivindicações mais absolutas, deixara de ser nitidamente expressa por Voltaire, Rousseau, Mably, Turgot, ou Vauban; tratava-se porém de convertel as em *factos*, destruindo o velho edificio escorado por mons truosos abusos *legitimados* pelo costume... Ora, a energia e a audacia para tanto, quem, entre os contemporaneos de Mirabeau, as possuia como elle? Foi o potente impulso de Mirabeau que deu vida a Robespierre, a Danton e aos outros.»

*

Registro, de passagem, a opinião de Michelet. O grande historiador requer, antes de tudo, para discutir e julgar a grande memoria de Mirabeau, um jury composto de homens tão puros, da macula do *odio*, como da mancha da *venalidade*. E declara que são mais raros os primeiros. Pode-se applicar o asserto a *honrados* facinoras nossos,

indifferentes ao ouro, mas sedentos do descredito e do sangue dos outros!

E chego ao juizo definitivo. Concluia Vermorel o seu estudo ácerca de Mirabeau, quando, por M. Alfred Darimon, deputado do Sena, lhe foi communicada uma carta de Proudhon, sobre o *homém da Revolução*, a proposito da *Correspondencia com La Marck*, tão explorada pelos diffamadores. Quem tem ouvidos para ouvir — oiça!

Falla Proudhon:

«Esta correspondencia *(de Mirabeau com o conde de La Marck)* fornece-nos o verdadeiro sentido da Revolução franceza, de 1789 a 1792, de um modo mais eloquente que todos os discursos do grande orador, e contém a justificação d'elle.»

«Demonstrado fica — que o problema a resolver, consoante Mirabeau e Barnave e o proprio Robespierre — e todos, sem excepção, era *o accordo da Monarchia com a Revolução franceza.*»

E' Proudhon quem tal registra. E eu abro o livro de Ernesto Hamel *Historia de Robespierre*, — biographia e apologia do *grande cidadão* de Michelet, e leio :

«A Assembléa inteira era realista e o proprio Robespierra *admittia perfeitamente* um rei cercado das instituições mais liberaes e democraticas.»

*

Foi assim, até ao dia em que as conspirações palacianas, inspiradas e tramadas pela rainha — funesta aos seus, como todas as rainhas que chafurdam na politiquice, com os intrigantes da côrte, — arrastaram o pobre Luiz XVI, ex amigo de Turgot e de Necker, inclinado ás reformas da Equidade — para o caminho da doblez e da traição, tornando urgente o fulminante discurso de Vergniaud (que meus os leitores já bemconhecem) e a consequente queda da realeza.

Mais diz Proudhon :

«N'uma só cousa crê Mirabeau: na Revolução.

«Mirabeau previu, em 89, a demagogia de 93, seguida do despotismo militar.

«A sua obra final (base explorada pela calumnia) consistiu em *revolucionar* a realeza, — convertendo-a ás transigencias impostas pela consciencia humana.

«Inutilmente o tentou o *homem da Revolução.*»

*

... Estas paginas não constituem corpo de doutrina, nem elementos para tanto. São, apenas, uma palestra diaria, ha annos travada, com os meus leitores do norte, — d'essa região que me conheceu rapaz; onde me fiz homem, — e que não tornarei a ver, senão com os olhos da minha saudade... Ponho ponto, por hoje.

«Em julho de 1782, a França e a Revolução estavam em perigo. Havia condensação e com-

binação de infortunios. Os Austriacos avançavam sem resistencia até perto de Straburgo; em Flandres, um general idiota, Lukner, embargava os planos militares de Dumouriez, o unico general habil d'aquelle tempo, ao serviço da França; Lafayette consagrava-se á côrte, que o detestava; na Alsacia, o general Biron mostrava-se incompetente e desanimado. A Bretanha sublevava-se, pelo rei. Pitt iniciava as hostilidades da Inglaterra á França — tão funestas aos dois paizes. As Tulherias, em permanente conspiração, cantavam a derrota do povo. A nação parecia já prevêr a victoria dos devoristas e dos tiranos.

Uma tarde, ao sahirem da Assembléa Legislativa, dois deputados apenas conhecidos—Chabot e Granjeneuve — preoccupados nos acontecimentos, encaminharam-se na direcção do Sena, e ali, junto ao velho Louvre, de sinistras recordações, pararam, e então se produziu o seguinte dialogo, que a Historia recolheu da narrativa de um d'elles.

— Como vês, o momento é decisivo, disse Granjeneuve, depois de examinarem a situação. O povo perde o enthusiasmo; dentro em pouco

perderá a confiança nos seus defensores e a fé no futuro. Não te parece?

— Não ha duvida. E o remedio?

— Havia um: — Vergniaud fallar. Mas não ha contar com esse homem. Passa a vida em amores e em distracções artisticas. E' pena, porque só um discurso de Vergniaud salvaria *a patria em perigo.* Mas descobri outro recurso.

— ?!

— Logo, de noite, eu espero aqui n'este sitio. E' solitario, quando fóra d'horas. Tu arranjas um malfeitor, a quem pagas; trazel-o comtigo Eu não me defendo; elle mata-me. Percebes?

— E depois?

— Espalhas que foi a Côrte quem me mandou assassinar; e ahi temos sublevado e animado o povo.

Era tal a expressão de firmeza d'aquella phisionomia, que Chabot limitou-se a dizer:

— Pois sim; virei.

Foi d'ali procurar Vergniaud, e contar-lhe tudo.

Ouviu-o o grande orador e, envergonhado, ao

comparar com tal stoicismo e dedicação a sua propria indolencia, disse :

— Podes garantir ao nosso collega Granjeneuve que fallarei, como é urgente. Peço-lhes apenas tres dias.

Noite já, e vae Chabot ao local, onde o esperava e á Morte, Granjeneuve. Dirige-se jubiloso ao homem que esperava, e diz-lhe :

— E' inutil o sacrificio. Vergniaud vae fallar.

Simples palavras de Granjeneuve :

—« *Talvez fosse melhor o que eu propunha.*»

*

Vão lêr o discurso. Eu limito-me a dizer, com o historiador :

«Que podia fazer a Monarchia, contra similhantes homens ?»

O DISCURSO

Cidadãos! dirijo-me a vós e pergunto-vos : Que extranha situação é esta em que se acha a Assemblea ! Qual é a fatalidade que nos persegue, marcando cada dia por alguns aconteci-

mentos que, introduzindo a desordem nos nossos trabalhos, nos impelem constantemente para a agitação tumultuosa das inquietações, das esperanças e das paixões? Qual é o destino que prepara á França essa terrivel efervescencia, no seio da qual quasi que duvidamos se a revolução retrograda, ou caminha para o seu termo?!

Quando parece que os nossos exercitos do Norte fazem progressos na Belgica, vemol-os repentinamente retirar-se em frente do inimigo, trazendo a guerra para o nosso territorio. Entre os desgraçados Belgas sómente se conservará de nós a memoria dos incendios que tiverem alumiado a nossa retirada. Do lado do Rheno, os Prussianos accumulam se incessantemente sobre as nossas fronteiras descobertas. Porque é que, mesmo no momento d'uma crise tão decisiva para a existencia da nação, se suspende o movimento dos nossos exercitos, e, por uma prompta desorganisação do ministerio, se quebram os laços da confiança, e se entrega a salvação do imperio ao acaso e a mãos inexperientes? Será verdade que se receiam os nossos triumphos? Deseja-se o sangue do exercito de

Coblentz, ou o do nosso? Se o fanatismo do clero nos ameaça de nos fazer victimas da guerra civil e da invasão, qual é a intenção d'aquelles, que com uma obstinação invencivel, se recusam a sanccionar os nossos decretos? Querem reinar sobre cidades abandonadas e em campos devastados?

Qual é, com exactidão, a quantidade de lagrimas, de sangue, e de mortos que baste para a sua vingança? Onde estamos nós finalmente? Meus senhores, cujo valor os inimigos da constituição se lisonjeiam de ter reprimido: — vós, cuja consciencia e probidade elles tentam assustar quotidianamente, qualificando o vosso amor da liberdade por *espirito de facção*, como se vos houvesseis esquecido de que uma côrte despotica e os covardes heroes da aristocracia deram este nome *faccioso* aos representantes que foram prestar juramento ao Jogo da Pella, aos vencedores da Bastilha, e a todos quantos fizeram e sustentaram a revolução: vós, que sois caluniados, pelo simples facto de não pertencer á raça que foi reduzida a pó pela Constituição: vós, em quem não esperam encontrar cumplices os des-

graçados que pedem a honra infame de se rojarem diante d'essa raça: vós, a quem pretendiam alienar do povo, porque se sabe que o povo é o vosso apoio, e que, se desertasseis criminosamente da sua causa, merecereis ser abandonados por elle, e lhes seria então facil dissolver vos: vós a quem pretenderam dividir, mas que adiaes para depois da guerra as vossas divisões e pendencias, não vos parecendo agradavel o aborrecer-vos mutuamente, e preferindo a esse jogo infernal a salvação da patria: vós, a quem pretendem assustar por meio de petições armadas, como se não soubesseis que no começo da revolução o sanctuario da liberdade foi cercado pelos satelites do despotismo, Paris sitiado pelo exercito da côrte, e que esses dias de perigo foram os dias de gloria da nossa primeira Assembléa: vou, emfim, chamar a vossa attenção sobre o estado de crise em que nos encontramos.

Estas desordens intestinas teem uma causa: manobras aristocraticas, e manobras sacerdotaes, todas tendem para o mesmo fim, isto é, para a contra-revolução.

O rei negou-se a sanccionar o nosso decreto ácerca das ordens religiosas. Não sei se o sombrio genio de Medicis e do cardeal de Lorena caminha ainda errante pelas abobadas do palacio das Tulherias, e se o coração do rei é atribulado pelas idéas phantasticas que lhe sugerem, mas, sem lhe fazer injuria, e sem o acusar de ser o inimigo mais perigoso da revolução, não é permittido acreditar que elle queira animar pela impunidade as tentativas criminosas da ambição sacerdotal e dar aos orgulhosos apoios da thiára o poder com que tem egualmente oprimido os povos e os reis; sem lhe fazer injuria, e sem o declarar o inimigo mais cruel do imperio, não é permittido acreditar que elle se compraza em perpetuar as sedições, em eternizar as desordens que o precipitariam na sua completa ruina, por meio da guerra civil. Concluo, pois, que, se resiste aos vossos decretos, é porque se julga muito poderoso para manter a paz publica, sem dependencia dos poderes que lhe offereceis. Portanto, se não é mantida a paz publica, se o fanatismo continúa a ameaçar com o incendio do reino, se as vio-

lencias religiosas continuam a assolar os departamentos, é porque os proprios agentes da auctoridade regia são a causa de todos os nossos malês. Pois bem, respondam elles com a cabeça por todos os disturbios a que serve de pretexto a religião; n'esta responsabilidade terrivel, mostrae o termo da vossa paciencia e das inquietações da nação!

A vossa solicitude pela segurança exterior do imperio aconselhou-vos a decretar um acampamento em Paris, onde todos os confederados da França deviam apresentar-se no dia 14 de julho para renovarem o juramento de viver livres, ou de morrer. O sopro envenenado da calumnia manchou este projecto; o rei negou-se a dar sanção ao decreto. Respeito muito o exercicio d'um direito constitucional, e por isso não vos proponho que torneis os ministros responsaveis por tal recusa; mas se acontecer que antes de seunirem os batalhões, o solo da liberdade fôr profanado, deveis tratal-os como traidores. Cumpre que elles mesmos sejam arrojados ao abysmo que a sua incuria ou malevolencia tiver aberto debaixo dos pés da liberdade; rasguemos,

finalmente, a venda com que a intriga e a adulação cobriram os olhos do rei, e mostremos-lhe até onde alguns amigos perfidos se esforçam por o conduzir!

E' em nome do rei que os principes francezes levantam contra nós as côrtes da Europa; é para vindicar a dignidade do rei que se concluiu o tratado de Plinitz; é para defender o rei que vemos marchar para a Allemanha, debaixo do estandarte da rebellião, as antigas companhias dos guardas do corpo; é para auxiliar o rei que os emigrados se alistam nos exercitos austriacos e se preparam para despedaçar o seio da patria; é para se reunirem a esses *valentes guerreiros da prerogativa real* que outros abandonam os seus postos em frente do inimigo, traindo os seus juramentos, roubando as caixas militares, corrompendo os soldados e collocando d'este modo a sua honra na covardia, no perjurio, na insubordinação, no roubo, e nos assassinios; o nome do rei, finalmente, figura em todos estes desastres.

Ora, na Constituição, leio o seguinte:

«Se o rei se collocar á frente d'um exercito, e

o dirigir contra a nação, ou se, por um acto formal, não se opuzer a uma tal empreza executada em seu nome, entender-se-á que abdicou.»

Fôra inutilmente que o rei responderia:

«E' verdade que os inimigos da nação pretendem que obram unicamente com o intuito de levantar o meu poder, mas eu provei que não era seu cumplice: obedeci á Constituição: puz os exercitos em campanha; é verdade que esses exercitos eram muito fracos, mas a Constituição não determina a fôrça que eu devia dar-lhes; é verdade que os reuni muito tarde, mas a Constituição não marca o tempo em que me cumpria reunil os; é verdade que alguns corpos de reserva os poderiam auxiliar, mas a Constituição não me obriga a formar acampamentos de reserva; é verdade que quando os generaes avançavam sem resistencia pelo territorio inimigo, lhes ordenei que retrogadassem, mas a Constituição não me impõe a obrigação de ganhar victorias; é verdade que os meus ministros illudiram a Assembleia nacional, ácerca do numero e da disposição das tropas, e da maneira porque es-

tavam apercebidas, mas a Constituição dá-me o direito de escolher os meus ministros, não me determina que dê a minha confiança aos patriotas e que despeça os contra-revolucionarios; é verdade que a Assembleia nacional promulgou os decretos necessarios para a defeza da patria, e que me recusei a sancional-os, mas a Constituição garante-me essa faculdade; é verdade, finalmente, que se opera a contra-revolução, que o despotismo vae entregar nas minhas mãos o sceptro de ferro, com que eu vos esmagarei, que vos punirei por terdes tido a insolencia de querer ser livres; mas tudo isto se faz constitucionalmente, e de mim não emanou acto condemnado pela Constituição: portanto, não é permittido duvidar da minha fidelidade para com a Constituição e do meu zelo em a defender.»

Se fosse possivel, meus senhores, que nas calamidades d'uma guerra funesta, nas desordens d'um movimento contra-revolucionario, o rei dos Francezes nos fallasse esta linguagem irrisoria, se fosse possivel que elle nos fallasse do seu amor pela Constituição, com uma ironia

tão insultante, não estariamos no direito de responder-lhe?

«O' rei, que, como o tirano Lysandro, acreditastes que a verdade valia tanto como a mentira, e que cumpria divertir os homens com juramentos, do mesmo modo que se entretém as creanças com brinquedos e passatempos; que simulastes amar as leis para conservar o poder que vos sorviria para as afrontar; que simulastes ter amor pela Constituição, para que ella não vos precipitasse do throno, onde carecieis de vos conservar, para a destruir; que fingeites amar a nação, para dar segurança ao successo das vossas perfidias, inspirando-lhe confiança: Julgaes que nos illudis hoje com promesssas hypocritas? Entendeis que nos fazeis duvidar da verdadeira causa das nossas desgraças, pelo artificio das vossas desculpas, e pela audacia dos vossos sophismas? Será defender-nos opôr ás tropas estrangeiras algumas forças, cuja inferioridade não permittia que se duvidasse da sua derrota?

Será defender-nos não admittir os projectos tendentes a fortificar o interior do reino, ou

fazer preparativos de resistencia para a epocha em que já seriamos victimas dos tiranos? Será defender-nos não vos opôrdes a um general que violava a Constituição, e lançardes grilhões ao valor dos homens que a serviam? Será pugnar pela nossa defeza paralisar constantemente o governo pela desorganisação continua do ministerio? A Constituição permitte-vos a escolha de ministros para nossa ventura, ou para nossa infelicidade! Constituio-vos chefe do exercito para nossa gloria, ou para nossa vergonha? Deu-vos, finalmente, o direito de sanção, uma lista civil, e tantas outras grandes prerogativas, para perder constitucionalmente a Constituição e o imperio? Não, não, não, homem que a generosidade dos Francezes não poude commover, homem a quem sómente poude tornar sensivel o amor do despotismo: vós não cumpristes os desejos da Constituição; talvez que ella venha a ser destruida, mas não recolhereis o fructo do vosso prejurio. Não vos opozestes por um acto formal ás victorias que foram alcançadas em vosso nome sobre a Liberdade, mas não gosareis o fructo d'esses indignos triumphos. Já nada

....

sois para essa Constituição, que indignamente haveis violado, nem para este povo, que tão covardemente haveis atraiçoado!»

Como estes factos que deixo referidos estão ligados com muitos actos do rei; como é certo que os falsos amigos que o cercam estão vendidos aos conspiradores de Coblentz, que ardem em desejos de perdel o, com o intuito de collocar a corôa na cabeço d'algum dos chefes da sua conspiração; como é importante para a sua sua segurança pessoal, tanto como para a segurança do imperio, que o seu procedimento não desperte suspeitas, proponho que se dirija uma mensagem que lhe lembre as verdades que acabo de proferir, e que n'ella se lhe prove que a neutralidade que conserva entre a patria e Coblentz seria uma traição para com a França.

Peço tambem que declareis — a Patria em perigo. Vereis que a este signal de rebate, se reunirão todos os cidadãos, que a terra se cobrirá de soldados, e que se renovarão os prodigios que cobriram de gloria os povos da antiguidade. Os francezes regenerados de 1789 já

não tem patriotismo? Não chegou o dia de reunir todos aquelles que estão em Roma e no monte Aventino? Esperaes que, cançados das fadigas da revolução, ou corrompidos pelo habito de se ostentarem no palacio do rei, alguns homens fracos se costumem a fallar da Liberdade sem enthusiasmo, e de escravidão sem horror? O que é que nos preparam? Quer-se estabelecer o governo militar? O paço é suspeito de projectos perfidos; manda fallar em movimentos militares, em leis marciaes, e que se familiarise a imaginação com o sangne do povo. O palacio do rei dos Francezes converteu-se de repente n'uma praça de guerra; mas onde estão os inimigos? Contra quem se apontam a artilharia e as baionetas? Os amigos da Constituição foram demittidos do ministerio. As rédeas do imperio conservam-se fluctuantes ao acaso, no momento em que era necessario, para as sustentar, tanto vigor como patriotismo. Fomenta-se a discordia geral, o fanatismo triumpha, a conveniencia do governo augmenta a audacia das potencias estrangeiras, que vomitam contra nós exercitos e grilões, o que esfria a

simpathia dos povos, que ocultamente fazem votos para que trinmphe a Liberdade. Estas cohortes inimigas agitam-se, a intriga e a perfidia tramam traição. O corpo legislativo opõe a estas conspirações alguns decretos rigorosos, mas necessarios; a mão do rei rasga-os. E' tampo ainda. Chamae todos os Francezes para salvar a patria; mostrae lhes toda a immensidade do abismo. Não lhes cabe fazer um esforço extraordinario; vós é que deveis preparal-os para tal esforço, por um movimento electrico, que se communique a todo o imperio. Imitae vós mesmo os Espartanos das Termopilas, ou esses anciãos respeitaveis do senado remano, que foram esperar ao limiar das suas portas a morte, que lhes traziam á patria ferozes vencedores. Não careceis de fazer votos para que nasçam os vingadores d'entre as nossas cinzas. No dia em que o vosso sangue tingir a terra, a tirania, o seu orgulho, os seus palacios e os seus protectores desaparecerão para sempre diante da omnipotencia nacional e da colora do povo!

O sr. Paulo Osorio publica um livro intitulado *Camillo — a sua vida — o seu genio — a sua obra.* E' um bom e bello trabalho de investigação aturada e intelligentissima e de manifesta sinceridade. Digno tributo á incomparavel memoria do «grande homem de genio a quem o livro se consagra.»

Traz o volume um primoroso retrato de Camillo Castello Branco. Não me é indifferente, como, em regra, o são taes ornamentações. Confesso ter já, n'estas breves horas decorridas após a vinda de *Camillo*, aberto muitas vezes o livro — para fixar o retrato. E' Elle — o que mais alto, dia a dia, se nos apresenta — á maneira que decrescem tantos outros.

Não me offerece novidade, em factos, o texto da obra a que eu alludo. O criterio do auctor — sim: original e seguro. Rezumirei o meu sentir pessoal, ácerca dos tributos a Camillo. Acontece-me, por vezes, que o meu companheiro em admiração carinhosa é um adversario, e então, ao produzir-se a sua homenagem ao Maior de Todos, eu sinto, profunda e inilludivel-

mente — que tudo lhe será perdoado, pois que o admirou e amou.

*

A' maneira que decrescem tantos outros — deixei eu dito. Resalvo, por honra propria, a minha intenção, tratando-se de Eça de Queiroz. Esse foi admirado, que o sei, pelo proprio Camillo, — apezar de provocações directas, a que o sr. Paulo Osorio se refere com profunda sensatez — e que felizmente não tiveram *seguimento*... infelizmente para as origens do embargo: a enfermidade do Grande Romantico. O que a Litteratura Portugueza deve a Eça de Queiroz não é apenas um punhado de obras primas de observação e de factura; é, como judiciosamente observa o sr. Paulo Osorio, a conservação dos creditos do Naturalismo em Portugal. Mal sabem o que isto seja os benedictinos que o eonsideravam *um cantor das nossas glorias*, — sem fallar do senhor d'Avila, que o classificou em *estylo*, rival de Stendhal — o declarado inimigo do que tal coisa seja!

O sr. Paulo Osorio fixa os pormenores da glorificação do Brazileiro, por Eça de Queiroz, 14 annos volvidos sobre a *éreintage* do mesmo typo, pelo mesmissimo escriptor, nas *Farpas*. E' de justiça. Mas a demonstração do estudo e do criterio do moço escriptor avulta e firma-se no exame da ascandencia de Camillo e nas suas conclusões sobre a *histeroneurasthenia*, que lhe deu todas as suas amarguras, com toda a sua superioridade.

*

Bello trabalho! Faz gosto ver assim condensados n'uma applicação elevada e nobre, de uma real utilidade para a Critica, — não confundir com as caricias, nem com os coices dos amigos e compadres e dos rufiões invejozos — a mocidade trabalhadora, grave e honestamente opposta ao videirismo cynico e garotal. Ainda bem que, na vasta clareira deixada pelos Grandes, surgem de quando em quando vocações robustas, promettedoras e já de gloriosa fertilidade! E ainda bem que o réles espirito da poli-

tiquice não tem ali entrada — na clareira que é dos livres, dos fortes e dos crentes! E nada mais lhes digo.

Lança-se mão de um jornal bem e largamente informado e fica-se grato ao Destino, por se ter nascido Portuguez: ou isto ou Cafre! Eu me explico.

I

Macau. Principiamos, já, pelo visto, a apanhar tiros dos chinezes. Até d'estes! E' o mesmo que se um buraco nos furasse.

No entanto em Port Said, o cruzador «D. Amelia» trata das unhas encravadas. Os restantes estão em semicupio.

A vêr! como dizem os vaqueiros ás chavelhudas!

II

O Relatorio do inspector geral dos impostos:

Lá continúa a desenrolar-se no «Seculo». E' boa peça de philosophia e de moral. Adiante!

III

Os operarios sem trabalho cada vez berram mais. E' fome. Ella mesmo lhes tirará forças para berreiro: descançam as digestões dos festejos!

IV

Diz me um negociante do Porto, que estão iminentes muitas falencias.

Credo. Tudo quebra: o juizo, a vergonha, a fortuna, etc.

*

Um jornal de Braga, noticiando o nascimento de uma creança diz:

— «Desejamos felicidade á *galante* menina.»

E porque não *virtuosa*, freguez!?

Esta, do «Mundo», regalou-me;

Telegramma do Porto para o «Diario de Noticias»:

«Foi julgada e condemnada em multa a leiteira Maria Rosa Quelhas, por vender leite prejudicial á saude, e foi pronunciada e prestou fiança a leiteira Rosa Santos, acusada egualmente de vender leite falsificado.»

Decedidamente não serviu de nada a mensagem e o *bouquet* que as leiteiras offereceram á sr.ª D. Amelia de Orleans, na vespera do seu regresso do norte, para que lhes fossem perdoadas as multas, pela venda do leite falsificado.

Os juizes, pelo menos, continuam a malhar n'ellas como em centeio verde.

... Grandes porcas! Grandes ladras! Cheguem-lhes!

*

Nas gazetas de hoj:

CHAMBERY, 20. — Foi n'esta cidade que falleceu hontem o cardeal Lecot, arcebispo de Bordeaux.

O cardeal chegou ás 7 horas da noite, vindo de Roma. Foi hospedar-se n'um hotel, onde jantou, parecendo de perfeita saude. Em seguida ao jantar, subiu para o seu quarto e ali alguns instantes depois teve uma sincope e cahiu.

Accudiu logo um medico, o qual verificou que o ataque era uma hemorragia cerebral. Foram inuteis todos os cuidados que lhe prestarsm.

O cardeal succumbiu ás 9 horas e meia da noite.

... Que seria? Que não seria? aquella que o sabe está calada.

Aterrado pelo que leu em referencia á catastrophe recente na Italia, apresenta-me *um patricio* a seguinte impertinencia:

— «E agora diga v. se haverá Deus e vida eterna!»

Eu já lhe disse — que tanto sei da materia como os moços da esquina, os delegados do P. Regio e os cardeaes. Não temos nada com isso, a não ser os que fazem o bem — por medo e

por combinação. O caso é auxiliar os que de auxilio precisam.

Além d'isso, se vamos a pensar, muito tempo, nos *casos mysteriosos*, quem ha de limpar os canos, fazer botas, governar as nações, e redigir e interpretar os codigos?

E com licença do M. P. (1.º distr. cr. do Porto) quem ha de ir á missa?

E onde está o *Luiz José Dias*—para dizel-a?

Chegou-me aqui, dois mezes haverá, um livro que eu só agora tive occasião de ler. «E' «O Imposto de sangue» um romance social do sr. Arthur Doria. Bello assumpto e bella discussão! Era-me desconhecido o auctor do livro, litterariamente, mas torna-se-me inolvidavel — mercê do seu honrado e intelligente labor. Experimento, n'esta hora, a suave impressão que deve incutir-nos o cumprimento de um acto de justiça. Bemvindo á minha meza de trabalho o livro do sr. Arthur Doria!

A acção deslisa cortada de soluços dos inno-

centes torturados: das victimas do *serviço do rei* — do *serviço da patria.* Subitamente, a alma indignada do romancista revolta-se n'um frémito de que lhes dou um specimen — chamando para elle a attenção dos intelligentes e bons.

Diz o sr. Doria:

«Que patria é a patria que nos faz mal? — tal a logica dos camponios. E que logica formidavel!

«Quem faz a lei, quem a desfaz, quem a despreza, quem vende mercenariamente alimentos-venenos, enriquecendo; quem reclama o imposto, a servidão, o sacrificio; quem usa da exploração, civilisada e impura, de especulações de Bolsa, de agencias pseudo commerciaes; quem desperdiça dinheiros da nação, vivendo luxuosamente, a par e passo que pequenos criminosos apodrecem na Penitenciaria ou transitam para Rilhafolles: — todos, com a mão na consciencia, imbecis e hipocritas, ladrões e troca-tintas, todos á uma lembram — o amor da patriá!

«Extraordinaria maneira de Falperra indigena, a patria tremúla ao de cima de todas as poucas vergonhas e, purificada como triste ba-

chante, sempre indulgente como Hillel, cobre toda a especie de bandoleiros, — a quem uma risonha creança arremessa beijos reaes!

«Patria!

«Que é isso, se houve, em todos os tempos, quem a combatesse, quem, rei, a vendesse e a envolvesse em luctas estereis?!

»Patria!

«E desperdiçam-se dinheiros, torpemente, em fornecimentos phantasticos de viveres, munições, fardamentos, couraçados; gasta-se o suor do povo em adeantamentos á realeza!

«Patria!

«E ha officiaes que se negam a partir para as nossas possessõe, porque, seguindo a carreira das armas por interesse, nunca por patriotismo, a patria lhes garante vida facil e honrarias, no continente!

«Patria! patria!

«E governantes são avaros de pão para com os que o não teem, estrangulam a liberdade, violam direitos, mandando espingardear o povo, encafuando o povo na Bastilha!

«Patria! patria! patria!

«Ministros, rei, padres, generaes, capitalistas, damas de virtude: — abaixo as mascaras, abaixo!...

«Patria! — somos nós todos, os amordaçados, os explorados, os batidos... Mas, ha outra, — a falsa: — a dos ricos, dos que não pégam em armas, dos que applaudem o assassinio, dos que exigem guardas de honra nas suas festas de egreja; dos que ajustam casamentos como juntas de bois; dos que, sem calejarem o cerebro ou as mãos, fazem boas digestões; dos que, visitando quarteis, se limitam a provar o rancho; dos que arrebanham mancebos aos vinte annos; dos que, em *rendez-vous* de gran-cruzes, medalham expedicionarios, consentindo depois que elles estendam a mão á caridade...»

*

Estou-me lembrando, agora, dos milhares de pagiuas em que dezenas de literatiços diariamente afirmam o cio, a estupidez e a faita de coração e de nervos. *Não teem astumpto!*

Obrigado ao auctor do «Imposto de sangue!»

. . . .

Quero hoje ceder a palavra, n'esta columna, a um nobre espirito de republicano sincero e digno de respeito dos intelligentes e bons. Refiro-me ao nosso collega do «Combate», da Guarda, o sr. José Augusto de Castro. Reproduzo o final da sua eloquente saudação a Jesus a proposito do Natal. Diz o illustre e digno jornalista :

Canalha!

Jesus pertence-te. Arranca-o das Synagogas onde os negreiros da vida t'o mostram como symbolo de terror, d'escravidão e de morte.

Que elle venha para o meio de ti, não para o confisco do que possues e para os tributos infames em favor da opulencia e do parasitismo ostentados por algumas centenas de facinoras...

Não para te reduzir á obediencia aos malvados que te exigem o pão necessario aos teus filhos...

Não para dar a mão a tuas filhas levando-as a caminho das superstições e do fanatismo, a caminho dos serralhos chamados conventos...

Não para te ensinar o odio e o assassinio, por meio d'essa ignominia chamada militarismo...

Não para te condemnar a uma vida horrorosa de soffrimento e miseria, pelo regimen nefando da distribuição da terra, pela exploração do trabalho, pelo bandidismo das hordas fabricadoras das leis e arvoradas em governos, constituindo esse machinismo que se chama pomposamente o Estado, mil vezes criminoso, mil vezes monstruoso...

Que elle venha, sim, mas para te ensinar mais uma vez aquella sua sublime doutrina de amor e de perdão, aquella sua sublime doutrina de revolta contra o pharisaismo escravisador, explorador e assassino!

Jesus pertence á democracia, Jesus pertence ao povo escravisado, ao povo explorado, ao povo martyr e victima.

Jesus pertence áquelles com quem conviveu, com quem se identificou e não áquelles que o cricificaram.

Jesus pertence aos que *soffrem perseguições por amor da justiça*, aos que *choram*, aos que trabalham e teem fome.

Reivindiquemol-o! Precisamos arrancal-o dos altares das Synagogas e erguel-o nos altares da Liberdade, não de mãos pregadas na cruz e cabeça cahida na immobilidade da morte, mas gracil e risonho, sustendo nas mãos immaculadas a ave santa do amor que tenta espanejar as azas brancas sobre a humanidade, redemida de todas as maldades, de todos os despotismos.

Precisamos de trazel-o para fóra dos Synhedrios, para onde o não babugem todos os dias os vendilhões, para onde o pharisaismo o não incense com o mesmo turibulo com que incensa despotas e algozes, para onde não possa estender-se a mão aos *trinta dinheiros* da traição.

Jesus é do povo, não é da casta sacerdotal, quer esta se chame pharisaismo como ha dois mil annos, quer se chame jesuitismo como actualmente.

Reivindiquemol-o para o povo, para nós, para a democracia, para a liberdade, e levantemos em meio do povo a sua imagem, não suspensa do madeiro do suplicio, fria e inerte, dizendo a maldade dos que o supliciaram, mas sentado na

falda das montanhas verdes, á sombra dos sycomoros, doce figura de evangelisador, rodeado de creanças, fitando o com olhos risonhos e curiosos, rodeado das mães acariciantes, rodeado dos pobres e dos doentes, dos orphãos e dos desprotegidos, dos escravos e dos perseguidos, rodeado da turba desprezada e aviltada que então, como hoje, a linguagem official e aristocratica classificava de *canalha.*

*

O sr. D. Manoel, rei de Portugal, tomou a iniciativa de uma subscripção em favor .. dos italianos.

E tanta miseria entre nós!... Lá está o M. P. (1.º distr. cr. do Porto) a arregalar o olho e ouvidos! Vae uma pitada?...

Dizia-me ainda agora — aqui, na travessa da Palmeira, 35 — um meu velho amigo, diplomata em goso de licença:

— «O nosso Portugal está apresentando uma

feição originalissima: em todos os paizes onde as instituições monarchicas são combatidas, defendem-as os monarchicos. Entre nós, são elles quem as derruba. E' tocante e é macabro: é unieo!»

Ha muito tempo que somos *unicos.*

Grande inquietação, em Inglaterra, á conta dos armamentos navaes da Allemanha! *John Bull* hesita, qual burra de Balaão, entre as duas medidas: — ou declarar já a guerra á Allemanha, ou proceder a novissimos e exhaustivos armamentos. No primeiro caso tem medo pelos coiros, no segundo tem escrupulos pela bolsa.

No entanto, chama *perfida* á Allemanha. A *innocente pirata!*

Se em logar do Allemão estivessemos nós, não faltariam bravatas dos chocolateiros humanitarios. Tudo se paga n'este mundo...

*

Lembra-me o caso da rica imprensa franceza chamar *ladrões de relogios* aos Prussianos de 1870. Que dlremos nós e todos os povos europeus — sobre quem fizeram mão baixa as hostes napoleonicas ?!

Não ha grandes povos, nem grandes homens. Só Deus é Deus...

Do *Diz-se*, d'*O Mundo*:

«— Que o sr. Wenceslau de Lima não fará opposição ao gabinete Telles, mas tambem o appoiará.

«— Que, se os santos e santas da côrte do ceu o não impedirem, o sr. Wenceslau de Lima fará, no parlamento, um discurso historiando a crise, e em seguida fará uma viagem pelo estrangeiro.

«— Que, n'esse discurso, o sr. Wenceslau de Lima procurará demonstrar que o ministerio que acaso constituisse não tinha côr palaciana.»

. . . . , . . .

... *Boleslau do clarete* foi um mau sonho. Desfez-se, suma se e cale-se. E adeusinho!

*

Rumoreja aquelle Veuillot de greda, que faz as delicias dos parvajolas beatos e das respectivas croias, — que a vontade real está acima de todas as disposições da terra e que só lhe é superior a vontade de Deus — e que este o quer e o diz pela voz da Egreja.

Ora, justamente, abro, n'este momento, um livro intitulado *A Fgreja catholica vingada da calumnia de favorecer o despotismo*. E' auctor da obra o rev. L. Sabatier. conego de Montpellier. A edição é de 1841, d'aquella cidade.

Leio, a pag, 6:

— «Despota é o principe que pensa em governar, despresando as leis; que arvora em suprema regra a sua propria vontade; que se arvora em poder absoluto e independente de Deus e dos homens; que se permitte actos de orgulho, e de crueldade, calcando aos pés as instituições de

de todo um povo, para sustentar o arbitrio caprichoso e revoltante.»

*

Apparece agora um livro negando a existencia de Jesus. Vem no coice do sabio da *loucura*, e ha suspeitas de que não é extranho á obra o abuso da pinga. O factor principal deve ser, como no outro, a infamissima exploração do escandalo, pela provocação de correctivos. O que não mata engorda... os sem vergonha, e a época é do *venha a nós!*

---

14 de abril. — Dizia-me ha uns 30 annos, Camillo Castello Branco, em *Bibliografia* de Chardron:

— «Não lucte com o colosso da sociedade: vem a quebrar os braços!»

Ha 30 annos. Os braços não estão quebrados;

mas estão muito *doridos*. Que diz o filho mais velho do João Lobo de Cerva?

*

Faço agora 61 annos. Deixaria cá, se partisse, umas *vinte mil paginas*, em 60 volumes e em montões de gazetas. Perdi, de ha muito, o habito de rir e o de chorar: espero — sem impaciencia e sem temor.

Considero-me *em credito*. Fui roubado, trahido, difamado; professei o culto do caracter, da intelligencia, do trabalho e do sacrificio; não me lembro de compensação nem de recompensas *do coração*. Que dirá o neto mais novo de Victor de Mondim?

O Ega, testemunha do Carlos da Maia, ao Damaso Salcede *(Os Maias)*:

— «Ou você declara que é um bebado, ou apanha escarros na cara!»

E o Damaso:

— «Pois sim, filho. Sou um bebado e filho de borrachões. Arre!»

Taes são *elles* — os Damasos!

*

Escreve-me o sr. *Nunes* — que a Caridade não tem patria.

E' velho como os *Nunes* e os *Pares*.

Mas é por isso que a Caridade, a existir entre nós e a querer exercer-se, escusava de ir á Italia, havendo tanta miseria em Portugal.

Pois não é assim, M. P. (do 1.º do Porto?!)

*

O sr. *Marquez de Franco* não quiz ir ao Paço, mas mandou 600 mil réis.

Do que é seu. Mas, deu mais pela *chave*.

*

Expliquem-me isto:

O *João Franco*, mata-gatos, em Coimbra, foi,

mais tarde, quando ministro, com o *Carlinhos*, tosa-padres, em Lisboa. Pois em geral os padres são por elle, incluindo o sr. Senna Freitas, victima illustre do *malfeitor !*

Muitas e profundas prégas tem a sotaina !...

*

Telegramma :

«Madrid.—O conde de La União, que foi ha poucos dias a Lisboa, trouxe para Affonso XIII cartas autographas do rei de Portugal e uma bengala que pertenceu ao rei D. Carlos e que a senhora D. Amelia offereceu ao soberano hespanhol.»

... E para isto se inventou o telegrapho ! E não ha de haver terramotos !

*

«Londres, 9.—Falleceu o philantropo inglez Wood. Deixou seis milhões e meio de libras, para os hospitaes do Reino Unido.»

Este sim: não foi á Italia soccorrer, quando tinha ao pé de si o soffrimento.

Na imprensa de Lisboa:

«Berlim. — Os jornaes continuam a commentar, com mais ou menos vivacidade, o ultimo discurso do imperador. A *Freissinnige Zeitung* diz que os centros militares não occultam o seu desgosto contra o Kaiser e que em muitos officiaes superiores se nota uma accentuada hostilidade dirigida principalmente ao papel de Guilherme II na politica externa do paiz.»

... Pois sim, mas têem um baluarte em S. João Novo, no Porto.

Arruinado como os edificios de Messina, depois do terramoto!

Adubado como a sobre-casaca do marquez de Franco!

Mas muita dedicação. E' verdade—que pouca intelligencia!

Deus o quer.

*

Todos os dias, no *Seculo* :

«Trapo. — Compra-se qualquer porção, bom para limpeza de machinas Nas officinas do *Seculo* das 11 ás 4.»

... Não se agite o sacristão. O trapo tem de ser limpo.

*

Aquelle idiota, que dá como um castigo de Deus a catastrophe na Italia faz-me recordar do seguinte :

Na sua mocidade, Rochefort compoz um soneto consagrado á Virgem Maria. Era elle já um quarentenario, quando teve com Paulo de Cassagnac um duelo á pistola. Succedeu-lhe que uma sua creada, devota, aterrada pela hypothese de uma desgraça, o obrigou, — como as mulheres obrigam, — a pendurar ao peito uma medalhinha de chumbo — coisa de devoção. A bala de Cassagnac bateu na medalha, e Rochefort

salvou-se, pois que o seu terrivel adversario não atirou segunda vez.

Observação solemne de Luiz Veuillot, no *Univers* :

— «Tóme nota, sr. Rochefort! Está pago o soneto á Virgem. Agora, cuidado com a lingua!»

E' de bréjeiro!

Em vesperas de celebrar-se, na Italia, o 50.º anniversario da independencia nacional, os reaccionarios de Milão tratam de inaugurar um monumento a Napoleão III O pretexto é o auxilio que elle prestou á Italia, contra a Austria, em 1859; o *facto* que motiva tal provocação aos liberaes é o auxilio que o facinora de *2 de dezembro de 52*, liquidado em Sédan, prestou em Roma, ao papa Pio IX, contra Garibaldi, em homenagem ás devotas das Tulherias.

Não vae propicia a epoca á ereção de *monumentos provocadores;* mas, emfim, se taes provocações são uteis á exploração justiceira, que venham, pois que Deus escreve direito por linhas tortas.

*

Acabava eu de formular o que ahi fica e eis que leio no *Seculo*, de hoje, as seguintes linhas que fecham o seu artigo de fundo, ácerca das nossas miserias caseiras:

«Tanto peor para os que não querem vêr que os velhos tempos não voltam e que, se do mal se podem tirar vantagens ellas não serão, decididamente, para os que atropelam os direitos dos povos, renegam os compromissos dos pactos politicos e espesinham o direito e a lei.»

... Está certo.

*

De Jayme Arthur do Costa Pinto, que ha dias falleceu—doido, informa-me um seu conhecido:

—«Era muito amigo do rei D. Carlos, e os acontecimentos de *1 de fevereiro de 1908* perturbaram-lhe o cerebro—irremediavelmente. Só pensava, nos nltimos dias, já louco e perdido, no rei morto e na Casa Pia, de que era prove-

dor, o infeliz Jayme Arthur, e tão amigo como do rei. Não pôde resistir: morreu.»

E sei que foi um homem de bem.

Toda a gente pode ler no *Seculo*, de hontem, o caso de *duas pobres viuvas morrendo de fome*. E' no sinistro bairre de Alfama. Entre os diversos esclarecimantos do alludido jornal, vê-se o seguinte:

«Ambas doentes e ambas absolutamente ao desamparo, facil é calcular quantas privações as duas desventuradas familias não terão soffrido. Passam dias e dias sem comer, e roupas para se agasalharem nas noites de inverno, em que o frio é intensissimo, não téem um misero trapo, sequer. Poderá haver desgraças grandes, formidaveis manifestações de mizeria. A que attingiu as duas viuvas, que o mesmo destino adverso reuniu, é, porem, d'aquellas que compungem até á derradeira fibra da alma humana. E ambas sa-

bem soffrer com heroismo stoico a tortura a que as suas estrellas fatidicas as condemnaram.

«A Misericordia de Lisboa dá 30 réis por dia e meio pão ás desgraçadas. O governo civil dava-lhes um subsidio, que lhes retirou — (decerto por sabias razões de economia).»

O parentesis é meu.

*

E tambem é meu o seguinte:

«A Santa Casa da Misericordia não póde alargar-se em esmolas, porque tem de augmentar o seu brilhante *deposito* — e porque tem de pagar ao *Murinello* — 120$000 réis por mez, que o indecente vae comendo em casa — assim castigado pelos seus feitos — e dignamente protegido.»

Está certo.

*

E tambem o está o facto de aquellas agonisarem em Lisboa, e a caridade ir para a Italia. —

«Porque a caridade não tem patria». Alléga o *Zé dos Anzoes*, esse maduro.

Certo é — insistia o grande Camillo Castello Branco — que deixaremos este mundo tão mau e tolo como o encontrámos. Ou talvez mais.

*

Referindo-se a um livro meu, ha dias publicado, diz hoje, no *Diario de Noticias*, o meu velho e bom amigo Candido de Figueiredo:

«O autor (eu) arquiva as virtudes e os defeitos — principalmente os defeitos...»

Póde-se concluir que eu sinto especial tendencia para a exposição dos erros do proximo. A verdade é que eu muito folgo em registrar belleza e bondade. A culpa não é minha, se mais avultam os defeitos contrarios. Mentir, ou calar-me: estou velho para emendas e o que havia a perder, por luctar contra a maré, está perdido. O que se chama *socego* foi-se, mas vem ahi o Descanço.

Incontestavel é que a olhos vistos médram a a Hypocrisia de uns, o Descaramento de outros, a Parlapatice, a Intrujice, a Covardia, etc. As altas e grandes intelligencias vão faltando; a velhacaria alastra-se. Diz o padre *Chiça* — que é da falta de religião. Ou do excesso da pinga?

*

Está sendo muito execrada a Camara Municipal de Lisboa.

Pense ella n'isto:

— «Dize-me quem te odeia e dir-te-hei quem tu és».

E adiante!

*

— Perdigão perdeu a pena, não ha mal que lhe não venha. Aquelle Guilherme II, tão grande como sympathico e muito bem defendido pelo *Covarrubias das tricanas* (M. P. no 1.º distr cr.) está um verdadeiro *martirisado*, como lhe chamaria o venerando octagenario sr. Ramalho Ortigão. Frisa o bom amigo da Austria uns direitos que o *Seculo* assim desenvolve:

. . . .

«Segundo a constituição em vigor, o imperador do Allemanha fax preparar e promulgar as leis, provê á sua execução, nomeia os funccionarios e demitte-os. Os seus actos são publicados em nome do imperio; com a rubrica do chanceller, que, por este facto, assumme a inteira responsabilidade.»

Eis senão quando... vejam este telegramma:

«Berlim, 26. — A commissão parlamentar do reichstag resolveu a restricção dos poderes de kaiser, tornando o chanceller e o parlamento responsaveis pelos actos do imperador, principalmente no que diz respeito á politica externa.»

Dão com elle em... não digo, que o das tricanas dá-me suggestões perigosas. Raio de *Sensus* latino e negregado *Kriterion* grego! Vá lá essa pitada!

*

Olhem para isto: noticia do tribunal de Lisboa (Boa Hora):

«Na manhã de 8 do corrente, chegou-se ao guarda que andava de serviço no largo de S. Roque o menor de 17 annos Antonio José Rodrigues, pintor, de Monchique, e denunciou-lhe uns menores que, pouco antes, haviam entrado, por meio de arrombamento, no kiosque da praça de D. Pedro, pertencente ao sr. Manoel Rodrigues, de onde furturam algumas caixas com tabaco, bilhetes postaes e um lenço de seda.

«Presos os denunciados, que eram os menores Armando dos Santos, de 11 annos, com 12 prisões; Urbano Rodrigues, de 13 annos, com 3 prisões; Alberto Gonçalves, de 9 annos, com 12 prisões, e Antonio Pinheiro, de 13 annos, com 3 prisões, o captor conduziu tambem para a esquadra o Rodrigues, enviando-o para o tribunal, juntamente com os pequenos gatunos, e accusando-o de co-participação no furto e de se entregar á vadiagem.

«Provado hontem, em audiencia no 2.º districto, que nada tinha com o caso, foi mandado em liberdade e bem assim o Alberto Gonçalves, por falta de imputabilidade, visto ter apenas 9 annos, sendo os restantes condemnados no tempo

de prisão já soffrida e entregues ao governo para darem entrada n'uma casa de correcção.»

... Casas de correcção? — Não ha logares. Logo: cadeia do Limoeiro, aos 11 annos. E para lá irão todos, — que a caridade portugueza foi ali, á Italia, e já vem.

Fixemos isto, em que peze a repugnancias. Estrebuxa ainda a vilissima e descarada especulação da *Loucura de Jesus*, escorrencia das locubrações de um sabio em Paris formado, sobre as Escripturas, e já outro sabio, *criminoso nato* de Lombroso, conclue, espojando-se sobre as mesmas, que *Jesus nunca existiu*. Criticos pingados e pingas applaudem, simultaneamente, a descoberta da *loucura* e a da *existencia*. Tudo scientifico! Eu diria — *Tudo bebado!* se não visse a esfregarem os pés de cima, em lucido regalorio, os réles especuladores internacionaes — que nem sequer pódem alegar, para cobrirem a armadilha ignobil, sinceros intuitos de sua propaganda!

Como tal, a agitação é contraproducente. O

publico deixar-se-ha explorar por curiosidade, mas ao termo de taes leituras não haverá um *elucidado* a mais, e só sim, o robustecer da Crença — pela indignação.

Descalcem-me os criticos palurdios este artefacto de coirama scientifica : — Se o primeiro sabio bebeu nas Escripturas a *loucura*, como foi que o segundo sabio lá bebeu a *não existencia?* E como, na dupla escorrencia, beberam taes criticos a mesma conclusão — para o applauso ? !

Os dois *factos* estão abaixo, é certo, da discussão e do castigo. Obedecem os seus creadores ao mesmo intuito, hediondo, de *exploração do escandalo,* attentando contra o que de mais nobre, suave e humano existe ainda hoje na Crença: o respeito pelo grande amigo e sublime defensor dos pequeninos e dos opprimidos. Não se discute a embuscada ignobil: assignala-se, porém, como aviso á dignidade inlellectual — desprevenida.

Do *Seculo:*

O livro «Em férias»

Silva Pinto explica os motivos porque essa obra não foi impressa por conta do Estado

Do illustre escriptor Silva Pinto recebemos a seguinte carta:

«*Meu prezado collega.* — Quer saber um patriota, dos que n'estas curiosidades fazem consistir o patriotismo, como se deu o facto de, a proposito do meu livro *Em férias*, eu haver ido ao paço dos nossos reis. Ha n'isto seus visos de intenção maliciosa — o que não quer dizer de espirituosa intenção: póde se ser malicioso, sem quebra de perfeita estupidez. Mas eu já explico tudo isso.

Aconteceu, um dia, n'este abençoado torrão, que eu procurasse o sr. conselheiro Abel d'Andrade, director geral de instrucção publica, para o fim de lhe apresentar o original do meu livro *Em férias*, perguntando-lhe se a acquisição de

tal prosa, por parte do governo, prejudicaria esse governo, ou a instrucção publica, ou a infancia subordinada ás conclusões officiaes d'essa instrucção. Simultaneamente, expliquei áquelle funccionario a intenção litteraria e doutrinaria do meu trabalho, e por elle me foi dito que muito se vangloriava em receber uma obra subsidiaria, e com real valor, da sua obra pessoal.

Era, ao tempo, ministro do reino e da instrucção publica Hintze Ribeiro, com quem eu nem sequer nutria relações de simples cumprimentos, sendo bem tenues as que existiam entre mim e o sr. director geral de instrucção publica. Como quer que fosse, estabeleceu-se um contracto, e o meu trabalho passou ás mãos do administrador da Imprensa Nacional.

Ia, portanto, a converter-se em *livro*, quando subitamente cahiu o governo, e appareceu no estrado, ou no palco, a *situação João Franco.*

E' claro que o mesmo foi surgir tal personagem e, para logo, ser dado como inutil qualquer compromisso do ministro Hintze Ribeiro e do director geral Abel Andrade. Como eu assim o comprehendesse, o que não exigia grandes es-

forços de comprehensão, dirigi-me ao paço dos nossos reis, e procurando ali o senhor D. Carlos, que não era um meu superior intellectual, mas que não deixava de ser intelligente, expliquei-lhe o meu trabalho, o contracto com o governo e a annullação d'esse contracto, por João Franco, e pedi lhe, como ao chefe do Estado, com relativas responsabilidades em toda a parte condemnavel do assumpto, que fizesse respeitar o contracto, pois que não havia duvidas ácerca da competencia do director geral de instrucção publica.

E então o chefe do Estado garantiu-me, muito cortezmente e com apparencia de muita sinceridade, que muito se interessava na materia e no caso, e que tudo ia recommendar ao supracitado João Franco.

Com effeito, dois dias depois, eu soube que el-rei recommendára tudo ao seu novo presidente do conselho e que este respondera — que ia estudar o assumpto.

Sr. redactor e meu muito querido collega. Ha mais de dois annos que o caso se passou. Ordinariamente, e com razão, julgam-me pouco ri-

sonho; pois, sempre que me lembro do *João Franco a estudar*, desato a rir...

Mais nada. — De v. etc. — *Silva Pinto.*

«Em férias»

Trechos escolhidos, coordenados por Silva Pinto

Depois de dotar as lettras do seu paiz com obras que honrariam qualquer litteratura, Silva Pinto, o incançavel trabalhador, o escriptor illustre e o polemista vigoroso, que é hoje uma das mais incontestaveis glorias da nossa terra, entendeu que na sua bagagem litteraria havia ainda uma lamentavel lacuna e que preenchel-a era um dever a que o seu luminoso espirito, e a sua alma de artista, como os que o são, não podiam, impunemente, furtar-se. E, assim, lançando mãos á empreza, forrageando anciosamente pelos bons auctores, que conhece como os seus dedos, ora prestrando acrisolado culto a uma velha ami-

zade, ora pegando n'um trecho cuja belleza lapidar se impuzesse a todos os que sabem sorver o deslumbrante encanto de um bocado de prosa ou a harmonia divina de uns versos modelares, Silva Pinto compoz o seu livro, esse livro com que de ha muito vinha sonhando, e que fica constituindo, como elle proprio o declara, o élo forte a ligar as gerações que se vão formando á dos intellectuaes que desappareceram e á dos que, sendo vivos, tão pouco conhecidos são pelo grande publico, que é como se não existissem. Nasceu assim o volume *Em Férias*, destinado a ser lido por aquelles que, após largos mezes de lucta, debandam n'um dado momento, quando agosto quente chega, e vão por essa provincia fóra, desannuviar a alma e procurar novas energias para não cahirem vencidos a meio da batalha que encetaram. E a obra de Silva Pinto corresponde fartamente ao fim a que se destina, constituindo-a joias litterarias de primeira grandeza, assignadas por Camillo Castello Branco, Narciso de Lacerda, Guerra Junqueiro, Cezario Verde, Julio Cezar Machado, Eugenio de Castro e Beldemonio, alem de novas producções de

Silva Pinto, que bem podem collocar-se, sem favor, ao lado dos melhores que a penna fecunda do grande litterato tem produzido.

(Seculo.)

«Proponho-me, abrir n'esta folha uma secção especial, onde, de quando em hora, exare curtas anotações a livros recem-apparecidos, em nosso portuguez, de Portugal e do Brazil.

«E, como aos de casa, em distinctos casos, preferencia se deva, hoje começando, principiarei pelo volume, exhibido ao publico por um editor meticuloso, o sr. França Amado, de Coimbra, e coordenado, collaborado e prefaciado por Silva Pinto. Intitula-se o livro *Em Férias*, e como brinde se apresenta *Da familia ás creanças.* Comprehende trechos em verso de João de Deus. Narcizo de Lacerda, Eugenio de Castro, Cesario Verde e Guerra Junqueiro, e em prosa de Camillo Castello Branco, Barros Lobo, *(Beldemonio)*, Julio Cesar Machado e Silva Pinto, o organisador da interessantissima selecta.

. . . .

«E, quanto a elles-mesmos, vivamente interessantes que os trechos de Silva Pinto se nos patenteem, tão de raiz não só escriptor como litterato Silva Pinto seja.

«Em regra, não se repara n'isto, porque subtil, tem sua profundidade; e é que o escriptor póde fazer-se e chegar a ser esplendido, mas o litterato nasce e não ha escola onde elle aprenda a ser. Ha grandes escriptores mesmo que nunca foram litteratos, e até entre nós as noções andaram de tal maneira confusas que chegou a considerar-se como o suprasumo de talento de escrever uma simples mechanica academica, adquirivel com o estudo e facilmente imitavel pela repetição.

«Do livro actual de Silva Pinto podem não só as creanças, mas ainda os adultos, colher proveitosa lição, a vario respeito, de par que concorram todos quantos o lerem para dar cabal sancção a um dos propositos a que visou Silva Pinto n'este seu trabalho. Seu scopo foi o de contribuir para pôr termo ao «desconhecimento lamentavel que o nosso povo mantém ácerca dos Intellectuaes, — desconhecimento da anti-

pathia». Esta situação, mental e moral, é duplamente lastimosa, pelo confronto desconsolador que Silva Pinto fez perante «as relações espirituaes de povos estrangeiros com os seus respectivos escriptores». «Assim, aos seus accrescentou os alheios trechos litterarios, para, por sua leitura, habilitar os neophitos a distinguir e a repelir as inepcias que rebaixam as nossas Lettras quando pretenderem impôr-lh'as». Nos seus leitores, com o seu volume pretendeu Silva Pinto desenvolver «o gosto pela Litteratura, sem o qual é incompleto o Bom Gosto», estabelecendo «uma corrente affectuosa do leitor para os escriptores» e despertando nos juvenis espiritos «a vontade de conhecer os Intellectuaes restantes».

«Além dos prosadores incluidos no volume *Em Férias*, encerra o livro, como acima disse, composições poeticas de João de Deus e Cesario Verde, mortos, de Guerra Junqueiro, Narciso de Lacerda e Eugenio de Castro, vivos ainda, felizmente, para bem das lettras e prestigio da patria. Cesario Verde nunca foi muito conhecido no norte do paiz, apesar de ser uma natureza esthetica quintessenciada; e relembrar seu

nome e sua obra, eis ahi um dos meritorios titulos d'este livro, agora editado em Coimbra, onde vive um artista primoroso, dos offerecidos no volume *Em Férias*, o sr. Eugenio de Castro.

«Na lista dos prosadores encontra se um auctor tambem hoje como que esquecido e cujo talento de escrever foi insigne, *Beldemonio*, isto é, Eduardo de Barros Lobo. Morreu já, como, e n'uma desgraça assaz desastrosa e terrivel, morto é outrosim Julio Cesar Machado, litterato ingenito, a cuja memoria, no seu livro, Silva Pinto consagra algumas paginas eloquentes.

(Voz Publica)

Bruno.

Em férias, *coordenado, collaborado e prefaciado por Silva Pinto.*— 1908, Coimbra, França Amado, editor, 268 pag.

E' uma selecta, mas não haja confusões; o auctor não organisou nenhum compendio escolar, nem colligiu numerosos trechos, para leitura e

analyse de meninos, condemnados á enxertia das regras da grammatica e da estilistica nos diversissimos ramos do nosso pomar litterario. Não, senhores: é uma selecta de novo genero. O auctor explica: — «Livro para ser lido em férias..., para aligeirar as merecidas horas de descanço..., sem ministrar ao estudioso, novissimas noções da materia dos seus estudos...» —

Como succede em todas as organisações profundamente affectivas, o auctor deu a este livro a nota sympathica de um criterio luminoso, mas subjectivo; isto é, a compilação, afóra algumas prosas brilhantes do proprio compilador, abrange excellentes versos dos poetas modernos, que Silva Pinto mais preza, e trechos de prosa dos prosadores que Silva Pinto mais estima. Os poetas são Narciso de Lacerda, Junqueiro, Cesario Verde, João de Deus e Eugenio de Castro; os prosadores são Camillo, Julio Machado e Beldemonio. Não é grande a variedade de extractos e auctores?

Em compensação, não ha meio de achar longo nenhum d'aquelles extractos. Em prosa, bastanos só o encanto d'aquella narrativa de Camillo,

Historia de uma porta. Que poderosas faculdades descriptivas! Que espontaneidade e que poder de suggestão em cada dialogo do grande mestre!

Na parte poetica, especialisaremos um fragmento de João de Deus, fragmento de um dos trabalhos menos conhecidos e mais notaveis do saudoso poeta. São versos, que Silva Pinto, embora o não diga, extrahiu da *Lata*, um poemeto originalissimo, ás vezes extravagante e até incorrecto, mas entresachado de bellezas extraordinarias, sublimidades de conceito, relampagos de graça, assomos de critica pungente... Uma faisca de genio, em suma. Parece que os criticos ainda d'ella não deram fé.

Mais elogiavel, portanto, a resolução de Silva Pinto, ao incluir na sua colectânea um trecho da originalissima *Lata*.

(Diario de Noticias)

C. de F.

E' o ultimo livro de Silva Pinto, que vem re-

ceber o numero 58 na ordem chronologica e numerica do auctor !

Que ha de a gente dizer do livro, se somos de casa, de panella e pucarinho com o escriptor ?! Era, quasi, do mesmo á mesma. Para nós, Silva Pinto é uma reliquia, resto de maior quantia, a relembrar uma geração que lá vae. Já não se escreve assim ; e, quando aquella fórma era a norma, poucos a seguiam como elle. Resto de maior, mas não de melhor.

Dizer, não podemos. Pedir, sim ; até mesmo aconselhar. Leiam ! Leiam ! Aquillo é como a dorna do pez ; quem cae, fica.

E' como uma rua de rozas ; quem vê e cheira a primeira, vae até á ultima, n'um crescendo de finos perfumes!

(Epoca)

Z. C.

*

E já que no *Em férias* eu penso, sempre quero reproduzir umas linhas de uma carta que recebo de um meu caro amigo, — dignamente estimado pela fina flôr do nosso meio social :

«Está a lêr o seu livro o meu João, que me disse: — Oh meu pae! Porque é que não dão á gente selectas como esta?!»

... Não ha para recompensar-nos — como as creanças!

*

Diz me, por escripto, uma das mais illustres mulheres de Portugal:

«Ao meu filho Joãosito, que fez, este anno, o seu primeiro exame, e ficou distincto, entreguei o seu livro. Merecia-o.»

Bello!

Do *Diario de Noticias*, — de *C. de F.*:

«**Entre nós** (1907-1908), por *Silva Pinto* — 1908. Lisboa, Parceria A, M. Pereira, 384 pag.

«E' a 58.ª publicação de Silva Pinto. Critico, humorista, panfletista, o auctor tem atravessado quarenta annos de trabalho e de lucta, esvurmando pústulas sociaes, batendo para a direita

e para a esquerda, contundindo gregos e troyanos, glorificando du passagem algum santo da sua devoção, e fazendo impiedosas loções de agua salgada as feridas que vae abrindo, por impulso do seu temperamento e descargo da sua consciencia.

«Natural é que esta consciencia e aquelle temperamento se não conciliem sempre com o sentir e pensar de todos os que o lêem; mas ninguem, de certo, se esquiva a saborear a prosa caustica de Silva Pinto, extrahida talvez dos tinteiros de Mirecourt, de Veuillot, de Gustavo Planche. Cremos, até, que os proprios feridos, ainda quando julguem immerecido o látego, acharão inconfessado refrigerio nas scintilações de um poderoso e revoltado talento.

«*Entre nós* são *notas á margem*, rapidos commentos quotidianos de um observador á vida portugueza, ás fraquezas, ás miserias, aos desconchavos, que salpicam o nosso microscosmo social, politico, artistico... Se uma nação peccadora é susceptivel de contricção, púde vêr ali o seu exame de consciencia».

Do *Seculo:*

«Frente a frente!

«O novo livro do sr. Silva Pinto

«O consagrado escriptor dos *Combates e Criticas*, accrescentou á sua já longa série de trabalhos litterarios mais um volume, no genero d'aquelles que se intitulam *O riso amarello*, *Pela vida fóra*, *No mar morto*, etc., e que, se não estamos em erro, se iniciaram em 1895, com a *Philosophia de João Braz*. Chronicas e annotações publicadas, dia a dia, na imprensa, sobre os mais diversos assumptos, selecciona-as o notavel prosador para a composição d'estes volumes, de pequeno formato, mas de substanciosa lição. *Frente a frente*, a nova recompilação de Silva Pinto. refere se a acontecimentos occorridos no anno de 1908. A edição pertence á Parceria Antonio Maria Pereira.»

*

Do *Diario de Noticias.* — de *C. de F.*:

«**Frente a frente!** (1908), por Silva Pinto. — 1909, Lisboa, Parceria A. M Pereira, editora. 400 pag. *in 16.º*.

«Pertence este volume á série, já longa, dos volumes, em que o auctor archiva as annotações, que diariamente lhe suggere a politica, os costumes, a litteratura, as virtudes e os defeitos — principalmente os defeitos, — dos nossos homens e das nossas coisas, e que elle transmitte ás folhas volantes do jornalismo, joeirando depois essas annotações, e fixando as no livro.

«O publico já lhe conhece a indole litteraria e critica; os seus apreciadores, que são muitos, regalam se sempre com aquella linguagem tersa e incisiva, que fére desapiedadamente, sem suscitar reclamações, o que vale um attestado de justiça.»

FIM

OBRAS DE SILVA PINTO

Questões do dia, 1870.
Sciencia e Consciencia, 1870.
Farçadas contemporaneas, 1870.
Novas Farçadas contemporaneas, 1871.
A questão da Imprensa, 1871.
Theophilo Braga e os Criticos, 1871.
A' hora da lucta, 1872,
Horas de febre, 1873.
O Espectro de Juvenal, 1873.
Eugenia Grandet (trad.), 1873.
O Padre maldicto, 1873.
Balzac em Portugal, 1873—4.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal), 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal), 1875.
Emilia das Neves e o Theatro Portuguez, 1875—2.ª ed.
Contos phantasticos, 1875.
Os homens de Roma (drama), 1875.
A questão do Oriente, 1876.
Revista Litteraria, 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo), 1877—6.ª edição.
Do Realismo na Arte, 1877 — 6.ª edição.
Nós e a Alfandega do Porto, 1877—4.ª edição.
O Padre Gabriel (drama), 1877 —2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios, 1878.
No Brazil, 1879—2.ª edição.
O Emprestimo de D. Miguel, 1880—5.ª edição
Realismos, 1880—4 ª edição.
Combates e Criticas, 1882—2.ª edição.
Novos Combates e Criticas, 1884—2.ª edição.
Terceiro livro de Combates e Criticas, 1886—2.ª edição.
O Caso de Marinho da Cruz, 1889.
Camillo Castello Branco, 1889.
A Mulher do capitão Branican (trad.), 2 vol. 1892.
Philosophia de João Braz, 1895.
Santos Portuguezes, 1895.
Theorias de João Braz.
N'este Valle de Lagrimas, 1896.
A queimar cartuchos, 1896.
De palanque, 1896.
O riso amarello, 1897.
Noites de vigilia (4 vol.), 1897.
Criterio de João Braz, 1898.
Memorias d'um suicida (trad.) 1898
A torto e a direito, 1900.
Pela vida fóra, 1900.
Alta noite, 1900.
O mundo furta côres, 1900.
Moral de João Braz, 1901.
No mar morto, 1902.
S. Frei Gil, 1902.
Por este mundo, 1903.
Alma humana, 1904.
No Coliseu, 1904.
A velha historia, 1906.
Ao correr do pêllo, 1906.
Na travessia, 1907.
Em férias, 1908.
Entre nós, 1908.
Frente a frente, 1909.
Para o fim, 1909
Na Procella (no prélo)
Ha 40 annos (idem).